



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-CAMPUS V  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA REGIONAL E  
LOCAL



ALEX SANDRO DA CONCEIÇÃO BRANDÃO

SANTOS REIS: FESTA, PODER E MEMÓRIA NA COMUNIDADE RURAL DE  
ALDEIA (GOVERNADOR MANGABEIRA-BA 1970-2000).

SANTO ANTONIO DE JESUS - BA,  
ABRIL - 2011.

ALEX SANDRO DA CONCEIÇÃO BRANDÃO

SANTOS REIS: FESTA, PODER E MEMÓRIA NA COMUNIDADE RURAL DE  
ALDEIA. (GOVERNADOR MANGABEIRA-BA 1970-2000)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, da Universidade do Estado da Bahia/UNEB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

ORIENTADOR: PROF<sup>o</sup> DR<sup>o</sup> GILMÁRIO MOREIRA BRITO

SANTO ANTONIO DE JESUS – BA  
ABRIL – 2011.

## TERMO DE APROVAÇÃO

SANTOS REIS: FESTA, PODER E MEMÓRIA NA COMUNIDADE RURAL DE  
ALDEIA. (GOVERNADOR MANGABEIRA-BA 1970-2000)

ALEX SANDRO DA CONCEIÇÃO BRANDÃO

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. GILMÁRIO MOREIRA BRITO (Orientador)  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmélia Aparecida Silva Miranda  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizete da Silva  
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edilece Souza Couto (Suplente)  
Universidade do Estado da Bahia – UFBA

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. RAIMUNDO NONATO PEREIRA MOREIRA (Suplente)  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

SANTO ANTONIO DE JESUS - BA  
ABRIL - 2011

Aos meus pais:  
Hermes Oliveira Brandão (in memoriam)  
Maria Isabel da Conceição  
À minha irmã Ana Maria da Conceição Brandão (in memoriam)  
E aos meus sete irmãos.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho não seria realizado sem o apoio de várias pessoas que em suas singularidades contribuíram de forma imprescindível para a efetivação dessa dissertação, que, sem dúvida, tem um caráter coletivo. Dessa forma, gostaria de externar os meus agradecimentos a todas essas pessoas que direta ou indiretamente tiveram participação para a conclusão desta pesquisa.

Quero primeiramente agradecer ao professor Dr.<sup>o</sup> Gilmário Moreira Brito, orientador deste trabalho, pela forma aberta e agradável com que conduziu as orientações, pela firmeza e coerência ao fazer as observações, apontar sugestões e caminhos principalmente, no sentido de melhor explorar as narrativas. Querido mestre, serei eternamente grato por tudo.

Manifesto meu agradecimento às professoras Elizete da Silva e Carmélia Miranda pelas observações feitas na qualificação, bem como por apontarem possibilidades e sugestões muito valiosas para a construção do texto.

Devo expressar meus agradecimentos a Irio Santos Ribeiro e Oséas Fernando Oliveira, funcionários do Arquivo Público do Município de São Félix, pela hospitalidade, pela colaboração e pela atenção com as quais atendiam as nossas solicitações. De igual forma agradeço aos funcionários da secretaria da Câmara de Vereadores da cidade de Muritiba.

Quero agradecer também aos amigos Cláudio Roberto e Margarete Nunes pelo incentivo para participar da seleção do Mestrado, a Naíze Pimentel pela prestimosa colaboração, principalmente, articular o contato com alguns depoentes na cidade de Muritiba e, de igual forma, agradeço ao professor Elson por feito o abstract. Agradeço muitíssimo a meu irmão, José Mário da Conceição Brandão que sempre se dispôs a me conduzir a Salvador para as orientações na UNEB, para o Arquivo Público do Estado, para a Biblioteca Pública e para o Centro de Estudos Baianos na UFBA. Não poderia deixar de agradecer às secretárias do Mestrado, Ane e Consuelo, pela eficiência e profissionalismo.

Agradeço de forma muito especial a meus familiares e amigos que compreenderam minhas ausências, principalmente a minha mãe Maria Isabel da Conceição que se alfabetizou aos 50 anos de idade, mas que sempre procurou criar

condições para que seus nove filhos pudessem estudar. Agradeço também pelos vários momentos que sentou comigo para relatar suas vivências e experiências com os festejos em louvor aos Santos Reis, bem como indicando pessoas para serem entrevistadas.

Na poderia deixar de expressar meu especial agradecimento a Jaqueline-Jack- minha querida namorada pela paciência, pela compreensão, pela ajuda na realização das entrevistas e, principalmente, pelas transcrições, bem como pelas leituras e sugestões prestimosas visando melhorar a escrita.

Por último, porém não menos importante quero manifestar minha eterna gratidão aos moradores de Aldeia, sem os quais essa pesquisa não seria concluída, uma vez são eles que conhecem a festa dos Santos Reis por “dentro”. Assim, expressei meu agradecimento a esses narradores que me receberam em suas casas e, com hospitalidade se dispuseram a socializar suas memórias sobre essa manifestação religiosa e festiva muito significativa entre os moradores da comunidade.

Não poderia deixar de agradecer ao Grande Arquiteto do Universo por sempre ter me orientado com sua sublime sabedoria nesse percurso, dando-me coragem e ânimo para vencer os obstáculos que surgiram no transcorrer da pesquisa.

Muito obrigado.

## RESUMO

Estudar os festejos em louvor aos Santos Reis, padroeiros da comunidade rural de Aldeia, localizada no Município de Governador Mangabeira-BA, entre os anos de 1970 e 2000, consiste em analisar os significados dessa manifestação de caráter religioso e festivo para os moradores dessa comunidade. Para tanto, utilizamos as memórias desses moradores como recurso metodológico primordial a fim de compreender as peculiaridades dessa festa, o que a torna singular em relação a outras festas em louvor aos Santos Reis no recôncavo, bem como analisar a relação entre sagrado e profano como constitutivas dos modos de vida dos grupos sociais daquela comunidade. Outra questão que buscamos compreender com a pesquisa é como os moradores de Aldeia entendem e participam do processo de reinvenção que a tradição de festejar os três Reis Magos vem passando ao longo do tempo, haja vista, que as tradições não significam sobrevivência de antigas formas e práticas ossificadas no tempo, mas, sim, sua capacidade de agregar e articular novos elementos, construindo, dessa forma, novos significados.

**Palavras-chave:** Festa; memória; poder; religiosidade.

## **ABSTRACT**

Study the celebration in the Sant King, patron in the community rural of the, localization in City of Governador Mangabeira-BA, between the years of 1970 and 2000, consist in to analyze the meanings this manifestation character religion and festive to the dweller this community. By so much, use the memorys this Dweller With recourse metodologic primordial similar of comprehension the peculiarity this fest, the what the return singular in relation the some fest in praise the Sant King in recess, well how analyze the relation between sacred and profane how the constitute of the manners of life of the groups sociabel that community. Other question what seek comprehension with the research is how the dweller of Aldeia understand and participate of the process of reinvention what the tradition of celebration the there Kings Magician is pass to, the long of the time, there are, what the traditions no meanings survial of ancient form and practice ossification in the time, but, yes, your capacity of to associate and articulation new elements construction, this form, new meanings.

**Key-words:** Fest; memory; can; religious.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa de Governador Mangabeira .....	29
Figura 02 – Mapa do Recôncavo Sul.....	37
Figura 03 – Os três Reis Magos.....	56
Figura 04 – Ritual do Ofertório.....	63
Figura 05 – Procissão em Louvor a Santos Reis.....	70
Figura 06 – Ritual de Transmissão da Bandeira da Festa.....	71
Figura 07 – Ato de Devoção.....	76
Figura 08 – Lavagem Dançante.....	127

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I – O LUGAR DA FESTA EM LOUVOR AOS SANTOS REIS.....</b>	<b>27</b>
1.2 - GOVERNADOR MANGABEIRA NO CONTEXTO DO RECÔNCAVO FUMAGEIRO. ....	34
<b>CAPÍTULO II - NA ROTA DA FESTA: RELIGIOSIDADE E MEMÓRIA EM LOUVOR AOS SANTOS REIS EM ALDEIA.....</b>	<b>47</b>
2.1-SANTOS REIS: A CONSTRUÇÃO DA TRADIÇÃO NA COMUNIDADE RURAL DE ALDEIA.....	50
2.2- AS NOVENAS E AS LAVAGENS: O SAGRADO E O PROFANO NO LOUVOR AOS SANTOS REIS.....	58
2.3- AS LAVAGENS E O BUMBA- MEU- BOI: A DIVERSÃO EM LOUVOR EM SANTOS REIS.....	65
2.4- DEVOÇÃO, PROTEÇÃO E FÉ EM LOUVOR AOS SANTOS REIS.....	73
<b>CAPITULO III- SANTOS REIS: FESTA E PODER NA COMUNIDADE RURAL DE ALDEIA.....</b>	<b>81</b>
3.1- “O MANGANGÃO DAQUI ERA GENIS DIAS”: FESTA E PODER EM LOUVOR AOS SANTOS REIS.....	82
3.2- O ROÇADO E A FESTA: RELAÇÕES DE TRABALHO NA COMUNIDADE RURAL DE ALDEIA.....	91
<b>CAPÍTULO IV - A FESTA DOS SANTOS REIS EM ALDEIA: SIGNIFICADOS TRADICIONAIS E MODERNOS.....</b>	<b>109</b>
4.1- ENTRE O BAILE DAS MOÇAS E O BAILE DA FUMAÇA: A SEGREGAÇÃO SÓCIO-RACIAL NA FESTA DOS SANTOS REIS.....	114
4.2- O BUMBA-MEU-BOI E A BURRINHA DE BEIRA MAR: O TEMPO DA FESTA ORGANIZADA PELA COMUNIDADE.....	121

4.3- A CONTRATAÇÃO DOS MÚSICOS: O TEMPO DA FESTA ORGANIZADA PELOS FAZENDEIROS.....	124
4.4- DAS LAVAGENS AO TRIO ELÉTRICO: O TEMPO DA FESTA ORGANIZADA PELO PODER PÚBLICO MUNICIPAL.....	129
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
6- FONTES.....	143
7- REFERÊNCIA .....	146

## INTRODUÇÃO

Pesquisar a festa dos Santos Reis na comunidade rural de Aldeia, Município de Governador Mangabeira, tem, para mim, um valor especial, tendo em vista que na condição de filho de agricultores, rendeiros da comunidade, ali nasci e morei até os dois anos de idade, quando minha família, dispendo de melhor condição financeira, conseguiu comprar uma pequena propriedade em outra localidade, depois de muitos anos vivendo em propriedades alheias na condição de rendeiros. Mas, essa mudança não me afastou da comunidade de Aldeia, tampouco da festa dos Santos Reis, já que, acompanhado de minha mãe ou meus irmãos mais velhos, sempre voltei à comunidade para rever amigos, antigos vizinhos, padrinhos de batismo, com os quais fui construindo uma teia de relações de sociabilidade e, no mês de janeiro, volto para participar dos festejos em louvor aos Santos Reis, padroeiros da comunidade.

Na memória ficaram registrados acontecimentos de minha infância na comunidade de Aldeia que instigam as lembranças dos adjutórios, dos momentos de raspar mandioca, manocar<sup>1</sup> fumo, da diversão, da alegria com o samba, com o requebrado e o rodopiar do bumba- meu –boi e das burrinhas de beira mar que com sua magia e arte contagiavam centenas de pessoas, homens, mulheres, jovens, crianças, pequenos agricultores, feirantes, pessoas comuns que ainda hoje se encontram para celebrar esse momento festivo.

Essas minhas lembranças também foram construídas na interação com o meio social, uma vez que, na condição de morador de Aldeia e participante da festa dos Reis, ouvi e convivi com pessoas que narraram suas experiências elaboradas a partir das relações sociais, na labuta diária no roçado, nas práticas de ajuda mútua e, principalmente com o envolvimento na organização ou simplesmente participando das comemorações em homenagem aos padroeiros da comunidade de Aldeia.

O estudo dessa temática começou a ser vislumbrado a partir de algumas conversas informais com moradores da comunidade de Aldeia que lamentavam que a festa tinha acabado. Essas conversas despertaram para o seguinte

---

<sup>1</sup> Manocar é ato de fazer molhos com as folhas do fumo após o processo de secagem.

questionamento: se a festa acabou, por que as pessoas se encontram todos os anos a partir do dia primeiro de janeiro para louvar os Santos Reis? A tentativa de responder esse questionamento começou a se construir em 2005, quando ingressei no curso de especialização em História Regional e Local na UNEB Campus V. O resultado dessa experiência foi a elaboração de um texto monográfico defendido em 2007.

Mas, com o amadurecimento das leituras sobre festas me impulsionou a pensar em outras questões sobre a organização da festa dos Santos Reis na comunidade rural de Aldeia, as quais pretendo responder ao longo desta discussão: Qual o significado da festa para os moradores de Aldeia? Como entendem e participam do novo processo de organização? Quais elementos a tornam singular a outras festas em louvor aos Santos Reis? Como o estudo cuidadoso da festa através de registros escritos, iconográficos e orais é capaz de revelar características dos modos de vida da comunidade de Aldeia? Como se costurou uma teia de relações entre o senhor Gênis Dias, a comunidade de Aldeia e a festa dos Santos Reis? Como se construiu em Aldeia a relação entre a atividade no roçado e as comemorações em homenagem aos Santos Reis?

Nesse sentido, o estudo dessa manifestação de caráter religioso e festivo não se restringe aos dias de festa, não se trata de um estudo da festa pela festa em si, mas, a partir dela analisar relações sociais, políticas, práticas de trabalho, ações de solidariedade, enfim, experiências construídas historicamente e permeiam o cotidiano dos moradores de Aldeia.

Esse cotidiano está associado ao trabalho no roçado, às conversas com os vizinhos, aos espaços de sociabilidade e de fé como as diversas ladinhas rezadas nas casas e, principalmente com a organização da festa em louvor aos Santos Reis. Mas, esse cotidiano marcado pelas regras, pelas atividades repetitivas e cansativas da labuta diária, é interrompido pela subversão dessa ordem provocada pela festa que simboliza o momento de extravasar e ao mesmo tempo repor as energias para voltar ao seu dia-a-dia ordenado por regras já estabelecidas, ou seja, o cotidiano não é estático, ele é construído a partir das relações sociais o que possibilita ser sempre reinventado. Nesse sentido, Agnes Heller<sup>2</sup> afirma que “a vida cotidiana é a

---

<sup>2</sup>HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 17.

vida de todo o homem” já que é na cotidianidade que cada sujeito se constrói, envolto nas experiências coletivas, nas relações sociais, apesar de cada homem ser único e singular, é na convivência em sociedade que constrói sua identidade.

A festa, tomada como objeto de estudo dos historiadores, conforme pontua Istvan Jancson & Iris Kantor<sup>3</sup> conquistou um espaço específico na historiografia a partir dos anos setenta do século XX, uma vez que, até então, se constituía num campo de domínio do folclore e da antropologia. Porém, os historiadores passaram a mergulhar nesse campo de estudo, procurando conhecer e refletir sobre as características dessa manifestação, e, através dela, compreender os modos de viver de uma coletividade, suas crenças, valores, costumes, tensões, comportamentos, relações de sociabilidade, as práticas religiosas, enfim, como ressalta Bakhtin, a festa expressa uma “concepção de mundo,”<sup>4</sup> ou seja, simboliza um momento que extrapola os limites da necessidade de descanso e lazer, para expressar outras relações, principalmente de poder, como se configura na festa dos Santos Reis em Aldeia.

Pensar essa diversidade de perspectivas e interesses que uma manifestação festiva comporta no seu bojo, exige uma análise que procure problematizar e refletir as contradições, os conflitos que permeiam as relações entre os diferentes sujeitos que explora o mesmo espaço, a mesma celebração para usos múltiplos, como pontua Guarinello: “toda festa pode, como vimos, comportar uma multiplicidade de sentidos particulares, segmentados, não congruentes, pode ser lida de maneiras distintas por seguimentos distintos dos participantes.”<sup>5</sup> Nesse sentido, apesar da festa produzir um identidade, isso não pode ser entendida como consenso; mesmo porque, as festas se ressignificam de maneira intensa, criando, recriando, fazendo apropriações diversas, é uma identidade que se constrói a partir das relações sociais em um determinado tempo e lugar, por isso, é dinâmica e móvel.

A festa dos Santos Reis, abordada nesta pesquisa, engendra-se em um campo de análise mais amplo, o da cultura popular, conceito complexo e ambíguo,

---

<sup>3</sup>JANCSÓN, Istvan & KANTOR, Iris. (orgs.). Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa. 2v. SP: Hucitec, 2001. v. I, p. 7.

<sup>4</sup>BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 6 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008. p. 07.

<sup>5</sup>GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In. JANCSÓN; KANTOR. Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa. 2v. SP: Hucitec, 2001. v. 2, p. 974

tendo em vista que nenhuma cultura se mantém neutra, pura, sem a interferência de elementos de outras culturas, como enfatiza Stuart Hall, “[...] A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todos, híbridos culturais”.<sup>6</sup> Dessa forma, é preciso pensar na produção da diversidade na unidade, ou seja, a cultura produzida por sujeitos históricos de uma mesma sociedade que se apresenta com características diversas, uma vez que a sociedade, bem como a cultura, não se constitui como um todo homogêneo e puro, mas, expressa as tensões, as diferenças e o intercâmbio entre as diversas dimensões resultantes dos modos de viver em sociedade, como ressalta Thompson,

[...] Cultura é um conjunto de diferentes recursos em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole: é uma arena de elementos conflitivos, que somente uma pressão imperiosa, por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante - assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.<sup>7</sup>

Assim, pensamos a cultura como uma construção social produzida no bojo das relações materiais, nas labutas diárias pela sobrevivência, na relação de dominação e resistência, enfim, representa os valores materiais e simbólicos construídos pelos sujeitos ao longo da história e transmitidos de geração para geração, que os ressignifica, porém, sem perder de vista a dimensão das contradições, das tensões e das apropriações que permeiam um agrupamento social, ou mesmo, uma manifestação comemorativa como a festa dos Santos Reis em Aldeia.

Nesse sentido, pensa-se a cultural como um elemento do cotidiano, produzidos a partir das relações sociais e de outras dimensões que envolvem os sujeitos, como as experiências elaboradas mediante o convívio em sociedade, articulando costumes, valores, crenças historicamente constituídos, expressa um determinado ‘modo de vida’, como evidencia as reflexões feitas por Raymond Williams:

---

<sup>6</sup>HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-10º ed.-Rio de Janeiro; DP&, 2005. p. 62.

<sup>7</sup>THOMPSON E. P. Introdução: costume e cultura. In: Costumes em Comum. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. p. 17.

[...] Assim, as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria “modos de vida” específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundado de forma notável pela ênfase no processo social material, foram por longo tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear.<sup>8</sup>

Portanto, não é possível, também, pensar cultura popular como uma manifestação essencialmente produzida no cotidiano dos grupos populares; mas é necessário compreendê-la mediante uma relação de força, de um processo de recriação da cultura erudita para atender à realidade do meio social e cultural das camadas populares, da mesma forma que a cultura erudita também se apropria de elementos da cultura popular e os ressignifica; isso é fundamental para se desconstruir a ideia de um purismo cultural, como enfatiza Ginzburg,

Cultura popular se define, de um lado, pela oposição à cultura letrada das classes dominantes; por outro lado, pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida. A cultura letrada, por seu turno, igualmente filtra, de acordo com suas características, os elementos da cultura popular.<sup>9</sup>

Compreendida dessa forma, as culturas são resultantes das relações sociais, da confluência e resistência de elementos de culturas diversas, ou seja, as identidades culturais são construídas no âmbito da circularidade cultural, desconstruindo, assim, a ideia de unicidade, de essência nas manifestações da cultura popular, como a festa de Santos Reis em Aldeia. Diante da complexidade e das controvérsias que envolvem o conceito de cultura popular, não podemos pensá-lo em uma perspectiva estreita, previamente dada, mas, sim, a partir das relações sociais construídas na dialética do conviver em sociedade. Essa abordagem remete às reflexões de Martha Abreu ao estudar festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, século XIX:

[...] O conceito emerge na própria busca do como as pessoas comuns, as camadas pobres ou os populares (ou pelo menos o que se considerou como tal) criavam e viviam seus valores e, no caso, as manifestações festivas, considerando sempre a relação complexa, dinâmica, criativa e política mantida com os diferentes segmentos da

---

<sup>8</sup>WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Zahar. Rio de Janeiro. 1979 p.25.

<sup>9</sup>GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Companhia das Letras, São Paulo. 1987. p. 17.

sociedade: seus próprios pares, representantes do poder, setores eruditos e reformadores.<sup>10</sup>

Portanto, cultura popular é um conceito produzido a partir das relações materiais, das trocas de experiências individuais e coletivas entre os sujeitos pertencentes a um determinado agrupamento social, haja vista que eles criam, recriam, apropriam e ressignificam valores e costumes apreendidos no exercício cotidiano do viver em sociedade. Burke<sup>11</sup>, na introdução de sua obra sobre cultura popular europeia na Idade Moderna, aponta as dificuldades enfrentadas pelos historiadores ao trabalhar com noção de cultura popular, pois o termo “da uma falsa ideia de homogeneidade”, sugerindo assim, utilizar esse termo no plural, dada a diversidade de culturas produzidas pelos indivíduos pertencentes ao mesmo agrupamento social. Em função dessa amplitude do termo, é prudente não assumir conceitos engessados, que não dá conta dos elementos simbólicos, das vivências e experiências construídas pelos sujeitos individual e coletivamente, enfim, todos os seus fazeres.

Os caminhos para a pesquisa de temática como festa só começaram a ser abertos na primeira metade do século XX, quando se verificou um movimento de renovação teórico-epistemológico, principalmente na França na década de 1930, com a Escola dos *Annales* liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch, que procuraram alargar o campo de atuação do historiador, no qual a história política e militar foi cedendo espaços para a história econômica, a história social, a história cultural; enfim, a história foi construindo um corpo teórico metodológico que visa abarcar todo o fazer humano.

É nesse contexto de reformulações, no campo da historiografia, que os conceitos de método de investigação, de objeto, de documentos utilizados para a construção de discursos sobre o passado foram ampliados para além do documento escrito e oficial, possibilitando o historiador fazer uso das diversas linguagens produzidas pelo homem para escrever a história.

Assim, estudar a festa dos Santos Reis em Aldeia - Governador Mangabeira - utilizando como recurso metodológico essencialmente a narrativa oral e a fotografia,

---

<sup>10</sup>ABREU, Martha. O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 28 e 29.

<sup>11</sup>BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 16.

só se tornou possível em função das reviravoltas provocadas no campo historiográfico com o surgimento da Nova História que procurou dá enfoque à pluralidade das experiências humana, ampliando as perspectivas de abordagens históricas, evitando, assim a simples narrativa estanque dos fatos. Além do direcionamento da pesquisa para tudo aquilo que é resultado do construto humano, a Nova História alargou a noção de fontes históricas, possibilitando, ao pesquisador, chegar a temas como a festa dos Santos Reis considerada irrelevante pela história oficial e positivista. Nesse sentido, Bloch enfatiza que

A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele. É curioso constatar o quão imperfeitamente as pessoas alheias a nosso trabalho avaliam a extensão dessas possibilidades. É que continuam a se aferrar a uma idéia obsoleta de nossa ciência: a do tempo em que não se sabia ler senão os testemunhos voluntários. Criticando a “historia tradicional” por deixar na penumbra “fenômenos consideráveis”, porém” prenhes de conseqüências, mas capazes de modificar a vida futura do que os acontecimentos políticos, (...).<sup>12</sup>

Dessa forma, trazer a festa dos Santos Reis para ser estudada no campo da historiografia exige discussão sobre essa manifestação da cultura religiosa, praticada em Aldeia, comunidade composta, na sua maioria por afrodescendentes, homens e mulheres, agricultores, pedreiros, feirantes, onde parte de seus costumes e experiências são transmitidos de geração para geração pela oralidade e, mediante a qual propomos compartilhar a produção de fontes, problematizá-las e escrever a história. Nessa perspectiva, acompanhamos as reflexões de Thompson<sup>13</sup> quando observa que “se a muitos desses “pobres” se negava o acesso à educação, ao que mais eles podiam recorrer senão à transmissão oral, com sua pesada carga de “costumes”. Portanto, discutir essa temática, não seria possível sem o repensar das fontes para dar conta de eventos que são produzidos pelos homens fora do campo político, mas “prehnas” de relevância para entender o funcionamento da comunidade de Aldeia a partir das diversas relações constitutivas dos sujeitos históricos que ali habitam.

Entretanto, tornou-se central, nesta pesquisa, a utilização da fonte oral como recurso metodológico primordial para se chegar a dimensões do cotidiano desses

---

<sup>12</sup>BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. Apologia da Historia, ou, O ofício do historiador. Tradução, André Telles. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2001. p. 79-80

<sup>13</sup>THOMPSON, E. P. Op. cit., p. 15.

sujeitos, inatingíveis pelas macroabordagens, porque, como ressalta Raphael Samuel, “há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar, visitas sumidas que só eles podem lembrar”,<sup>14</sup>. Isso não significa excluir outras possibilidades, nem chamar para a fonte oral o centro da verdade histórica em detrimento de outras fontes, mas pensar que ela traz contribuições valiosíssimas para a ampliação do fazer história, já que todas as fontes são resultados do construto de sujeitos históricos; portanto, não existe fonte melhor que as outras e, sim, fontes históricas diferentes que em suas particularidades contribuem para o enriquecimento da produção historiográfica possibilitando a construção de respostas para novos problemas colocados pela dialética humana do viver em sociedade.

Nesse sentido, a opção pelas fontes orais nesta pesquisa, não se fez em função da sua quantidade, ou simplesmente pelo fato dos moradores de Aldeia não terem produzido registros escritos sobre a festa dos Santos Reis, mas, sim, em função da sua capacidade de poder revelar experiências e, ao mesmo tempo, por possibilitar ao pesquisador um contato direto com os sujeitos sociais. O resultado dessa opção metodológica foi a relação estabelecida com moradores e festeiros na produção de fontes históricas elaboradas a partir das entrevistas registradas em gravador, método que permite ao pesquisador tanto participar da construção de suas fontes, como desconstruir a ideia da imparcialidade do historiador em suas interpretações e seus discursos sobre um fato histórico contemporâneo.

Telmo Marcon, ao estudar a cultura cabocla no Rio Grande do Sul, utilizando-se essencialmente de fontes orais, ressalta que, “progressivamente, as fontes orais deixaram de ser pensadas enquanto fornecedoras de informações em si mesmas, para serem reveladores de significados, de valores e de práticas sociais.”<sup>15</sup> Portanto, cabe ao historiador relativizá-las e interrogá-las bem, a fim de que possa evidenciar características dos modos de viver dos sujeitos históricos, a partir do lugar social e cultural que esteja inserido. Dessa forma, utilizar a fonte oral não significa encontrar a verdade pura sobre os fatos, elas precisam ser interpretadas, buscando vestígios que se apresentam de forma sutil, pois a memória não segue uma sequência linear.

---

<sup>14</sup>SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: Revista Brasileira de História. V. IX, Nº 19 São Paulo, fevereiro de 1990. p. 220.

<sup>15</sup>MARCON, Telmo. Memória, história e cultura. Chapecó: Argos, 2003. p. 15.

A fonte oral, assim como o documento escrito, constitui-se numa colcha de retalhos que, para ter seus pedaços articulados, é preciso encontrar o fio condutor associado a um esforço de interpretação do pesquisador que, fazendo boas perguntas, poderá encontrar boas respostas para melhor compreender e discutir o objeto em estudo, tendo em vista que a memória é dinâmica, seletiva, fragmentaria e que, apesar de ser construída socialmente, é o sujeito que lembra. Segundo Paul Thompson, “a memória tem como função filtrar e não apenas conservar os acontecimentos já transcorridos, o que denota o seu caráter seletivo”<sup>16</sup>. Assim, um evento histórico jamais será lembrado da mesma forma por várias pessoas, porque cada um filtra o que deve ser lembrado e relatado em função de seus interesses e das novas circunstâncias que estão inseridos no presente. Nesse sentido, Portelli considera que

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais<sup>17</sup>

A memória não pode ser entendida como um baú cheio de experiências acumuladas esperando que sejam relembradas, mantendo a sua pureza, como se a pessoa que estivesse rememorando não tivesse nenhuma interferência no que é lembrado, ou seja, a memória não é estanque, ela sofre a interferência de outras temporalidades e novos contextos, até porque, as narrativas são fluídas e únicas; a cada novo encontro do historiador com seu narrador, são outras lembranças, que emergem. Esse processo dinâmico entre o fato ocorrido e o fato relatado, o diálogo constante entre presente e passado na elaboração das memórias é discutido por Gallian ao afirmar que

A memória é dinâmica, ela é um processo: um processo de diálogo entre o presente e o passado do indivíduo, envolvendo os seus diversos níveis: o consciente, o inconsciente, o supra - consciente: não só o presente é experimentado subjetivamente, mas também o passado é experimentado subjetivamente no presente.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 152.

<sup>17</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas Reflexões sobre a Ética na História Oral. In. Projeto História n. 15, Ética e História Oral. São Paulo; EDUC. 1997. p.16

<sup>18</sup> GALLIAN, Dante Marcello C. A Memória do Exílio: reflexões sobre a Interpretação de Documentos Oraís. p.143

Rememorar é, portanto, uma ação do presente que traz fagulhas, lampejos de fatos passados, sendo que o tom e sentido dado ao passado são elaborados também pelo presente, onde as lembranças são reinterpretadas, ressignificadas pelo narrador, tendo em vista que entre o ocorrido, o vivido e o narrado, há temporalidades diferentes e, por conseguinte, interesses diversos, haja vista que as lembranças são matizadas pelos valores, pela visão de mundo, enfim, pelas experiências do presente. Nessa perspectiva, Alistair Thomson ressalta que

A memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.<sup>19</sup>

Nesse sentido, assim como a história, a memória não é homogênea e pura, está sempre influenciada por questões e contextos do tempo presente. Como ressalta Benjamin, “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras”<sup>20</sup>. Assim, a memória não é a reprodução mimética do acontecido, uma vez que todo relato é feito no presente, e o presente impõe o que deve ser lembrado e o que deve ser silenciado, porém, jamais esquecido, haja vista, que nossas reminiscências se diversificam em função das alterações da nossa identidade pessoal, de um novo lugar social ocupado, de novos interesses, isso significa recompor um passado com qual possa dialogar sem conflitos com o presente.

Além da fonte oral, a utilização da fonte fotográfica se faz importante neste trabalho, pois ela é mais um instrumento que possibilita analisar e compreender algumas práticas da festa em louvor aos Santos Reis, que, sem dúvida, não seriam evidenciadas sem a sua utilização. Porém, foram poucos os registros fotográficos encontrados que retratasse a festa e, alguns não puderam ser utilizados por falta de informações que creditassem a fonte, pois segundo Susan Sontag<sup>21</sup> o “sentido da imagem fotográfica permite a presentificação do passado, que, todavia, só ganha sentido se tiver sido identificado e caracterizado”, isto porque toda imagem se

---

<sup>19</sup>THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História. São Paulo. 15 de abril de 1997. p.57.

<sup>20</sup>BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política (Obras Escolhidas). V. 1. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 229.

<sup>21</sup>SONTAG, Susan. Ensaio sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Arbor, 1981, p. 18.

constitui em um texto que foi produzido atrelado a um contexto e sua compreensão é fundamental para se fazer uma boa leitura da mesma. Em função dessa dificuldade, a maioria das fotografias utilizadas foi resultado do trabalho de campo do pesquisador. Sobre a contribuição da fonte fotográfica para a produção do conhecimento historiográfico, Meirelles argumenta que

É preciso, portanto, romper as barreiras do documento escrito, dogmatizado pelo pensamento positivista, é necessário incorporar todo esse vasto acervo de material visual que os homens produziram e nos legaram, um campo aberto à explicação pela história, como experiência vivida integral e socialmente, referindo nossos sistemas de conceitos agregando esses novos objetos.<sup>22</sup>

Quanto mais recheado com uma diversidade de fontes e a utilização de métodos de análise variados for o laboratório do historiador, melhor para a produção dos discursos e interpretações sobre o passado, a fim de que parte da riqueza produzida pela convivência social não seja negligenciada por abordagens engessadas, por isso, as fontes precisam ser complementares e, jamais excludentes, não direcionando um valor maior pra esse ou aquele tipo de fonte. Este tipo de pesquisa no campo da história local, principalmente sobre as festas populares, torna-se relevante pelo fato de nos possibilitar discutir e analisar características dos modos de viver de homens e mulheres, suas crenças, seus fazeres, diversas dimensões que seriam inatingíveis pelas grandes abordagens. Como enfatiza Raphael Samuel,

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas no campo.<sup>23</sup>

A pesquisa desenvolvida a partir da perspectiva da história regional e local é uma metodologia que busca evidenciar o específico, o particular, as diferenças, enfim, a multiplicidade do fazer humano; porém, sem perder de vista o seu entrelaçamento com a dimensão mais ampla. Assim, é que se propõe aqui pesquisar sobre a festa dos Santos Reis, padroeiros da comunidade rural de Aldeia, apesar de não serem reconhecidos como santos pela igreja católica, que não é organizada a

---

<sup>22</sup>MEIRELLES, Willian Reis. História das Imagens: uma abordagem, múltiplas facetas. Pós – História. Assia – São Paulo. 1995. p. 96

<sup>23</sup>SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: Revista Brasileira de História. V. IX, Nº 19 São Paulo, fevereiro de 1990. p. 220.

partir de um terno de reis pertencente a um particular, mas, sim, uma festa que acontece na praça e a cada ano é feito o ritual de transmissão da bandeira para o próximo organizador, denominado de tesoureiro. Além disso, não é uma festa organizada pela igreja católica, apesar de ser marcante o aspecto religioso nessa manifestação festiva. Essas são algumas características da organização da festa dos Reis de Aldeia que torna singular, diferente de outras celebrações que acontecem em cidades vizinhas do Recôncavo.

Para este trabalho, tomamos como baliza temporal o período que vai do ano de 1970 a 2000. Essas balizas temporais foram pensadas em função de tentar perceber as mudanças que ocorrem na festa ao longo desse período, principalmente com a introdução do trio elétrico e o controle da mesma pelo poder público municipal que aos poucos foi suprimindo alguns elementos que faziam parte dessa celebração festiva, como o bumba-meu-boi, as lavagens dançantes e a burrinha de beira mar. Assim, a festa aos poucos foi deixando de ser uma manifestação pensada e produzida pelos moradores da comunidade rural de Aldeia, para se tornar uma festividade financiada e organizada para eles.

Essas balizas temporais são flexíveis, tendo em vista que estamos trabalhando fundamentalmente com a memória, portanto, com a história do “tempo presente,”<sup>24</sup> já que ela não segue uma linha cronológica linear, mas lida com tempos múltiplos que vai e volta constantemente, onde passado, presente e futuro são temporalidades sem fronteiras para quem trabalha com as lembranças, por isso, ao embasar esse trabalho nas memórias dos frequentadores da festa, portanto na experiência viva, não foi viável determinar marcos precisos e rígidos. Nesse sentido, Charles D’ Almeida Santana ressalta que

São lembranças instigantes, especialmente no sentido da espontaneidade em saltar temporalidades. Contrárias a qualquer formatação do tempo, as memórias negam a cronologia rígida e linear do passado antes do presente, e este precedendo o futuro. Tempos escorregadios e arredios a formulação que pretendem fixá-

---

<sup>24</sup>LAGROU, Pieter, no artigo intitulado. Sobre a Atualidade da História do Tempo Presente. In. História do tempo Presente/ Gilson Porto Jr. (org.). Bauru, São Paulo, 2007, afirma: [...] como se definir o “tempo presente” senão por um continuum entre o período estudado e o momento da escrita?... A particularidade do historiador do tempo presente consistiria no que se poderia chamar de unidade temporal do sujeito e do objeto, daquele que estuda e aquilo que estuda. O historiador é contemporâneo dos acontecimentos que estuda em outro sentido que aquele de uma coabitação física com as testemunhas (...) p. 3

los segundo balizas temporais que possam contextualizar os temas referidos.<sup>25</sup>

Escrever a história dentro de uma temporalidade tão recente, portanto, uma história muito viva, até bem pouco tempo, seria interpretado como uma invasão de fronteira do historiador, adentrando, assim, no campo da sociologia, uma vez que esta deveria se ater com os fatos passados, pois a distância temporal se constituía em um elemento fundamental para garantir a mais completa “isenção de emoções”<sup>26</sup> do pesquisador sobre o objeto pesquisado. Essa perspectiva, pautada na racionalidade da explicação histórica, procurou fundamentar-se em uma diversificada documentação oficial como garantia da cientificidade, deslocando, assim, o foco de análise dos sujeitos envolvidos no processo, construtores de outras histórias que não cabia dentro desse modelo explicativo.

Porém, a subjetividade do historiador, estar presente tanto em uma temporalidade mais recente, como também em uma temporalidade mais distante do seu contexto, haja vista que o tom dado ao passado pelo presente é fruto das escolhas, das fontes, de suas interpretações e da abordagem feita pelo pesquisador, ou seja, história do presente ou do passado é sempre uma construção subjetiva ancorada em um método, bem como em um esforço de interpretação das fontes. Dessa forma, escrever uma história do presente, utilizando essencialmente a memória como fonte, o envolvimento do pesquisador com o objeto em estudo, principalmente no uso de suas ferramentas para a construção da fonte oral, submetê-la a um interrogatório, interpretar as evidências, os sentidos e significados, contribui para desconstruir o mito da neutralidade do pesquisador, defendido por uma história produzida no século XIX. Conforme Muller,

(...) O presente torna-se passado não por sua cronologia ou pelo seu distanciamento do presente por nós vivido, mas pela construção que o historiador faz de seu objeto de estudo, da maneira pela qual vai olhar/ler/sentir as fontes e pela crítica que faz ao presente ao fazer a história do passado.<sup>27</sup>

A história do presente é mais uma possibilidade do fazer historiográfico, marcado pela subjetividade do historiador, já que está envolvido diretamente no

---

<sup>25</sup>SANTANA, Charles D' Almeida. *Fatura e Ventura Camponesa- Trabalho, Cotidiano e Migrações - Bahia: 1950-1980*. São Paulo, Annablume,1998. p. 26-27.

<sup>26</sup>MULLER, Helena Isabel. *História do Tempo Presente: Algumas Reflexões*. In. *História do tempo presente/ Gilson Porto Junior (org.)*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007. p. 17.

<sup>27</sup>*Ibidem*. p. 29.

cenário e com o fato em estudo, ou seja, ele é pesquisador e testemunha ao mesmo tempo. Como afirma Pieter Lagrou, “a história do tempo presente seria uma história feita a partir de relatos orais, uma história do vivo e dos vivos,”<sup>28</sup> ou seja, utilizando métodos específicos e fontes variadas, é possível analisar a realidade dos fatos ocorridos tempo presente. Assim, o fundamental é a apreensão do saber histórico com o intuito de trazer respostas para as questões colocadas para a compreensão de um determinado fato histórico. Creio que esse caminho trilhado pelo historiador na escrita da história recente, a partir da utilização de métodos e de um grande esforço de interpretação das fontes, é justamente o que diferencia sua pesquisa daquela desenvolvida pelos sociólogos.

Nesse sentido, a partir da análise das narrativas, buscamos traçar o perfil da festa dos Santos Reis na comunidade rural de Aldeia, procurando perceber seus elementos específicos e plurais, e como essa manifestação do catolicismo popular nos revela características dos modos de viver dos sujeitos que durante todo o ano se empenham e preparam-se para a celebração aos santos padroeiros da citada comunidade.

Os procedimentos metodológicos usados na pesquisa nos possibilitaram estruturar o trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o lugar da festa dos Santos Reis, discutido algumas características da comunidade rural e da Aldeia, as práticas cotidianas de seus moradores. Além disso, discute-se também o processo de transformação da Vila de Cabeças no Município de Governador Mangabeira situado na região do Recôncavo da Bahia, especificamente aquela que se desenvolveu atrelada à atividade fumageira. No segundo capítulo, analisaremos como essa festividade trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses se construiu numa tradição na comunidade rural de Aldeia que tem os três Reis Magos como padroeiros, identificando elementos que a tornam específica, diferente de outras festas de Reis que acontecem no Recôncavo. Discute-se também a relação entre profanidade e sacralidade, enfatizando que as fronteiras que separam os dois espaços são tênues, flexíveis e intercambiáveis.

---

<sup>28</sup>LAGROU, Pieter. Sobre a Atualidade da História do tempo Presente. In. História do tempo presente/ Gilson Porto Junior (org.). Bauru, São Paulo: Edusc, 2007. p.31

No terceiro capítulo, é discutida a relação entre o trabalho no roçado e a produção da festa, haja vista que é do trabalho que se cria condições financeiras para festejar os Santos Reis e, se festeja para compensar o corpo da labuta diária e também para agradecer aos Santos Reis por uma colheita satisfatória. Outra questão abordada também é a relação de trabalho na comunidade de Aldeia pautada no contrato entre meeiros, rendeiros e os proprietários de terras, bem como as tensões latentes envolvendo esses sujeitos.

Já no quarto capítulo serão analisadas as formas de construção dos lugares sociais na festa a partir da organização do Baile da Fumaça e do Baile das Moças. Procura-se compreender o significado dessas denominações para os moradores de Aldeia. Além dessa questão, aborda três temporalidades da festa: a primeira denominada o tempo da festa organizada pela comunidade, momento em que a festa era pensada e organizada entre os moradores de Aldeia, tendo como elementos de diversão a burrinha de beira mar e o bumba-meu-boi; a segunda, denominada o tempo da festa organizada pelos fazendeiros, consiste em pensar a festa a partir da interferência de Gênis Dias e outros fazendeiros na sua produção, agregando novos elementos à manifestação festiva como terno musical do Bonfim de Feira; e a terceira temporalidade, o tempo da festa financiada pelo poder público municipal, agregando novos elementos como o trio elétrico, mudando, assim, o formato e cenário da festa, uma vez que o trio elétrico concentra os participantes na praça, não mais visitando as casas, levando a mensagem da chegada do menino Jesus por meio de cânticos sacros e profanos como era feito com as lavagens no ritmo do terno musical de Bonfim de Feira.

## CAPÍTULO I- O LUGAR DA FESTA EM LOUVOR AOS SANTOS REIS

A festa dos Santos Reis acontece na comunidade rural de Aldeia, pertencente ao Município de Governador Mangabeira. Conforme dados da Secretaria Municipal de Saúde, essa comunidade é composta por 68 famílias que habitam em pequenas propriedades de aproximadamente três tarefas e sobrevivem da aposentadoria, dos rendimentos oriundos da atividade agrícola, como o plantio de mandioca, feijão, milho, amendoim entre outras plantações destinadas tanto à subsistência das famílias como para serem comercializados nas feiras livres do Município e de cidades vizinhas. Além da produção agrícola, no quintal das casas criam animais como galinhas, porcos, peru, patos, ovelhas e gado de corda<sup>29</sup>, que em momentos de dificuldade financeira são vendidos para a aquisição de gêneros alimentícios, roupas, remédios ou mesmo abatidos para alimentar a família; enfim, esses animais são criados como estratégia de poupança para serem vendidos justamente em momentos de necessidade.

É importante ressaltar que Aldeia é uma comunidade constituída majoritariamente por afrodescendentes, homens e mulheres na maioria adulta, tendo em vista que os jovens migram constantemente para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida, pois a comunidade, assim como o Município de Governador Mangabeira, não oferece expectativas de melhoria de vida para essa parcela da população. Esse processo de migração pode vir a ser um problema futuro para a existência da festa dos Santos Reis, uma vez que são poucos jovens que se envolvem nas comissões organizadoras, tanto do aspecto religioso quanto no profano, e, a tradição de festejar os três Reis Magos em Aldeia foi construída passando de geração para geração, visando a perpetuação dessa manifestação que representa aspectos dos modos de viver dos sujeitos da comunidade rural de Aldeia.

Ainda hoje, é uma prática recorrente entre os homens, moradores de Aldeia, frequentar as vendas<sup>30</sup> da comunidade principalmente no final da tarde quando muitos deixam a lida no roçado e fazem uma pausa para tomar uma cachacinha,

---

<sup>29</sup> Gado de corda é uma expressão utilizada pelos moradores de Aldeia para indicar os animais criados no quintal das casas e amarrados próximo à moita de capim.

<sup>30</sup> THETHÊ, Josiane Andrade, na introdução de sua dissertação intitulada – O Tabuleiro das Vendas: Cotidiano de um Povoado Marcado pelas Lojas das Roças, afirma que a palavra “vendas” designa as casas comerciais das zonas rurais e urbanas de muitas localidades do Brasil.[...] Na Bahia, elas são comumente chamadas de bodegas, bibocas, mercearias, armazéns, etc. p. 14.

comprar alguma coisa que está faltando em casa e, por conseguinte, encontrar os amigos e vizinhos para pilheriar. Nesse sentido, as vendas se constituem em um privilegiado “espaço de sociabilidade”<sup>31</sup>, de organização de práticas solidárias a exemplo da organização de adjutórios, realizam negociações, se discute a política local, enfim, espaço com significados diversos, onde se dá a construção de valores e a manutenção de costumes, ou seja, um conjunto de relações que extrapolam o simples ato de vender e comprar.

Em comunidades rurais do Recôncavo baiano como Aldeia, essas vendas se constituíram em “verdadeiros supermercados” onde se encontrava praticamente de tudo um pouco, como ressalta o senhor Manoel Moutinho, conhecido por seu Dete: “aqui na minha venda tinha de tudo. Tinha querosene, feijão, açúcar, carne seca, arroz, era farelo, tinha de tudo. Agora eu vendia e recebia na semana ou quinzena. Era tudo assentado no caderno”.<sup>32</sup> É interessante depreender da narrativa do senhor Dete, que para além dos gêneros alimentícios, era comercializado o querosene, combustível fundamental para manter acesso os candeeiros responsáveis pela iluminação doméstica até o final dos anos oitenta, momento que chega a energia elétrica para a comunidade de Aldeia. O farelo de trigo é outro produto mencionado na narrativa, utilizado para alimentar porcos, galinhas, patos, criados nos quintais das casas.

Outra evidência marcante na narrativa é a forma de controle do débito dos clientes que geralmente adquiriam as mercadorias para serem pagas posteriormente, tudo era registrado em um caderno, e o pagamento era efetuado semanalmente ou quinzenalmente. Segundo Thethê<sup>33</sup> a relação entre cliente e vendeiro era construída em função de costumes e valores que, muitas vezes dispensavam a assinatura de documentos comprovantes da dívida, bastava apenas da “palavra” selada num aperto de mão ou na simples promessa de quitação da dívida, fato que constitui uma espécie de “ética rural”, sustentada numa longa tradição rural.

---

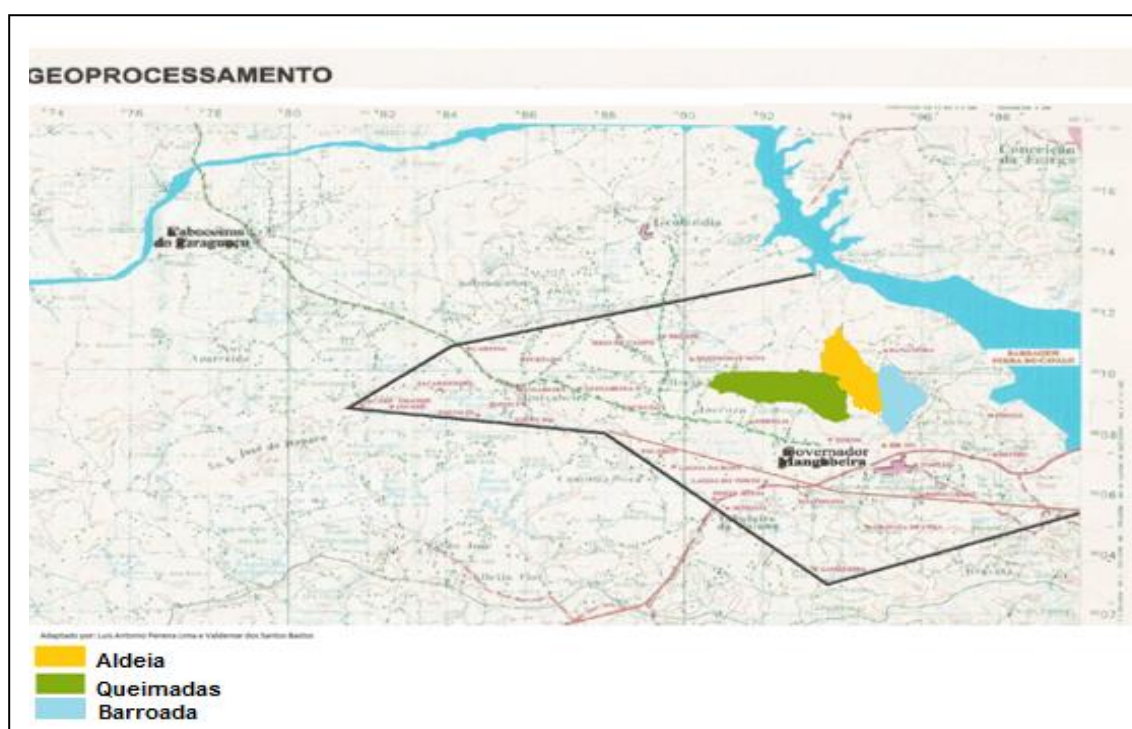
<sup>31</sup>Ver: SANTANA, Charles D’Almeida. Fartura e Ventura Camponesa: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980. São Paulo Annablume, 1998. p. 82.

<sup>32</sup>MOUTINHO, Manoel Alves. Entrevista realizada em sua venda. 15 de dezembro de 2010.

<sup>33</sup>THETHÊ, Op. Cit. p. 46

Geralmente aos domingos, no final da tarde, nesses espaços comerciais ocorria uma movimentação fora do habitual, pois era comum a realização de alguns eventos como pau de sebo, corrida de meninos, corrida de saco, quebra potes, atividades lúdicas que garantiam a diversão dos jovens da comunidade de Aldeia e também de comunidades vizinhas. De fato, as vendas são verdadeiros espaços de sociabilidade nos quais são elaboradas várias experiências entre os sujeitos moradores da comunidade de Aldeia.

A comunidade rural de Aldeia dista aproximadamente cinco quilômetros da sede do município- Governador Mangabeira. Saindo da sede do município em direção à Aldeia, por uma estrada vicinal de barro passamos de um lado pela comunidade de Barroada e por outro pela comunidade de Queimadas, como podemos perceber no mapa do município de Governador mangabeira:



Neste percurso, observamos a presença de fazendas destinadas para a criação de gados, pequenas propriedades onde são cultivados gêneros alimentícios, riachos e lagoas que deságuam no Rio Paraguaçu onde alguns moradores também se dedicam à pesca como atividade produtiva geradora de emprego e de complementação da renda familiar. Além disso, o Rio Paraguaçu se constitui na principal via de acesso do Recôncavo para a capital do Estado até a década de

cinquenta do século XX, quando foi construída a BR- 101, tornando mais rápido o acesso à Salvador.

Aldeia é uma das vinte e oito comunidades rurais que formam o município de Governador Mangabeira, onde acontecem os festejos em louvor aos Santos Reis. De acordo com as memórias do senhor Jovino Frateles, a comunidade de Aldeia tem esse nome por que surgiu de um agrupamento indígena que habitava naquelas imediações. Sobre o surgimento dessa comunidade ele narra:

É, era terra de índio, terra dos caboclos. Aí, lá embaixo, tinha cachimbo, tinha a cerca que eles fizeram de pedra deste tamanho (alta e espessa), só passava cobra, nem prear não passava, porque era bem fechadinha e bem feita, mas seu Vavá, para fazer a igreja, pediu a Sérgio, o terreno era de Sérgio. Ele disse que podia carregar, aí o povo carregou tudo para fazer a igreja.<sup>34</sup>

As memórias acerca da origem do nome de Aldeia caminham em direção de um mito fundador. Essa criação resultou da organização do espaço por grupos indígenas, cujas evidências físicas, como a cerca mencionada por seu Jovino não se preservou para análises posteriores, porém, não foi necessária a comprovação material da cerca para a manutenção da memória do lugar. Em outro depoimento, o senhor Balbino Gonçalves<sup>35</sup> recorda: “a avó de minha mulher foi pega aí na Aldeia, a dente de cachorro”. Durante o período colonial, essa era uma prática utilizada pelos comerciantes de escravos que adentravam a mata para capturar índios e vendê-los como escravos.

Essa denominação de Aldeia presente nas lembranças do senhor Jovino Frateles encontra ressonância nas informações da memorialista Angelita Fonseca ao relatar a presença de jesuítas na Vila de Cabeças, atual Município de Governador Mangabeira:

Os portugueses bandeirantes fizeram no local um adrozinho. Os jesuítas fizeram uma casa para descansar e, junto, um lugar para oração e um cemitério mais afastado do local, onde é hoje nossa igreja matriz. A fazenda Portão era pouso de jesuítas. Para confirmar isso, tivemos o testemunho de Aleluia Fonseca, que era uma pessoa muito consciente e que morreu muito velha e bem lúcida. Aleluia nos disse que quando era criança e morava com seus avós, Aprígio Fonseca e D. Yá, la encontraram um altar estragado, tendo sobre ele um missal todo roído de traças. Encontraram também um armário de madeira, de mais ou menos um metro e meio de altura, amarelo-

---

<sup>34</sup>FRATELES, Jovino. Depoimento gravado em 04 de outubro de 2009. 19 minutos.

<sup>35</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento gravado em 29 de dezembro de 2009. 32 minutos.

claro, conservado, simples por fora, tendo uma segunda porta por dentro, com lindos florões esculpidos na madeira, o que indicava que não era uma obra feita aqui, naquela época. (...) O relato de Aleluia foi uma prova real e concreta que a referida casa em que passou parte de sua infância tinha sido residência dos jesuítas.<sup>36</sup>

Os vestígios materiais como o missal<sup>37</sup>, o armário e o adro, evocados pela memorialista, são elementos que indicam a possibilidade de jesuítas terem residido na Vila de Cabeças e, são evidências que contribuem ainda mais para se investigar que a comunidade de Aldeia é originária de um aldeamento indígena organizado com a participação de jesuítas interessados em desenvolver o processo de evangelização. Ou talvez tenha sido organizada por nativos fugidos da ação dos colonos que os exploravam como mão de obra escrava? Ou pelo fato de ter suas terras ocupadas por colonos em virtude do desenvolvimento da monocultura da cana-de-açúcar na região do Recôncavo?

Sobre a presença indígena nessa região, a historiadora Elizabete Rodrigues ressalta que,

Esta região foi povoada pelos índios Tupinambás, que somavam ainda no período dos três governos gerais 47 aldeias. São Félix, por exemplo, constituía-se numa aldeia de índios com 20 palhoças habitadas por cerca de 200 índios. Com a instituição do domínio português e a resistência indígena instalou-se a guerra de destruição e esses índios que constitui-se em um denominador comum na história de ocupação do Recôncavo, da qual resultou no gradativo despovoamento desta região.<sup>38</sup>

Partindo do princípio que a região do Recôncavo foi habitada pelos índios Tupinambás que, resistindo à ação dos colonizadores, dispersaram-se por várias partes da região para constituir novos habitat, é possível que a comunidade de Aldeia em estudo seja resultado desse processo, tendo vista que os indícios apontados nas narrativas nos permitem seguir nessa linha de raciocínio. Segundo Ana Maria de Carvalho,<sup>39</sup> a apropriação das terras na Bahia, durante o século XVI, ocorreu por meio do regime sesmarial; mas, além das concessões das sesmarias,

---

<sup>36</sup>FONSECA, Angelita Gesteira. Primórdios e Progresso da Cidade de Governador Mangabeira. Primeira edição, 2000. p. 25 e 26.

<sup>37</sup>De acordo com o dicionário Aurélio, esse termo se refere ao livro que encerra as orações da missa e outras.

<sup>38</sup>SILVA, Elizabete Rodrigues. Ser Charuteira: Uma Atividade Feminina. Dissertação de Mestrado, Salvador, UFBA, 2001. p 36.

<sup>39</sup>OLIVEIRA, Ana Maria de Carvalho. Recôncavo Sul: Terra, Homens, Economia e Poder no século XIX. Dissertação de Mestrado, UFBA. 2000. p. 42.

foram estabelecidos também os aldeamentos, áreas demarcadas para a povoação de índios dirigida por missionários ou autoridades legais.

Entretanto, é nessa comunidade construída historicamente a partir das relações sociais, políticas, econômicas, de trabalho, efetivadas por práticas culturais, ações de solidariedade entre os moradores, sujeitos que produzem e fazem a festa dos Santos Reis acontecer. Um evento coletivo que simboliza momentos de encontro, de sociabilidade, enfim de manutenção costumes, de crenças e valores coletivos. São as experiências desses sujeitos que vão dar sentido e vida a esse espaço, como um “lugar praticado”<sup>40</sup>, de convivências, onde as relações de solidariedade se fazem presente entre os sujeitos das formas mais diversas, do adjutório ao empréstimo de instrumentos de trabalho e, principalmente, o empenho dos moradores, cada um com sua parcela de contribuição na organização e produção da festa dos Santos Reis que revela um momento significativo da comunidade ao celebrar seus santos padroeiros e reforçar os laços de sociabilidade e de solidariedade entre os moradores.

Nessas relações de solidariedade, características marcantes na comunidade rural de Aldeia, vale ressaltar a importância do conhecimento mútuo entre os moradores, já que todos sabem um pouco da vida de cada um, prática típica dos modos de vida do homem do campo, como acontece na comunidade Aldeia, ou seja, parece um conjunto de normas de conduta construídas e vividas naturalmente. É dessa forma que vai se formando uma teia de relações de convivência que extrapolam os limites de ser apenas morador da comunidade para se envolver, fazer parte do ritual que é peculiar na comunidade rural de Aldeia. A esse respeito, refletindo sobre “Transições e Interferências,” Prost ressalta que

Esse espaço é o lugar do conhecimento mútuo: cada qual é conhecido num certo número de particularidades de sua vida privada por pessoas que não são parentes nem amigas, e que, no entanto, não são estranhas- os vizinhos. A proximidade espacial cria um conhecimento mútuo pelo menos aproximativo: quem não é conhecido parece intruso.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup>CERTEAU, Michel de. Relatos e Espaços. In. A Invenção o do Cotidiano. Artes de fazer. Vozes, 1994. p. 202.

<sup>41</sup>PROST, Atoine. VINCENT, Gerard. “Transições e Interferências”. In: Da primeira Guerra a nossos Dias. São Paulo. Companhia das Letras. 1987. p.12.

Essas indicações nos ajudam a entender o espaço como construção social e histórica marcada pelas experiências individuais e coletivas que simbolicamente vão ganhando significados, na organização da festa dos Santos Reis que revela não apenas o momento festivo, mas também elementos dos modos de vida dos moradores da comunidade que são evidenciados na realização do festejo. A organização da festa representa um intervalo, um rompimento no cotidiano cansativo e repetitivo marcado pelas jornadas de trabalho dos moradores de Aldeia. Apesar de a festa ser uma produção intrínseca a esse cotidiano, ela demarca a separação entre o tempo do trabalho e o tempo do festar que se comemora durante os seis primeiros dias de janeiro. Nesse sentido, Carmélia Miranda, ao estudar o samba de lata na comunidade negra de Tijuáçu, recompondo as experiências históricas dos sujeitos envolvidos, ressalta que

A festa, representa comemoração, que pode estar ligados a ritos de colheitas, ciclos de passagem, dia do padroeiro e outras ocasiões. Nesses dias, as pessoas em geral param suas atividades cotidianas para comemorar e participar das festividades; é uma ruptura da vida diária, um intervalo na ordem estabelecida, momento de renovação das forças, desgastadas pela rotina do trabalho (...).<sup>42</sup>

A interpretação de Miranda sugere que a festa representa uma interrupção da rotina diária, simbolizando, assim, uma válvula de escape para compensar o corpo e alma das cansativas jornadas de trabalho na roça, invertendo todo um conjunto de regras já estabelecidas no cotidiano para depois da festa retomá-las. Tomando esse suposto, compreendemos que além de proporcionar um espaço de encontro, de troca de informações, é também um espaço de construção e manutenção de costumes e tradições que são socializados entre os diferentes grupos que compartilham da mesma festividade.

Nessa perspectiva, a festa possibilita a construção de identidades<sup>43</sup> entre aqueles que são conduzidos para o mesmo espaço, a fim de prestigiar e adorar a mesma entidade religiosa e festiva; porém, compartilhar o mesmo espaço/tempo, não implica em consenso que pode ser confundido com identidade uma vez que os lugares sociais são reproduzidos no interior da festa; daí, as tensões, os interesses

---

<sup>42</sup>MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. Vestígios Recuperados- Experiência da comunidade negra rural de Tijuáçu-BA. Editora Annablume; São Paulo; 2009. p. 107

<sup>43</sup>HALL, Stuart no livro a identidade cultural na pós-modernidade. 10<sup>o</sup> edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2005 afirma que a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento de nascimento. (...) Ela permanece sempre incompleta, esta sempre “em processo”, sendo sempre formada. p. 38.

diversos que demarcam e delimitam os espaços. A esse respeito, ao estudar festas no período colonial, Del Priore afirma que elas se constituem em “espaço de múltiplas trocas de olhares, de tantas leituras e de tantas funções políticas e religiosas. A festa e o seu calendário transformaram-se, no período colonial, na ponte simbólica entre o mundo profano e o mundo sagrado”<sup>44</sup>, ela, enquanto produção de identidade de um povo e de um lugar representa e simboliza um momento de sociabilidade, de interação e integração entre os diferentes que dela participam. É também o espaço da disputa de poder, que se faz presente na manipulação de símbolos, como a própria organização da festa, que é um aspecto marcante na festa dos Santos Reis na comunidade rural de Aldeia.

## **1.2- GOVERNADOR MANGABEIRA NO CONTEXTO DO RECÔNCAVO FUMAGEIRO**

O Município de Governador Mangabeira, localizado na região do Recôncavo Baiano, especificamente no Recôncavo Sul, dista 132 km de Salvador- capital do Estado da Bahia, é banhado pelas águas do Rio Paraguaçu e margeado pela BR 101.

De acordo com o censo demográfico de 2010, o município possui população de 19.826 habitantes. No tocante ao aspecto cultural, especificamente às manifestações festivas de caráter religioso, destacam-se: a festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, realizada em 08 de dezembro; os festejos em louvor a São Benedito<sup>45</sup>; as trezenas em louvor a Santo Antonio, padroeiro de diversas comunidades; e, por fim, a festa dos Santos Reis, padroeiros da comunidade rural de Aldeia, celebrada entre os dias primeiro e seis de janeiro, e representa, juntamente com as demais, o calendário dos festejos de caráter religioso do Município.

Por muito tempo o conceito de região foi tomado apenas nas acepções políticas, administrativas e de espaço físico natural. Essa concepção de região se

---

<sup>44</sup>PRIORE, Mary Del. Festas e Utopias no Brasil Colonial. Editora Brasiliense. São Paulo 2000. p. 126.

<sup>45</sup> As comemorações em louvor a Nossa Senhora da Conceição e a São Benedito acontecem apenas em seu aspecto religioso com a celebração de novenas, missas e procissões.

constitui como objeto de estudo específico da geografia, principalmente da corrente determinista, que a entendia como um dado prévio, a - histórico, um recorte espacial naturalizado onde as relações sociais construídas historicamente entre os sujeitos não eram evidenciadas como elemento constituinte da região, ou seja, “a história ocorreria na região, mas não existiria história da região”<sup>46</sup>. Porém novas perspectivas foram elaboradas em torno desse conceito pela denominada geografia crítica, que procurou dar conta de outros elementos ao propor,

Um novo conceito de região, capaz de apreender as diferenças e contradições geradas pelas ações dos homens, ao longo da história, em um determinado espaço. Para estes geógrafos, a organização espacial sempre se constituiu em uma categoria social, fruto do trabalho humano e da forma dos homens se relacionarem entre si e com a natureza.<sup>47</sup>

Entretanto, hoje os significados de região vêm sendo ampliados, tornando-se objeto de estudos de outros campos do conhecimento, como a história, que procura lançar um olhar específico em função de seus interesses e questionamentos, construindo assim, conceitos que extrapolam o limite do político, administrativo e natural, pois como afirma Certeau, “onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia”<sup>48</sup>, ou seja, o espaço construído pela ação e interação dos homens, com sua carga de subjetividade, emoções, experiências que extrapola as fronteiras que o delimita. Assim, a região enquanto o mundo do vivido, que constrói seus sentidos e significados em função das relações sociais, possui uma dinâmica própria que permite desconstrução e construção, características que contradiz a concepção de um espaço dado *apriori*, ou seja, região é um acontecimento histórico.

Nesse sentido, uma região pode ser pensada a partir de elementos diversos, como político, econômico, sociais, culturais, humanos, que historicamente se articulam para dar vida, sentido a um determinado espaço como propõe o historiador Erivaldo Fagundes Neves [...] caracteriza-se, pois, região como um determinado recorte espacial com algumas particularidades- físicas, sociais, econômicas, políticas, étnicas- historicamente articuladas (...) <sup>49</sup>. Assim, a região não se constitui

---

<sup>46</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Fronteiras, Dourados, Ms, v. 10, n. 17, janeiro/junho. 2008. p. 55.

<sup>47</sup> AMADO, Janaína. História e região: Reconhecendo e construindo espaços. In: República em Migalhas - História Regional e Local. São Paulo, Marco Zero, 1990, p. 8.

<sup>48</sup> CERTEAU. Op. cit. p. 215.

<sup>49</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes. História Regional e Local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Salvador Arcádia, 2002. p.87.

em um todo homogêneo e estático, mas é construída dialeticamente pelas disputas de poder, pela labuta do cotidiano forjada pelos sujeitos, a fim de garantir sua sobrevivência, enfim, pelos seus modos de agir, de ser, de pensar, tornando-a um objeto em constante processo de construção, no qual as fronteiras que a delimita são móveis. Por isso, a região é também resultado da construção de geógrafos e historiadores através de suas escolhas e questionamentos. Para Ilmar de Matos, uma região

[...] não deve ser reduzida a determinados limites administrativos, como os das capitanias. Ela não deve ter como referências apenas a distribuição de seus habitantes em um determinado território, definido como área ecológica, pois não é o fato de um grupo de pessoas habitar um mesmo território que determina o estabelecimento de uma rede de relações sociais e o desenvolvimento de uma consciência comum de pertencer a um mesmo mundo, embora seja certo que uma região não prescindia de uma base territorial.<sup>50</sup>

Também compreendendo a definição de região como resultado de um processo histórico, cultural, discursivo que tem seus significados construídos a partir da atividade humana, das redes de relações sociais, culturais que possibilitam a construção de uma identidade para aquele espaço que possui uma historicidade, Durval Muniz de Albuquerque Junior, compara a formação das regiões aos fenômenos vulcânicos ao afirmar que

As definições de uma região se dão através de um processo histórico. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que cristalizam, são ilusórios ancoradouros da luta social que um dia veio à tona e escorreu sobre este território.<sup>51</sup>

Nesse sentido, apesar de uma região se firmar em uma base territorial, é nas relações sociais, nas experiências dos homens, nas ações coletivas ou individuais, na subjetividade e nas emoções que ela se institui. Enfim, região é o lugar onde se desenvolve a vida em todas as suas dimensões, onde se constrói a consciência de pertencimento a um espaço praticado entre nós e os outros. Assim, como propõe Certeau<sup>52</sup>, um mesmo lugar pode abarcar tantas regiões em função do grau de interações e sentimento de pertença.

---

<sup>50</sup>MATOS, Ilmar R. O Tempo de Saquarema: a formação do estado imperial. 2ª Ed. São Paulo Hucitec, 1990. p. 2.

<sup>51</sup>ALBUQUERQUE Junior, Durval Muniz. A Invenção do Nordeste e Outras Artes. FJN. Massangana. São Paulo. Cortez 1999. p.66.

<sup>52</sup>CERTEAU. Op. cit. P. 212.



Foi nesse espaço que, em função da atividade humana, se desenvolveu o cultivo de uma diversidade de produtos agrícolas como a cana de açúcar, o tabaco e uma variedade de gêneros alimentícios destinados para a subsistência, além da atividade pesqueira e ceramista. Dessa forma, esta região revela a diversidade, pensada a partir de pedaços diferenciados que se integram, mas sem perder de vista sua fisionomia multifacetada, por isso, não é possível analisá-la como um todo homogêneo.

Este Recôncavo é também resultado das várias manifestações culturais que juntamente com outros aspectos do fazer humano, contribuíram para montar o cenário econômico, social e cultural dessa região, fato que a torna singular em um momento plural em outro, dada a diversidade de elementos que se coadunaram ao longo do processo de sua formação para que ela possuísse uma identidade una e plural ao mesmo tempo. Ana Maria Carvalho de Oliveira, ao pontuar a diversidade que simboliza essa região, afirma que,

O Recôncavo é uma região há um tempo singular e noutra plural, se existisse elementos que lhe dão unidade há também aqueles que demonstram sua diversidade. Difícil de perceber a riqueza, a pobreza, os contrastes do Recôncavo sem levar em conta a variedade dos seus aspectos físicos, sócio-econômicos e seu percurso histórico.<sup>55</sup>

São as relações, a interconexão entre as diversas atividades resultantes do construto humano ao longo do tempo, quer sejam econômicas, simbólicas, festivas, que permite essa unidade do Recôncavo e não a supremacia de uma sobre as outras. Por isso, para dar conta do objetivo deste estudo, precisamos reduzir a escala de observação para chegar até o Município de Governador Mangabeira, a comunidade de Aldeia e, por fim, à Festa dos Santos Reis, uma vez que estamos explorando o específico, a unidade dentro de um todo marcado pela multiplicidade.

A história do município de Governador Mangabeira remonta a um passado distante, quando ainda era conhecido pelo curioso nome de Vilas das Cabeças, primeiramente pertencente ao município de Cachoeira, depois, com o processo de desmembramento e a transformação de Vilas em cidades, passou a pertencer a São

---

<sup>55</sup>OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Recôncavo Sul: terra, homens, economia e poder no século XIX. Salvador – BA: EDUNEB, 2002. p. 48.

Felix e, por fim, a Muritiba, mas, em 1962 se torna independente passando a ser denominado município de Governador Mangabeira.

Sobre esse processo de emancipação, a enciclopédia dos municípios da Bahia aponta que, em 1881, pela lei provincial número 2149, nasceu o distrito de Paz das Cabeças, pertencente ao município de Cachoeira, porém a partir de 1889, passou a pertencer a São Félix, já que nesse mesmo ano, através de um decreto assinado pelo Governador do Estado, Dr. Manoel Vitorino, foi criada a cidade de São Félix <sup>56</sup>.

Sobre o processo de desmembramento de Vilas e sua constituição em municípios, o jornal “A Defesa,” na edição de 1930, afirma que São Félix “foi a primeira vila constituída no Estado da Bahia no regime republicano, era composta das freguesias e distrito de paz: Muritiba, Cabeças, outeiro Redondo, São José do Aporá, Cruz das Almas e Sapé.”<sup>57</sup> Mas, em 1919, a Vila de Muritiba apresentando os critérios exigidos pela legislação, renda e território emancipa-se separando-se da cidade de São Felix, passando a responder e controlar as ações referente à Vila de Cabeças até 1962, período em que, mediante a atuação de seus líderes políticos na Câmara de Vereadores de Muritiba e também em função do poder de articulação da sociedade civil organizada através de agremiações como o CECI (Clube Esportivo e Cultural Independência)<sup>58</sup>, a Vila de Cabeças também conquistou sua emancipação política.

Conforme os memorialistas da cidade, como o senhor Antonio Pereira da Mota Junior e Angelita Gesteira Fonseca, o nome cabeças está atrelado a fatos de caráter violentos, marcados por possíveis disputas de poder entre fazendeiros da região, perseguição a grupos indígenas por bandeirantes, ou mesmo, crimes por encomenda. A produção desses memorialistas foi de fundamental importância para a construção do imaginário popular acerca do nome cabeças, vinculado a episódios de mortes violentas em que cabeças eram decapitadas e colocadas em pontas de estacas, como narra de forma dramática e até poética o memorialista Antonio Pereira da Mota Junior:

---

<sup>56</sup> Enciclopédia dos Municípios da Bahia-1958; Arquivo Público de São Félix; estante nº 40, p. 64/64

<sup>57</sup> Jornal a Defesa, nº 10- 1930; p. 2 Arquivo Público de São Félix

<sup>58</sup> Ver: Jornal Correio de São Félix, 08 de julho de 1961, nº 1343.

Era, então esta região de rara habitação e múltiplos perigos, quando os raios de certa manhã, ao levantar o manto da noite que findava, chocaram-se e estremeceram-se de espanto ao descobrir os olhos esbugalhados, das cabeças humanas enfiadas em pontas de estacas! Era o banditismo em ação! Era época do bacamarte traiçoeiro! Era época das chacinas por encomendas! Ai mesmo ao lado, no leito da via pública, jaziam os corpos decapitados. O trecho, local, não tinha, até então, segundo parece, nenhuma denominação, visto que, o escabroso acontecimento figurara aos olhares assustados dos transeuntes às pontas das estacas dando o nome daqueles cofres de pensamento, ali trancados para eternidade, pelo chumbo quente, como legado até o dia 14 de março de 1962.<sup>59</sup>(sic)

Essa memória escrita apresenta alguns elementos significativos para se entender e explicar a associação do nome cabeças a determinadas práticas marcantes na história do Brasil, já bastante explorada pela historiografia, como o banditismo e as mortes encomendadas por coronéis, principalmente envolvendo questões políticas e a disputa por terras. Mas, apesar da referência ao banditismo, um fenômeno típico do sertão, marcadamente do segundo quartel do século passado, até então a historiografia não apresentou indícios dessa prática no Recôncavo Baiano. Outro aspecto que emerge na narrativa são as chacinas por encomendas. Quais os significados dessa prática para essa região? Qual a relação entre as disputas dos coronéis por terras, os imperativos da lei do mais forte e as cabeças espetadas em pontas de estacas? Seriam formas de intimidação e/ou de legitimação de um poder constituído por meio da força e da violência?

Trilhando os caminhos da narrativa sobre crimes violentos e cabeças colocadas em pontas de estacas, porém apresentado outra temporalidade e envolvendo outros sujeitos históricos, a professora e memorialista Angelita Gesteira associa tais crimes à ação de possíveis grupos indígenas contra, talvez, portugueses, bandeirantes, quiçá jesuítas. Assim ela narra:

Em uma ocasião, em determinado ponto da estrada dos portugueses, foram encontradas três cabeças humanas enfiadas em estacas. Tudo indica que as três cabeças eram de portugueses, bandeirantes-talvez até de jesuítas, quem sabe?- ali colocadas pelos índios. Ficou aquele lugar chamado pelos transeuntes de cabeças, o que faz crer que ali era uma estrada de bandeirantes e até pousada de jesuítas, e era uma estrada mater.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup>MOTA JUNIOR, Antonio Pereira da. Chacina que deu nome a Localidade de Governador Mangabeira. Governador Mangabeira. 1962; p. 2

<sup>60</sup>FONSECA, Angelita Gesteira. Primórdios e Progresso da Cidade de Governador Mangabeira. primeira edição, 2000. p 24.

É pertinente a ênfase dada pela memorialista aos bandeirantes, uma vez que eles foram considerados os desbravadores do Brasil, expandindo suas fronteiras para além do litoral à procura de metais preciosos chegando até a região das minas, no século XVIII. Possivelmente essa “estrada de bandeirante”, que passava pela Vila das Cabeças e ligava o Recôncavo à região das minas por onde também os tropeiros transitavam com mercadorias destinadas, principalmente para o porto de cachoeira, a principal via de transporte para a capital, era utilizada por passageiros e também para transportar a produção agrícola de algumas cidades do Recôncavo, a exemplo do fumo que era exportado até para Europa<sup>61</sup>.

Ainda de acordo com Angelita Gesteira Fonseca,<sup>62</sup> essa via de ligação entre o Recôncavo e a região das minas passava pela Vila de Cabeças que era utilizada pelos tropeiros, jesuítas ou bandeirantes como pouso; local de reabastecimento de água potável descanso e alimentação dos animais e repouso de cavaleiros e pedestres de corpos cansados depois da longa viagem do Sertão ao Recôncavo, por vezes também se transformava em arena de conflitos podendo se envolver em múltiplas disputas e, como forma de vingança, demarcação de território e de poder, o desfecho pode ter sido a decapitação e exposição de cabeças enfiadas em pontas de estacas como forma de demarcar o território e seu pertencimento.

Não se constitui objetivo da história, tampouco desta pesquisa buscar, uma versão “verdadeira” sobre os eventos do passado, como as versões apresentadas que relatam acerca de lutas e encontros que deram origem ao nome da Vila de Cabeças. Assim, nosso propósito é tentar entender como essas versões contribuíram para a construção da memória coletiva dos moradores de Governador Mangabeira sobre esse o nome. Nesse sentido, acompanhamos a sugestão de Peter Gay, quando pontua que “o historiador não louva nem condena; procura apenas entender-entender por dentro, adotando critérios do período estudado”<sup>63</sup> Além disso, é importante ainda observar que a memória é seletiva, cada memorialista escolhe aquelas imagens construídas subjetivamente a partir dos lugares que ocupa na sociedade em um dado momento histórico. Porém, Ecléa

---

<sup>61</sup>Ver: SILVA, Luis Carlos Borges da. A Vila e o Coronel – Poder local na vila de Cabeças. (1930-1962). Curso de Pós Graduação em Historia Regional e Local. UNEB. Santo Antonio de Jesus. 2004.

<sup>62</sup> FONSECA, Op. cit. p. 25 e 26.

<sup>63</sup>GAY, Peter. O Estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt; tradução Denise Bottmann.- São Paulo; Companhia das Letras, 1990. p. 85

Bosi, ao tratar sobre os memorialistas, afirma que o pesquisador não tem o direito “de refutar os fatos contados pelo memorialista, pois ele como todos nós, conta a sua verdade”<sup>64</sup> Assim, constitui, por excelência, tarefa do historiador, problematizar e refletir sobre essas memórias contextualizando o processo, analisando seus sentidos para não tomá-las como porta-voz da verdade histórica.

A vila de Cabeças, assim como outras vilas e cidades do Recôncavo, tinha na produção e beneficiamento do fumo a base de sua economia. A atividade fumageira representava a fonte de renda para várias famílias que vendiam sua força de trabalho no plantio da lavoura nas terras dos fazendeiros, como rendeiros meeiros, ou mesmo desenvolvendo o cultivo em pequenas propriedades. Ao discutir sobre a importância da produção do fumo para a região, Pinto ressalta que

Em torno do fumo, do seu cultivo, do seu comércio e da fabricação de charutos, vive, praticamente, toda a população desta subárea, quer ocupada diretamente na lavoura ou fábrica, quer engajada em uma série de outras ocupações ligadas ao comércio, ao transporte, ao armazenamento, ao beneficiamento do fumo, que é o produto-rei de quase uma dezena de municípios. (...) <sup>65</sup>.

Além do trabalho na lavoura, constituía-se em outra possibilidade de renda trabalhar nos armazéns da Vila de Cabeças, nos fabricos domésticos e, por conseguinte, nas fábricas instaladas nas cidades vizinhas como Muritiba, São Félix e Cachoeira, nas quais o fumo era destinado ao beneficiamento, compreendido como confecção de charutos e exportação inclusive para a Europa. A esse respeito, Elizabete Rodrigues Silva enfatiza que a importância da relação comercial do fumo do Recôncavo com o exterior:

A produção e exportação de fumo dos tipos superiores, provenientes do Recôncavo, favoreceu na Bahia fortes relações comerciais com o estrangeiro, principalmente com as cidades de Bremen e Hamburgo na Alemanha, que tinham em 1827 os seus consulados instalados na capital deste Estado. A Alemanha representava o mais importante mercado de charutos de toda a América. Bremen chegou ao fim do século XIX com o primeiro lugar na importação mundial de fumo em folha e, no início do século XX o fumo da Bahia- como é chamado o fumo do Recôncavo -ocupou lugar de destaque no comércio de Bremen, antes dividido somente com os Estados Unidos. <sup>66</sup>

---

<sup>64</sup>BOSI, Ecléa. O tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social. 2ª Ed. São Paulo: ateliê Editorial, 2004. p. 65.

<sup>65</sup>PINTO, Op. cit. p. 103

<sup>66</sup>SILVA, Op. cit. p. 18.

A atividade fumageira, está presente na Bahia desde os tempos da colonização, por muito tempo foi vista como uma atividade secundária para os interesses mercantilistas, mas o fumo foi utilizado como moeda de troca no comércio de escravos no continente africano. Porém, ao longo do tempo, essa atividade foi ganhando pujança chegando ao final século XIX como o principal produto de exportação da Bahia. Porém, é com a instalação de fábricas de beneficiamento do fumo no Recôncavo a partir da segunda metade do século XIX que esse produto passou a auferir lucros significativos para a economia da Bahia basicamente em função da relação comercial com a Europa.<sup>67</sup>

A instalação dessas empresas de manufatura do fumo, como a produção de charutos, além de fortalecer os laços de comércio com o exterior, representou também um espaço de trabalho e renda para população de cidades da região. Segundo Silva,<sup>68</sup> fazer charutos era uma atividade essencialmente feminina, já que as mulheres representavam relativamente 70% da mão de obra em atividade nas fábricas, a utilização dessa força de trabalho se constitui em uma possibilidade nas primeiras décadas do século XX de inserção das mulheres no mercado de trabalho, mesmo que sua remuneração fosse menor do que o salário da mão de obra masculina.

Paralelo à confecção de charutos nas fábricas, essa atividade produtiva era desenvolvida também em pequenos “fabricos” instalados geralmente nas residências onde várias mulheres desempenhavam a atividade de forma avulsa, ou seja, não havia um vínculo empregatício entre o dono do fabrico e as pessoas que confeccionavam os charutos, era apenas uma forma de renda para ambos. Essa prática era tão comum na região que o memorialista muritiba Anfilóbio de Castro chegou a afirmar “(...) que raras são as casas que não são pequenas fábricas de charutos. Em todas as mesas é o fumo e sua indústria que direta ou indiretamente põe o pão de cada dia.”<sup>69</sup> Essas memórias escritas, retratam a importância do fumo enquanto gerador de renda para os moradores de muitas cidades do Recôncavo baiano.

---

<sup>67</sup> BORBA, Silza fraga Costa. Industrialização e Exportação de Fumos da Bahia de 1870 a 1930. (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – UFBA) Salvador (BA): 1975, vol. 2. p.35

<sup>68</sup> SILVA, Op. cit. p. 52.

<sup>69</sup> CASTRO, p. 107

Em função da atividade fumageira, a partir da década de 50 do século passado, verificou-se na Vila de Cabeças um considerável desenvolvimento econômico fazendo surgir uma diversidade de prestações de serviços para atender à demanda daquela sociedade, evitando que as pessoas se deslocassem para a sede – Muritiba. Reconhecendo esse crescimento, o governo do Estado, em 1959, decidiu instituir o funcionamento da coletoria de impostos na própria Vila, essa ação do governo simbolizou um passo fundamental na caminhada pela sua emancipação, já que significou o reconhecimento do crescimento econômico que vinha conquistando ao longo do tempo, com a intensificação do plantio e comercialização do fumo.<sup>70</sup>

Esse crescimento econômico da Vila foi analisado pelo memorialista Anfilóbio de Castro, indicando que Cabeças ganhava vida com o crescimento de seu comércio de fumo que promoverá abertura das portas dos armazéns de secos e molhados, padaria, farmácia e lojas de fazenda. Além disso, a implantação de uma agência postal e o funcionamento de três escolas de ensino primário<sup>71</sup> emprestou nova dinâmica ao processo de crescimento experimentado pela Vila de cabeças, aguçando em seus líderes o ideal de emancipação política junto ao Município de Muritiba, como enfatiza o jornal correio de São Felix: “Cabeças quer Emancipação”. E continua:

A vila de Cabeças, próspero distrito de Muritiba, sentido-se auto suficiente para dirigir seus próprios destinos, iniciou forte movimento no sentido de conseguir autonomia político administrativo, recorrendo aos textos constitucionais os quais dispõe como direito para a causa consulta ou plebiscito entre os seus habitantes cujo número é bastante à reivindicação; manifestação do legislativo onde conta com representantes dedicados, perímetro e receita, condições essas que julga possuir, havendo os líderes da campanha delegado poderes ao Dr. Pedro Coni Filho, para tratar do assunto perante o Governo do Estado (...) que ressaltou o imperativo de autonomia daquele distrito, diante o progresso cultural, econômico e social reinante como justificativa da campanha pela auto determinação.<sup>72</sup>

Além da ação dos líderes políticos, Antonio Pereira da Mota, Malaquias Ferreira e Manoel Machado Pedreira, representantes da Vila de Cabeças na Câmara de Vereadores de Muritiba, e, pelo fato desta dispor de território e receita para sua autogestão, foi de fundamental importância nesse processo a ação da sociedade

---

<sup>70</sup>Sobre a implantação da coletoria de impostos na Vila de Cabeças, é pertinente a leitura de SILVA, Luís Carlos da. A Vila e o Coronel – Poder local na vila de Cabeças. (1930- 1952). monografia apresentada no Curso de Especialização em História Regional e Local. UNEB. 2004. p.63

<sup>71</sup>CASTRO, Op. cit. p. 104-105.

<sup>72</sup> Jornal Correio de São Félix. 04 de fevereiro de 1961. nº 1321.

civil que também se mobilizou na luta pela emancipação. A criação do CECI - Clube Esportivo e Cultural Independência,<sup>73</sup> significou, a forma de organização mais importante da sociedade civil para impulsionar a proposta de emancipação, e o articulador dessa agremiação, tornou-se o primeiro prefeito da cidade emancipada.

Nesse processo de emancipação, evidencia-se a participação de grandes lideranças políticas, dentre as quais se destacou o senhor Gênis Dias que além de ser o principal organizador da festa dos Santos Reis até o final da década de setenta, constituiu-se também em importante articulador para que a Vila de Cabeças conquistasse sua independência política. Sobre esse aspecto o jornal Correio de São Felix publicou:

Na cerimônia de inauguração do clube, várias pessoas discursaram reafirmando a necessidade de emancipação político administrativo da Vila. Ainda conforme o jornal, o movimento emancipador ganhando vulto, conta com as figuras representativas daquelas localidades segundo se pode depreender da relação seguinte: Srs. Malaquias Ferreira, Antonio Martins Cerqueira, Antonio Pereira da Mota Junior, Aguinaldo Viana Pereira, **Genes de Freitas Dias, Gilberto de Freitas Dias** (...).<sup>74</sup> (grifo nosso)

Os vereadores eleitos pela Vila de Cabeças fomentaram intensos debates na câmara de Vereadores de Muritiba até agosto de 1961, quando, em sessão extraordinária, foi aprovado por unanimidade o projeto apresentado pelos vereadores Antonio Pereira da Mota Junior, Malaquias Ferreira e Manoel Machado Pedreira, propondo a sua independência. Além dos representantes da Vila de Cabeças legalmente reconhecidos, foram de grande importância nesse processo a ação de outras figuras, a exemplo dos fazendeiros Gênis e Gilberto Dias, que também fizeram parte do movimento emancipador.

Depois da aprovação na câmara Municipal, o projeto foi analisado e aprovado na Assembléia Legislativa do Estado, sob autoria do deputado Heraldo Guerra. Assim, com a lei nº 10.639 de 14 de março de 1962, a Vila de Cabeças se torna independente de Muritiba passando a se chamar Governador Mangabeira conforme publicação no diário oficial do Estado de 15 de março de 1962.<sup>75</sup> Porém, existiram outros nomes para o novo Município, mas a opção por Governador Mangabeira foi uma forma de homenagear Otávio Mangabeira, que foi governador do Estado da

---

<sup>73</sup> Jornal Correio de São Félix. 08 de julho de 1961. Nº 1343.

<sup>74</sup> Jornal Correio de São Félix. 10 de agosto de 1961. Nº 1343.

<sup>75</sup>Diário Oficial do Estado de 15 de março de 1962. Arquivo Público do Estado da Bahia.

Bahia no final da década de quarenta. Segundo Luís Carlos Borges da Silva,<sup>76</sup> essa escolha não foi pautada pela simpatia com a ideologia política de Otávio Mangabeira, mas, sim, em função das grandes obras realizadas por ele a frente do governo da Bahia, que tiveram repercussão nacional, mas também em função da construção de um prédio escolar na Vila de Cabeças, onde funciona a Escolas Reunidas José Bonifácio, uma das primeiras escolas do município de Governador Mangabeira.

Portanto, é nesse espaço construído historicamente a partir das relações sociais, das ações individuais e coletivas dos sujeitos, que se desenvolveu a tradição de louvar os Santos Reis.

---

<sup>76</sup>SILVA, Op. cit. Páginas. 67-71.

## **CAPÍTULO II - NA ROTA DA FESTA: RELIGIOSIDADE E MEMÓRIA EM LOUVOR AOS SANTOS REIS EM ALDEIA.**

A religiosidade é um elemento marcante entre os moradores da comunidade rural de Aldeia; o que se revela nas várias manifestações de fé, como as ladainhas rezadas em louvor a determinados santos, como aquelas em louvor a Santo Antonio, aos santos gêmeos, Cosme e Damião, realizadas para pagar uma promessa alcançada ou simplesmente pelo fato de manter uma relação de fidelidade que extrapola o ato de dar e receber. As ladainhas dedicadas a homenagear São Cosme e São Damião acontecem principalmente nas casas onde há filhos gêmeos e que comumente oferecem o tradicional caruru no dia 27 de setembro, data destinada a homenageá-los. Essas práticas de fé se manifestam também na procissão e nas novenas em louvor aos Santos Reis, além do culto doméstico a diversos santos devotados que se fazem presentes nos oratórios, elemento ainda marcante em várias casas da comunidade de Aldeia.

Por isso, com o estudo da festa dos Santos Reis, pretendemos compreender as práticas religiosas dos sujeitos constituintes da comunidade rural de Aldeia, suas crenças, suas práticas devocionais, enfim, características dos seus modos de vida, bem como, a partir das memórias, problematizar como se construiu a relação entre o sagrado e o profano nos festejos em louvor aos padroeiros daquela comunidade.

A festa, se tomada como expressão de convivência social, configura-se em um rico viés de análise das relações sociais, econômicas, das experiências de homens e mulheres construídas historicamente. Com essa manifestação podemos apreender também costumes, valores, tradições, inventados e ressignificados cotidianamente que são transmitidos de geração para geração nos espaços de sociabilidade por ela proporcionados e, por conseguinte, de manutenção de costumes e construção de valores entre os moradores de Aldeia que se reúnem para celebrar a festa em louvor aos Santos Reis.

A festa dos Santos Reis simboliza um momento de alegria e de esperança para o catolicismo popular, pois anuncia a chegada do novo ano e, com ele, a esperança dos devotos dos Santos Reis em realizar os sonhos de melhores condições de vida, de saúde, além de completar o ciclo de comemorações e homenagens prestadas por reis de diferentes lugares do mundo à chegada de

Jesus, que no imaginário cristão é o filho de Deus, outro rei que veio ao mundo para Salvar a humanidade. Essa manifestação de caráter religioso popular se engendra no ciclo das comemorações natalinas, realizadas no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro, momento do encontro dos três Reis Magos com o menino Jesus e sua divulgação para a sociedade como o Salvador. Segundo o pesquisador Guilherme Porto,

Folia de Reis pode ser entendida como os cortejos de caráter religioso popular, que se realiza em vários estados do Brasil, entre o Natal e a Festa de Reis (06 de janeiro), reproduzindo idealmente a viagem dos Magos a Belém, para adorar o Menino Jesus.<sup>77</sup>

Nesse período da natividade é comum os Ternos de Reis saírem pelas casas da vizinhança, cantando e tocando músicas profanas e sagradas para louvar esse ciclo de comemoração festiva para o catolicismo popular. Essa viagem ritualística passando nas casas dos vizinhos, na festa dos Santos Reis em Aldeia, não é mais praticada devido ao processo de ressignificação que ela vem sofrendo ao longo da história, sendo as comemorações concentradas na praça da comunidade onde está localizada a igreja dos Santos Reis, espaço onde acontecem as celebrações sacras (novenas e missa) e, na área externa, as comemorações profanas, durante os dias dedicados a essa manifestação festiva.

Para Maria Clara Tomaz Machado, a “Folia de Reis é um ritual cíclico, desenlaçado das amarras oficiais da Igreja, que nos induz a crer na renovação da esperança humana ao celebrar todos os anos o nascimento de Cristo que retorna para salvar”.<sup>78</sup> Apesar de ter chegado ao Brasil pelos Jesuítas, o desenlace do catolicismo instituído, possibilitou a liberdade de acréscimo de novos elementos à festa, reinventando, assim, a tradição, a partir da participação de novos sujeitos que buscam a construção de novas identidades, para se adaptar a um novo contexto, ou seja, são estratégias elaboradas com o intuito de garantir a perpetuação da tradição dentro da dinâmica desenvolvida por uma nova sociedade fruto da dialética humana.

---

<sup>77</sup>PORTO, Guilherme. As Foliagens de Reis no sul de Minas. Rio de Janeiro. MEC – séc. FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1982.

<sup>78</sup>MACHADO, Maria Clara Tomaz. Folia de Reis: Liturgia do povo recriando o mistério da vida, In PATROTA, Rosângela (org.) Histórias e Historiografia: perspectiva contemporânea de investigação. Universidade de Uberlândia, programa de Pós Graduação em história. EDUF 2003. p.34.

Dessa forma, essa manifestação festiva se firmou como uma celebração do catolicismo popular, aqui entendido, de acordo com Oliveira, como

O conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção das autoridades eclesásticas para serem adotadas pelos fiéis. Concretamente, chamamos provisoriamente catolicismo populares representações e práticas relativas ao culto dos santos e à transição com a natureza e não os sacramentos e a catequese formal<sup>79</sup>

Neste sentido, uma das características do catolicismo popular praticado em Aldeia consiste justamente numa relação direta entre devotos e santos, que se realiza sem a mediação e o controle da igreja católica, permitindo aos fiéis maior liberdade para criar e recriar suas formas de adoração, de fazer suas promessas e pagar pelas graças alcançadas. Geralmente, a relação das pessoas com o santo devotado é influenciada pela fama que ele tem em realizar alguns milagres, bem como de atender causas e aflições específicas; assim, não é comum se recorrer a Santo Antonio para curar uma enfermidade nos olhos, já que essa capacidade é atribuída à Santa Luzia.

Sobre a especificidade de atendimento atribuída a cada santo, Marc Bloch lembra que “a maioria dos santos verdadeiramente populares também possui talentos específicos: as pessoas dirigem-se a um deles rogando-lhe que cure os males dos olhos; outros pedem que remedeie os males do ventre; e assim por diante”<sup>80</sup>. Essa relação direta e até íntima entre santo e devoto é um elemento típico do catolicismo popular, em que há cobrança pela realização de uma graça pelo devoto e a exigência do santo devotado pela retribuição da graça alcançada, como ressalta a narrativa da senhora Nair Frateles: “minha sobrinha disse que sonhou duas vezes com a ladainha de Santo Antonio, mas eu sei o que é isso, ele tá me cobrando por que já tem dois anos que eu não rezo, mas esse ano eu vou fazer”<sup>81</sup>. Esse contrato simbólico não é comum ser rompido; às vezes, passa de pai para filho o compromisso em retribuir ao santo com a celebração de uma ladainha ou uma missa como cumprimento da promessa feita.

---

<sup>79</sup> OLIVEIRA, Pedro Antonio Ribeiro de. *Religião e Dominação de Classe. Gênese, Estrutura e Função do Catolicismo Romanizado no Brasil*. Editora Vozes. Petrópolis Rio de Janeiro 1985 p.113.

<sup>80</sup> BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo, 1993. p. 59.

<sup>81</sup> FRATELES, Nair. Depoimento gravado em julho de 2010.

## 2.1- SANTOS REIS: A CONSTRUÇÃO DA TRADIÇÃO NA COMUNIDADE RURAL DE ALDEIA.

Não há informações precisas sobre quando e onde começou essa tradição de homenagear os Reis Magos; mas, no Brasil, essa manifestação foi introduzida pelos colonizadores portugueses e espalhou-se por várias regiões da colônia, construindo características próprias em função da região em que se desenvolveu, agregando elementos típicos das regiões, por isso, a denominação varia de lugar para lugar, sendo conhecida como terno de reis, folia de reis, cortejo de reis e, em Aldeia, festa dos Santos Reis. Seguindo nessa perspectiva, Fabiane da Silva Andrade ao estudar os festejos em louvar aos Santos Reis na cidade de Santo Antonio de Jesus através do Terno Humildes em Alegria, afirma que

No Brasil, as festividades aos Reis Magos passaram por diversas mudanças, adquirindo características regionais, locais e, por vezes étnicas; assim, não podemos pensar em características homogêneas para as festividades aos Santos Reis, pois há diversas formas de celebrar e comemorar a devoção aos Reis Magos.<sup>82</sup>

Esse fato é pertinente para pensarmos as variações da festa popular no tempo e no espaço, pois, apesar de se referir a uma mesma manifestação, não existe uma identidade única, ou seja, é preciso compreender a diversidade que existe dentro da unidade, até porque buscamos na pesquisa justamente a singularidade, o específico, o que torna a festa dos Santos Reis de Aldeia diferente das outras na Bahia, especificamente no Recôncavo. Segundo Guilherme Porto,

Essa manifestação de caráter religioso popular desenvolveu-se nos países ibéricos de onde essa tradição chegou até o Brasil, ganhando originalidade e um caráter próprio de acordo a cada região do país que esta tradição se desenvolveu, assim recebendo várias denominações, como terno de reis, folia de reis, cortejo de reis e chegança.<sup>83</sup>

Na região do Recôncavo, onde é comum festejar os reis, tomamos como objeto de análise os festejos da comunidade rural de Aldeia - Município de Governador Mangabeira que apresenta uma conformação específica, portanto, diferente de outros municípios vizinhos, uma vez que não é organizada a partir de

---

<sup>82</sup> ANDRADE, Fabiane da Silva. Abra alas, minha gente! Festa, cultura e religiosidade popular no Terno de Reis Humildes em Alegria – 1966 a 1993. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós- graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional. Santo Antonio de Jesus, 2009. p. 28.

<sup>83</sup> PORTO, Op. cit. p. 8

um terno de Reis pertencente a uma pessoa, mas, sim, uma manifestação que acontece na praça da comunidade, sendo que a cada ano é feita a transmissão bandeira da festa para uma nova pessoa da comunidade que terá a missão de organizá-la.

Essa diversidade de denominações utilizadas para se referir a festa dos Reis, demonstra a capacidade que o povo tem de criar, recriar e incorporar novos elementos a essa manifestação, o que contribui para a construção da singularidade da festa dos Reis de um determinado povo e lugar. É justamente em função dessa liberdade criativa, da diversidade de elementos culturais, cotidianamente agregados, que essa tradição vem se reinventando a cada celebração que se encerra no dia seis de janeiro. Câmara Cascudo registra que na Península Ibérica, no período da festa de Reis era,

[...] época de dar e receber presentes, os 'reis' de forma espontânea ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, que visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde de 5 de janeiro véspera de reis cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos à data e solicitando alimentos ou dinheiro.<sup>84</sup>

Essa prática de visitar as casas solicitando alimentos, dinheiro e prêmios, para serem comercializados no leilão, é característica marcante na festa dos Reis de Aldeia como forma de angariar recursos para custear as despesas com a organização da mesma. O ato de entregar presentes no período natalino é uma forma de reviver e recriar o gesto dos reis magos que presentearam o menino Jesus com ouro, incenso e mirra. Por isso, criou-se a tradição de armar presépios durante o ciclo da natividade que se constitui numa representação do local do nascimento de Cristo. Os presépios são ornamentados com uma série de objetos que simbolizam os presentes levados ao menino Jesus e, também, uma forma de reforçar um pedido ainda não alcançado pelos devotos junto aos Reis Magos.

Podemos perceber nos presépios uma interseção de elementos sacros e profanos, principalmente quando as pessoas representam a necessidade de uma interferência divina na solução de seus problemas sociais, econômicos, de saúde, enfim, a esperança de alcançar as graças por melhores dias de vida, assim como a expectativa de realização dos sonhos com a chegada do ano novo. Sobre a história

---

<sup>84</sup>CASCUDO, L. da Câmara. Folclore no Brasil. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967. p. 47

do presépio em Portugal e no Brasil no contexto das festas da Natividade, Luís da Câmara Cascudo afirma:

Dos festejos da Natividade dois outros centros de interesse popular, de indispensável presença até depois do Dia de reis, eram o presépio, ou lapinha, sinônimo de presépio. Dançar a lapinha era o mesmo baile pastoril que, de simples bailado votivo ao Menino Deus, passou a constituir um auto, abrangendo várias jornadas, cada uma com seu assunto independente. Já havia presépio em Lisboa de 1391, feito pelas freiras do Salvador. São Francisco de Assis tê-lo-ia criado em 1223 na Grécia, a tradição dos presépios nunca mais desapareceu no mundo católico. Fernão Cardim viu presépio na Bahia em 1583 e no Rio de Janeiro no Natal imediato. O franciscano Gaspar de Santo Agostinho seria o divulgador em Olinda, onde faleceu nonagenário, em 1635<sup>85</sup>

Entre as tradições populares trazidas pelos colonizadores para o Brasil, o reisado e os presépios talvez tenham sido as manifestações que mais se perpetuaram, conseguindo manter-se vivas em algumas partes do Brasil. Sem dúvida, esse fato associa-se à capacidade, à criatividade e à dinâmica com que o povo extingue e/ou recria, ressignifica elementos das festividades de caráter religioso popular mediante novos contextos, originando, assim, outros significados; porém, sem perder de vista a sua essência, por isso, passado e presente, novo e velho são realidades inseparáveis como constitutivas dos modos de viver e de festar do povo, de forma que a tradição é transmitida de geração para geração perpetuando as memórias e os valores da cultura popular que se ressignifica mediante as experiências vivenciadas e construídas pelos sujeitos em outros tempos e espaços.

Não se tem um momento preciso de quando começou a tradição de louvar aos três Reis Magos na comunidade rural de Aldeia; mas, de acordo com as memórias dos moradores, essa manifestação festiva já vem sendo desenvolvida há bastante tempo e se constituindo como uma importante manifestação da cultural popular local, na qual se evidenciam características típicas dos sujeitos moradores de Aldeia, principalmente as formas ensejadas por eles para produzir a festa a cada ano, possibilitando, assim, a perpetuação da tradição.

As articulações para a produção da festa dos Reis na comunidade de Aldeia, até o final da década de oitenta, tinha início ainda no mês de dezembro, quando era

---

<sup>85</sup>CASCUDO, Op. cit. p. 47.

realizado o pregão, também conhecido como o bando anunciador que consistia em enfeitar os cavalos para sair em desfile percorrendo algumas comunidades do Município de Governador Mangabeira, recitando e catando para anunciar e divulgar a festa dos Santos Reis e ao mesmo tempo, arrecadar contribuições como narra a senhora Angelita Ribeiro Gálio: “a festa de Aldeia era assim: quando faltava oito dias para natal, tinha o pregão, o pregão era maravilha, ali que era um pregão, aqueles cavalos bonitos ali daquela roça, aquele povo com o chapéu bonito, aqueles animais enfeitados” (...) <sup>86</sup>. Conforme ressalta Edilece Couto, <sup>87</sup> esses bandos anunciavam e antecipavam as festas religiosas e civis no Brasil desde o período colonial, organizadas pelos jesuítas como estratégia no processo de atração e evangelização de índios e africanos.

Atualmente, como estratégia para anunciar a festa e ao mesmo tempo arrecadar recursos para custear as despesas com a organização, principalmente referente ao aspecto religioso, é realizada uma cavalgada, que acontece entre novembro e dezembro, (não apresentando uma data fixa), momento em que cada participante compra a camisa com a imagem dos três Reis Magos e o nome da festa de Reis. Os organizadores da cavalgada, juntamente com o tesoureiro da festa, estabelecem um ponto de concentração dos cavaleiros e, após percorrer algumas comunidades divulgando o evento festivo, encerram-na na comunidade de Aldeia, onde é feito um leilão com os prêmios que foram doados para tal fim, e os recursos arrecadados é destinado para pagar a missa, pintar a igreja, comprar flores para enfeitar a igreja durante as novenas, enfim, comprar as coisas necessárias para desenvolver todo o ritual sacro.

Na noite de 31 de dezembro era organizado o “Terno do Silêncio” que saía da comunidade de Queimadas com destino à Aldeia - aproximadamente três quilômetros de distância - visitando as casas para festar e anunciar a chegada do ano bom e, por conseguinte, anunciar o início da festa dos Reis. O grupo de festeiros chamado de “Terno do Silêncio”, ao contrário do que o nome sugere, fazia bastante folia quando atraía várias pessoas para determinadas casas sem que o proprietário fosse avisado previamente, já que eram considerados como os reis

---

<sup>86</sup>GÁLIO, Angelita Ribeiro. Depoimento gravado em 18 de dezembro de 2009. 68 minutos.

<sup>87</sup>COUTO, Edilece Souza. A Puxada do Mastro: Transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA). p. 118.

roubados, chegando de surpresa nas casas, cantando na frente até que alguém abrisse a porta para receber, comemorar e participar daquela celebração festiva.

A chegada nas casas seguia toda uma ritualística passo a passo: para anunciar a chegada cantava-se em primeiro lugar o “Reis de chegada” ou “Reis da porta”; depois que o proprietário abre a porta, já dentro de casa, cantava-se o “Reis do presépio”, diante do presépio que simboliza o local sagrado do nascimento de Jesus Cristo; e em seguida, os donos da casa serviam muita comida e bebida na medida em que também se envolviam no samba, como relembra o senhor Balbino:

O terno do Silêncio era do dia 31 pro dia primeiro. Ninguém dormia! Eu não deixava; saía nove pra dez horas da noite, o povo tudo dormindo, o coro comia na boca da porta; pandeiro, enxada velha, pegava uma mola grande para fazer o reco-reco, pegava ela puxava, pregava numa tábua e pronto, aí chegava nas casas, era os reis roubado. O povo tinha que abrir a porta, mas quando a gente numa casa, com a zuada, o vizinho já abria a porta; as casas mais longe, a gente chegava tudo calado, quando acabava de chegar, aí começava: “acorda Maria venha ver, acorda Maria venha ver pancada de reis na terra”. Aí o coro comia, era chocalho, bandeiro, tambor. Quem era que dormia? Aí, quem era de café era café, quem era de cachaça era cachaça, tava preparado o povo, era licor, licor era os litros em cima da mesa, o povo da casa caía no samba, pegava o licor e saía distribuindo, mas quando falava: “vamos embora, todo mundo, vamos embora”. O povo já tava preparado, porque era todo ano. O primeiro ano foi choque. Quando o dia amanhecia, a gente ia cuidar nas coisas, organizar o bumba meu boi, enfeitar a praça de fora a fora com palha de dendê. (...) <sup>88</sup>

Nessa narrativa pode-se notar a capacidade de organização e criatividade das pessoas da comunidade para fazer a festa acontecer; transformando artigos da labuta diária, como a enxada, em instrumento de som para garantir a diversão dos frequentadores, passando nas casas que, apesar de ser uma prática de “reis roubados”, as pessoas já estavam preparadas com comidas e bebidas para atender aos reiseiros que anunciavam a chegada do ano bom e alimentando a esperança de que seus pedidos fossem atendidos pelos santos protetores - os três Reis Magos. Também se evidencia aí o empenho e articulação da comunidade para a organização da festa, uma vez que algumas funções já parecem determinadas para cada pessoa, a exemplo de enfeitar a praça com folhas de dendê, com as quais montavam o cenário da festa.

---

<sup>88</sup>Balbino Gonçalves. Depoimento gravado em 29 de dezembro de 2009.

Às vésperas do dia primeiro de janeiro, data que marca o início das comemorações aos Reis Magos e prosseguindo até o dia seis do mesmo mês, verifica-se na comunidade de Aldeia, uma dinâmica diferente dos dias habituais. A festividade é percebida na movimentação de pessoas chegando das grandes cidades, principalmente da capital do Estado, aproveitando esse período festivo para voltar ao seu “torrão natal”, rever parentes e amigos e ao mesmo tempo participar dos festejos em homenagem aos Santos Reis padroeiros da comunidade. Muitos já se fazem presentes na comunidade bem antes para celebrar os festejos natalinos e, prosseguem por todo o ciclo da natividade que inclui a festa dos Reis; Adeptos e visitantes de cidades circunvizinhas chegam justamente para os festejos que simbolizam o encontro dos Reis Magos com o menino Jesus e presenteando-o com ouro, incenso e mirra, que na liturgia do catolicismo representam respectivamente, a realeza, a divindade e a humanidade de Cristo. Esse encontro é retratado em cânticos religioso, a exemplo do bendito dos três Reis Magos, que em um dos trechos canta-se:

Ao chegar à manjedoura, Maria se admira.  
Ofertaram a Deus menino incenso, ouro e mirra.  
Se você não conhece os reis, não precisa perguntar.  
Vou dizer o nome deles:  
E Gaspar e Baltazar.<sup>89</sup>

Nesse trecho do bendito não faz referência ao terceiro rei, o Melchior, mas aparece no seu decurso. No último dia das festividades em homenagem aos Três Reis Magos em Aldeia, durante a missa, é feita uma representação dos três Reis Magos com os presentes que foram ofertados ao menino Jesus quando o encontraram na manjedoura, o incenso, o ouro e a mirra, como sugere a representação dos jovens da comunidade registrada na fotografia abaixo. É importante perceber que a escolha dos três Reis Magos, segue as descrições registradas na Bíblia, um rei negro, um moreno e um branco.

---

<sup>89</sup>Bendito aos Reis Magos- domínio popular.



Fotografia dos Três Reis Magos. Trabalho de campo em janeiro de 2010. Autoria: Alex Sandro da Conceição Brandão.

Com o limiar da festa dos Santos Reis, toda a normalidade da comunidade é tomada por essa movimentação de pessoas que vão chegando e ocupando a praça, os bares, o que contribui para dinamizar a economia local, gerando renda para muitas famílias da comunidade de Aldeia, de outras partes do município e também de cidades vizinhas que trazem uma diversidade de produtos para serem comercializados durante os dias de festa. Esse processo migratório para a comunidade fica claro na narrativa do senhor Manoel Moutinho, conhecido por seu Dete: “Ah! Não tinha canto que não viesse gente. Olha, se os músicos vinham do Bonfim, vinha gente acompanhando de lá para cá, gente de Conceição, gente de Feira de Santana, de Salvador, vinha gente de todo canto do mundo”,<sup>90</sup>. Essas pessoas se utilizam da festa com propósitos diferentes: geração de renda, espaço de diversão, de encontro e reencontro, de reafirmação das diferenças sociais. Enfim, a festa se constitui nesse espaço de múltiplos olhares e de interesses diversos.

Enfeita-se a praça para a tradicional festa dos Santos Reis, com bandeirolas, barracas de guloseimas recheadas de doces, cocadas, comidas feitas na hora;

---

<sup>90</sup>MOUTINHO, Manoel Alves. Depoimento gravado em 2005.

armam-se barracas de jogos de azar e muita diversão, principalmente para as crianças, com várias brincadeiras, como corrida de saco, pau de sebo, enfim, havia também uma expectativa de se ganhar algum dinheiro com a homenagem aos Reis Magos, garantindo a alegria e o entretenimento para centenas de pessoas que por ali passavam durante os dias da festa. Essa festança é realizada após ornamentação do cenário e montagem da estrutura necessária para garantir a alegria e diversão ao público. Sobre a produção do cenário da festa, são importantes as reflexões de Carlos Rodrigues Brandão ao estudar sobre a Festa dos Santos Reis em Goiás:

[...] Pequenos circos e rodeios são trazidos para a cidade; inúmeras barraquinhas onde se vende comida (de sanduíche de carne picada a maçã do amor), roupa feita, objetos de uso doméstico, novidades de plástico onde se lê a sorte ou se tiram fotos de “lembrança”, onde prazerosamente se bebe, e o devoto católico, resolvidas suas contas com o sagrado, entrega-se sem culpa a outros jogos de sedução. Essa “parte profana” da festa é tão indispensável quanto as outras duas. Não é errado, portanto, dizer-se que a festa é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão.<sup>91</sup>

Uma festa de caráter religioso popular, como a festa dos Reis, permite essa mistura de ritos, de celebrações sacras e manifestações profanas que se complementam, tendo em vista que após a realização das novenas, o devoto, sentindo que já cumpriu com sua obrigação com seu protetor procura desfrutar de outras opções oferecidas durante os festejos. Neste sentido, compreendemos que uma festa popular simboliza também o espaço de encontro entre as pessoas da comunidade, espaço para resolver rixas, enfim, um espaço de sociabilidade, de tensões, de construção e reafirmação de costumes e valores próprios daquelas pessoas que produzem a festa, um evento que se constitui como parte integrante dos modos de ser e fazer desses sujeitos. Nessa perspectiva, ao pensar as festas populares como espaço aberto para a diversidade, Brandão enfatiza que

uma festa popular é mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer, cantar. Enfim, de “festar”, palavra brasileira que deliciosa e sabidamente resume tudo o que se deve fazer em uma festa popular<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1940 - A cultura na rua. Campinas, São Paulo; Papirus, 1989. p. 12-13.

<sup>92</sup>*Ibidem* p. 13.

Oficialmente, a festa de Aldeia começa na madrugada do dia primeiro de janeiro após o céu brilhar com os tiros de foguetes para anunciar o começo das comemorações em homenagem aos Reis Magos. Os fogos servem como chamamento às pessoas para participarem da festa, nesse sentido como sugere Brandão, “toques de sinos e o clarão dos fogos (quanto mais e mais sonoros, tanto maior o prestígio do imperador na noite da cidade)”.<sup>93</sup> No caso da festa dos Santos Reis em Aldeia- Governador Mangabeira, não existe a figura do imperador; mas, cada tesoureiro, ao receber a bandeira da festa para organizá-la, no ano seguinte se empenha ao máximo para fazer uma festa melhor do que a anterior.

Entretanto, os fogos em grande quantidade, gerando um espetáculo suntuoso também significavam demonstração de poder que, de forma simbólica, vai se impondo mediante a representação que os participantes e convidados atribuíam ao tesoureiro da festa. Assim, quanto maior a quantidade de foguetes estourados nos dias da festa, mais expressivas eram as visibilidades conferidas ao tesoureiro. Esse espetáculo produzido pela queima de fogos é lembrado pelo senhor Balbino, “(...) aí já era a derradeira novena, aí o pau quebrava, era fogos que clareava daqui ao Jordão, era foguete de toda vidade, eu botava o foguete de cima da Santa Cruz”<sup>94</sup>. Por isso, a pessoa escolhida para ser o tesoureiro da festa precisa dispor de certo respaldo financeiro, bem como a capacidade de se articular para conseguir patrocínio, a fim de que sua festa correspondesse às expectativas e ele ficasse com prestígio, principalmente com os moradores de Aldeia, já que a quantidade de fogos estourados tinha o poder de falar sobre a festa e seu organizador.

## **2.2-AS NOVENAS E AS LAVAGENS: O SAGRADO E PROFANO NO LOUVOR AOS SANTOS REIS.**

É uma característica marcante nos festejos de caráter religioso a relação estabelecida entre sagrado e profano. Em alguns casos elas se fazem conflituosas e em outros se relacionam de forma respeitosa. Mas, como se construiu historicamente essa relação entre o profano e o sagrado na festa dos Santos Reis

---

<sup>93</sup>BRANDÃO, Op. cit. p. 13.

<sup>94</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento gravado em 29de de dezembro de 2009.

na comunidade rural de Aldeia? Como a relação entre esses dois espaços revelam características dos sujeitos de Aldeia e da suas práticas religiosas?

A festa dos Santos Reis na comunidade rural de Aldeia é pensada a partir de dois espaços que se intercalam constantemente, pois suas fronteiras são tênues. De um lado, o espaço sagrado que acontece no interior da igreja dos Santos Reis, representado pelas novenas, pela missa e pela procissão que sai da igreja para fazer um pequeno trajeto, realizada no último dia de celebração. O sagrado pode ser entendido como aquilo que se opõe ao profano, como ressalta Mircea Eliade,<sup>95</sup> “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano”. São duas modalidades assumidas pelo homem ao longo da história, haja vista que a existência de um garante a existência do outro. Esse aspecto sacro da festa é pensado e executado por uma comissão formada apenas por mulheres que são lideranças católicas na comunidade e que possuem um grande poder de articulação na organização da festa.

Os papéis desempenhados por cada membro da comissão é bem definido durante as novenas, pois existem aquelas responsáveis pelos cânticos, outra para fazer o ritual de queimar o incenso, outra que convida o palestrante da noite, faz os agradecimentos e prestam as homenagens, enfim, toda uma organização que garante grandiosidade e ritualística deste aspecto da festa.

De outro lado, o espaço profano, que primeiramente era representado pelas lavagens que arrastavam multidões pelas estradas de chão, ao som de fanfarras, passando em algumas casas, comendo, bebendo e louvando os Reis Magos por meio de cantigas e verso que simbolizava aquele momento festivo, pelos bailes dançantes em espaço fechados, a exemplo do Baile da Fumaça e o Baile das Moças, e também pela dinâmica verificada na praça com as barracas de jogos de azar, barracas de doces, de comidas feitas na hora como acarajé, cachorro quente. Tudo isso, que de certa forma, contribui para montar o cenário da festa, como enfatiza Canclini ao discutir a festa popular no México:

---

<sup>95</sup>MIRCEA, Eliade. 1997- 1986. O sagrado e o profano: Tradução Rogério Fernandes. São Paulo. Ed. Martins Fontes 1992. p. 25.

São dois os cenários. O espaço concentrado da praça, onde é feito o comércio de artesanato e de produtos indústrias, a diversão do consumo, a comida feita na hora, os jogos mecânicos e de azar. Simultaneamente, o espaço itinerante da procissão, seis quilômetros de caminhada que começam rodeando o centro e em seguida abandonam o povoado, sobem ao outeiro para a missa principal.<sup>96</sup>

Esse entrecruzar constante entre profanidade e sacralidade simboliza uma das características das festividades do catolicismo popular, pois, como pontua Resendahl, “o sagrado e o profano se opõem, ao mesmo tempo, se atraem. Jamais, porém, se misturam.”<sup>97</sup> Assim, estudar as manifestações festivas de caráter religioso e popular, como a festa dos Santos Reis, perpassa justamente por tentar compreender como ela consegue agregar em um mesmo evento o rezar e o festar, e não pensar onde um começa e outro termina, mas, sim, como se faz historicamente esse imbricamento, uma vez que as fronteiras são móveis, intercambiáveis e fazem parte de uma estrutura maior que é a celebração da festa em louvor aos Reis Magos que atrai todos para aquele espaço, por isso que sagrado e profano se complementam.

Essa relação entre o sagrado e o profano, como espaços que se complementam e se separam ao mesmo tempo, fica evidente no rememorar do senhor Balbino: “(...) “aí quando recolhia o boi (bumba-meu-boi), o povo: vá buscar o boi, outro vá buscar o boi. Não! hora da novena tinha que respeitar, tinha que recolher o boi”.<sup>98</sup> Nessa narrativa pode-se perceber que o tempo e o espaço, destinados para o sagrado, não são um dado *a priori*, mas uma construção dos moradores da comunidade que se envolvem com toda a celebração da festa, ao contrário dos visitantes que faziam questão de continuar com a festa do boi não levando em consideração a forma como a festa é pensada e estruturada pela comunidade a fim de que esses dois espaços, sacro e profano, sejam celebrados e vivenciados como uma construção coletiva.

Brandão discute a festa como sendo também o espaço da interseção entre sagrado e profano, “distribuídos entre seus momentos próximos e afastados, a festa aparece como um longo e demorado acontecimento de culto e festejos, entre rituais

---

<sup>96</sup>GARCIA CANCLINI, Néstor. *As Culturas Populares no Capitalismo*. Editora Brasiliense.1983. p. 118.

<sup>97</sup>RESENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. 2ª Ed. Rio de Janeiro; UERJ – Nepec, 1996. p. 31.

<sup>98</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento em 02 de janeiro de 2005

“profanos e religiosos”.<sup>99</sup> Para compreender o intercâmbio entre esses fenômenos e como eles são produzidos a partir das relações sociais, é preciso dar visibilidade às diversas formas de expressão das experiências humana, ou seja, os modos de ser e fazer de cada grupo social em um dado momento histórico.

Apesar da festa dos Santos Reis em Aldeia ter se desenvolvido desenlaçada do controle eclesiástico, uma vez que não é pensada nem produzida pelo catolicismo instituído, mesmo assim, existe, de certa forma, uma interferência da igreja católica, tendo em vista que os Santos Reis são os padroeiros da comunidade, estando, assim, algumas decisões atreladas à Igreja Matriz. Mas, é pertinente salientar que essa manifestação que chegou ao Brasil com os colonizadores, era controlada e organizada pela igreja católica através dos jesuítas que a utilizava como uma dramatização para envolver os índios no processo de evangelização, porém, com o passar do tempo ganha o domínio popular que reinventou muitas de suas práticas construindo identidade própria em função da região que se desenvolveu.

A cada ano é estabelecido pela Igreja Matriz um tema central e treze subtemas para serem trabalhados nas comunidades durante todo o ano nas festas dos padroeiros das vinte e oito comunidades que compõem o município. No ano de 2010, o tema central foi “Fidelidade de Cristo, Fidelidade de Sacerdote”, sendo trabalhados os seguintes subtemas nas cinco novenas em forma de palestra em louvor aos Santos Reis: Maria - a catequista discípula e missionária; sacerdote ministro do sacramento do batismo; a diferença entre o sacerdote comum e o sacerdote ordenado; sacerdote do batismo um - mestre que sabe empolgar seus discípulos e, sacerdote de cristo, sacerdote da igreja.

É pertinente ressaltar que na liturgia católica existe o tríduo, as novenas e as trezenas, porém, no caso da festa de Aldeia, acontece a celebração de novenas em apenas cinco dias, fato que, segundo o Padre José,<sup>100</sup> que atuou por dezoito anos na paróquia de Governador Mangabeira, constitui-se em uma especificidade da festa. Durante os cinco dias de celebração, cada novena é dedicada a determinadas

---

<sup>99</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro. Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro. 1978. p. 35.

<sup>100</sup>Padre José, pároco da cidade de Muritiba. Entrevista realizada em sua residência na cidade de Muritiba em 15 de setembro de 2010.

famílias, a alguns segmentos da sociedade mangabeirense e também às comunidades que compõem o município de Governador Mangabeira.

Essa interferência da igreja católica na produção do âmbito religioso da festa de Reis em Aldeia fica evidente na narrativa de uma das integrantes da comissão religiosa da festa:

Olha, esse tema já vem escolhido da matriz, o tema central. Agora, dentro do tema central vem treze subtemas e a gente, desses treze, escolhemos cinco porque aqui só temos cinco dias de novena. A Igreja Matriz é a Igreja de Nossa senhora da Conceição que é nossa mãe, lá o padre decide junto com a comissão e passa para a comunidade e cada comunidade tem seu padroeiro, aí vai escolhendo seus temas (...)<sup>101</sup>

Esses temas são abordados nos cinco dias de novena por palestrantes que são convidados pela comissão organizadora, geralmente pessoas que são envolvidas com a liturgia católica em suas comunidades, como argumenta a senhora Eunice: “por que eu vou convidar um deputado, o prefeito, um vereador porque eles sabem do assunto deles, não sabem discutir um tema desses, porque aí o tema é uma coisa e ele tá falando de outra que não tem nada a ver”.<sup>102</sup> Embora senhora Eunice afirme que não convide políticos para proferir uma palestra, mas, a ausência do discurso não impede a participação deles na organização da festa, já que eles se fazem presentes patrocinando um prêmio para um bingo, financiando uma banda de música, pagando bebidas para os participantes, tudo isso para atender aos interesses do jogo político de estar em evidência, fato que simboliza a disputa de poder entre os grupos políticos rivais visando ganhar a preferência dos eleitores nas urnas.

No final da celebração das novenas, é realizado o ritual do ofertório, no qual todos ficam de pé, como sinal de respeito ao momento de ofertar aos Reis Magos uma contribuição (que dependerá da condição de cada um), o que é, também, uma demonstração de devoção e da satisfação em estar participando do ritual religioso em louvar aos Reis Magos, padroeiro da comunidade, momento também de agradecer e pagar uma interseção do divino na resolução de problemas no mundo material. O ritual do ofertório é acompanhado com um cântico que envolve todos os

---

<sup>101</sup>SOUZA, Marivanda Nascimento de. Entrevista realizada na igreja de Santos Reis na comunidade de Aldeia em 05 de janeiro de 2010

<sup>102</sup>ADORNO, Eunice Leite. Depoimento gravado em 23 de setembro de 2006.

presentes. Cantando e ofertando, os participantes procuram demonstrar toda sua crença ao tempo em que reforça sua relação de fidelidade com seu santo protetor. Formando uma espécie de coral, os fiéis entoam o cântico das ofertas, ao passo que se dirigem até o local para depositar suas ofertas e fazendo o sinal da cruz ou curvando o corpo diante do altar como sinal de reverência às imagens dos três Reis Magos que lá se encontram. Esse ritual do ofertório é demonstrado na fotografia abaixo



Fotografia do ritual do ofertório. Pesquisa de campo em janeiro de 2005. A autoria: Alex Sandro da Conceição Brandão.

Durante o ritual do ofertório, é entoado o seguinte cântico:

Nesta prece, Senhor  
Venho te oferecer  
O crepitar da chama,  
A certeza de dar.  
Eu te ofereço o sol que brilha forte,  
Te ofereço a dor do meu irmão,  
A fé na esperança e o meu amor.  
Eu te ofereço as mãos que estão abertas,  
O cansaço do passo mantido,  
Meu grito mais forte de louvor.  
Eu te ofereço o que vi de belo  
No interior dos corações,  
A coragem de me transformar.<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup>Cântico do ofertório- domínio popular.

Os fiéis acreditam na importância do ofertório como forma de demonstrar a fé católica e também uma forma de retribuir a Deus as graças conquistadas. A respeito desse ato, é significativa a fala da senhora Nice, uma das organizadoras da festa na atualidade:

O ofertório porque nós temos que; temos que ofertar o que temos, pra dar nosso testemunho que somos católicos, porque o ofertório eu acho necessário porque, Deus não dar tudo de graça pra gente? Porque não podemos dar também pra Ele? Tantas bençãos, tanta graça que a gente consegue, tem que agradecer a Ele por isso.<sup>104</sup>

A partir da narrativa, percebe-se a relação de pacto entre os devotos e seu padroeiro; a festa é o momento de reconhecer que foram agraciados com uma benção e que é preciso retribuir a interferência e participação do santo na sua vida. O dinheiro arrecadado com o ofertório é destinado para arcar com as despesas provenientes da parte religiosa da festa, como pagar o padre pela celebração da missa, ornamentar a igreja, comprar lembrança para as pessoas homenageadas nas noites em que são celebradas as novenas; enfim, as despesas provenientes do ritual sacro da festa.

A festa dos Santos Reis em Aldeia tem a capacidade de agregar, de possibilitar o entrecruzar de diversão e devoção, de sociabilidade e de aprendizado mútuo, onde a religiosidade dos sujeitos se faz presente, por meio das novenas da missa, da procissão. Enfim, como ressalta Abreu, “as festas são sempre recriadas e reapropriadas, contendo as paixões, os conflitos, as crenças e as esperanças de seus próprios agentes sociais. Ou seja, através das festas, pode-se conhecer melhor a coletividade e a época em que aconteceram”<sup>105</sup>. Portanto, a festa tem o poder de evidenciar não apenas características das celebrações festivas, mas também elementos marcantes dos modos de vida dos sujeitos que a elaboram, bem como, características do momento histórico em que se celebra a manifestação de fé e diversão.

---

<sup>104</sup>ADORNO, Eunice Leite. Depoimento gravado em 23 de setembro de 2006.

<sup>105</sup>ABREU, Martha. O império do Divino: festa popular cultura religiosa no Rio de Janeiro. Nova Fronteira, São Paulo, Fapesp, 1999. p. 38.

### 2.3 AS LAVAGENS E O BUMBA-MEU-BOI: A DIVERSÃO EM LOUVOR AOS SANTOS REIS.

Uma das características que torna as festas populares de santos católicos, como a dos Santos Reis da comunidade rural de Aldeia, tão instigante é justamente sua capacidade de agregar o rezar e o festar em um mesmo espaço. Apesar de horários estabelecidos para que cada ato aconteça, a separação entre sacralidade e profanidade não existe de forma rígida, tendo em vista que esses dois espaços se complementam, principalmente quando os recursos oriundos do espaço profano são utilizados também para custear despesas do espaço sagrado, mantendo, assim, esse elo de ligação, uma vez que os devotos dos Santos Reis, após terem cumprido o seu ritual de fé e devoção nas novenas, passam a desfrutar do que está sendo oferecido no outro espaço que podemos também denominá-lo de lúdico.

A festa profana em louvor aos Santos Reis na comunidade rural de Aldeia, até o final de década de 1980, era feita com lavagens dançantes que arrastavam multidões pelas estradas de barro, no ritmo da fanfarra embalada pelo terno do Bonfim de Feira em visita às casas dos moradores da comunidade, bebendo, comendo e cantado versos e cânticos próprios dessa celebração. Aquele momento festivo simbolizava o encontro dos Reis Magos com o Salvador, como é evidenciado no fragmento deste cântico:

Hoje, uma luz brilhou, grande alegria nos traz.  
Canta meu povo, canta ao senhor,  
Jesus chegou, trazendo a paz.  
Ao mundo desunido Jesus mostrou a paz que se encontra,  
plantando amor.  
Surgiu a luz do alto na escuridão,  
trazendo a todos a salvação.  
A vida em plenitude desceu do céu,  
e nós vivemos no amor de Deus.  
E agora proclamamos em alta voz:  
O Deus da vida vive entre nós.<sup>106</sup>

São cânticos e versos que representam e simbolizam a crença dos moradores de Aldeia, pequenos agricultores, comerciantes que crêem na figura do menino Jesus, o salvador, o enviado por Deus para pregar e promover a paz entre os homens e, por isso, é homenageado na festa dos Reis Magos que foram aqueles que anunciaram sua chegada para o mundo.

---

<sup>106</sup>Cântico – domínio popular.

Durante os seis dias de festa eram realizadas três lavagens e um baile dançante em espaço fechado. A primeira lavagem era conhecida como a lavagem do tesoureiro, que acontecia no primeiro dia da festa quando no final da tarde as pessoas, no ritmo do terno musical do Bonfim de Feira, seguiam até a casa do tesoureiro responsável pela organização da festa para recolher a bandeira e levá-la para a igreja, a fim de que no dia seis de janeiro, após a realização da procissão, a bandeira fosse entregue para o próximo tesoureiro responsável pela organização da festa no ano seguinte.

Essa lavagem adentrava pela noite, acompanhada por músicos que animavam a multidão pelo trajeto que ligava a casa do tesoureiro à igreja dos Santos Reis, percorrendo várias partes da comunidade e só parava quando entrava em cena a cerimônia religiosa da festividade com a celebração da novena. Após a celebração do ritual sagrado, a praça ficava repleta de pessoas bebendo, conversando, frequentando as barracas de jogos de azar, principalmente o jogo de dados; enfim, aproveitando o lado profano da festa. Esse momento da festividade é lembrado por seu Balbino, quando ele descreve a praça após o término da lavagem e da novena:

A lavagem começava uma hora dessa assim, umas quatro horas da tarde, no verão que tivesse como agora, saía cinco horas, saí dali da frente da igreja. Quando terminava a lavagem, às seis pra sete da noite, tinha a novena e depois aí tinha movimento na praça, pra lá e pra cá, era muita gente bebendo, se divertindo. Banca de jogo era o que não faltava, jogando esplandim, aquele dado que sacudia e emborcava em cima da mesa. Dinheiro era mesmo que folha de pau (...) e aí quando era pelas dez, onze horas o povo se recolhia para no outro dia, no dia dois retornava a lavagem de novo.<sup>107</sup>

A narrativa descreve a dinâmica da festa, ressaltando a confluência entre profanidade e sacralidade, uma vez que, na festa dos Santos Reis em Aldeia, parece que um não existiria sem a presença do outro, pois eles se complementam e se afastam ao mesmo tempo, visto que as lavagens louvando os santos Reis terminam justamente para dar início à cerimônia religiosa

Outro elemento evidenciado na narrativa é a movimentação na praça após a novena, com pessoas frequentando as barracas de comidas e bebidas, as bancas de jogos de azar para fazer uma “fezinha” esperando ser agraciado com a sorte, já

---

<sup>107</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento em 02 de janeiro de 2005.

que os jogos simbolizam a esperança de muitas pessoas em ganhar dinheiro sem o labor do trabalho, e com isso, festejar de forma mais intensiva a homenagem aos Santos Reis.

Na festa em louvor aos Santos Reis em Aldeia, as lavagens<sup>108</sup> que existiam eram apenas dançantes, não existia o tradicional ritual de lavar a escadaria da igreja com água de cheiro, mas, sim, visitar as casas da comunidade no ritmo frenético de fanfarras que arrastavam uma multidão pelas estradas de chão possibilitando o entrecruzar de fé e divertimento nesse ato celebrativo.

No segundo dia, acontecia apenas o ritual religioso - novena -. Já no terceiro dia, acontecia a lavagem de Vavá, assim denominada em função de seu líder Vavá Mascarenhas, fazendeiro ligado a criação de gado e ao plantio e comercialização do fumo. Entre as lavagens essa foi a que mais se destacou; saía da residência do senhor Vavá Mascarenhas na comunidade de Queimadas no dia três de janeiro e seguia em direção a comunidade de Aldeia, centro onde acontecia toda celebração. Nessa lavagem era marcante a presença de homens vestidos de caretas, o bumba-meu-boi e a banda formada por instrumentos de sopro que vinha de Bonfim de Feira para garantir a folia e a diversão de homens, mulheres, jovens e crianças que durante todo o ano se preparavam para esse momento festivo. Sobre esse momento, o senhor Balbino lembra:

A lavagem de Vavá era no dia três. Ah! O pessoá, muita gente, era a lavagem mais rica que tinha de gente. Eu tinha o bumba meu boi, aí vinha a lavagem na frente e a gente com o boi atrás. Teve uma vez que o pessoa deixou os músicos sozinho para ficar na festa do boi (risos), o boi era animado de mais. Nessa lavagem tinha também muitas caretas, os homens vestidos de saía com aquela máscara no rosto... era uma porção de alegria.<sup>109</sup>

Essa lavagem percorria aproximadamente três quilômetros para chegar ao seu destino e, nesse percurso, a alegria e a diversão de centenas de pessoas estavam garantidas com animação dos músicos, das caretas e principalmente do

---

<sup>108</sup>Segundo SERRA, ordep, em sua obra, Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia. Uma Lavagem trata-se de uma velha tradição ibérica- que na Bahia combinou-se à lógica do culto do candomblé, segundo a qual foi reinterpretada. Em Portugal, era comum pessoas devotas fazerem promessa de lavar uma igreja, em pagamento de graça solicitadas ao respectivo orago. Já em terras lusitanas, essas manifestações de fé acabaram por carnavalizar-se, provocando as interdições eclesíásticas. p. 71.

<sup>109</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento em 02 de janeiro de 2005.

bumba-meu-boi<sup>110</sup> que ao mesmo tempo despertava medo, proporcionava divertimento. O senhor Balbino desempenhava o papel de vaqueiro para guiar o bumba-meu-boi, evitando que ele “atacasse” a multidão e, ao mesmo tempo colocando-o para brincar, sambar, fazendo a alegria de centenas de pessoas. Essa forma de teatro popular, apesar de sofrer influências africanas e européias, segundo Melo Moraes Filho, “possui uma identidade nacional, é um auto brasileiro, único em sua espécie. Essa armação é levada às costas de um indivíduo que, deixando-a cair esconde-se debaixo, durante a representação”.<sup>111</sup> Reportando-se ainda a narrativa do senhor Balbino, as pessoas mascaradas, com seu jeito alegre, suas vestimentas coloridas, suas máscaras grotescas, eram responsáveis pela animação e divertimento da multidão que acompanhavam a lavagem pelas estradas de chão até chegar à comunidade de Aldeia. Esses mascarados podem simbolizar uma reelaboração da figura do palhaço que anima os frequentadores de alguns ternos. Sobre a figura e participação do palhaço nas folias de Reis, Castro e Couto ressaltam:

Os palhaços esperam pacientemente a folia na rua, descansando à sombra de alguma árvore, a máscara suspensa, ou fazendo graças para o grupo de pessoas que se reúne, curioso, à porta da casa. Quando os foliões saem, a sanfona, as caixas e o bumbo chamam os palhaços-e estes saltam, dançam, recitam as suas chulas, sob a galhofa das crianças e o sorriso divertido e complacente da família visitada.<sup>112</sup>

Essa dramatização dos palhaços é uma releitura da passagem bíblica que relata o episódio em que o rei Herodes sentindo-se enganado pelos Reis Magos que não o informaram o local onde se encontrava Menino Jesus, prenunciado como o rei do povo judeu, manda sacrificar todas as crianças de até dois anos de idade. O interessante neste episódio relatado no evangelho de São Mateus, capítulo 2 versículo 16, é que não é evidenciada a figura do palhaço, sendo este uma criação da cultura local a partir da releitura do citado evangelista. Além disso, na festa de

---

<sup>110</sup>O Bumba-Meu-Boi é considerado um auto popular ou uma forma rudimentar de teatro, representado através de pequenos atos que contam a história de um boi. No Brasil, ele começou a ser encenado nos engenhos, ganhou adeptos nas zonas pastoris, nas pequenas vilas e aldeias pastoris. Mas sua origem é de Portugal e Espanha, onde sob a armação coberta de tecido pintado e cabeça de boi escondiam-se indivíduos que saíam pelas ruas fazendo o animal dançar e chifrar os espectadores, fazendo rir até mesmo os monarcas. Ver: Couto, Edilece Souza. A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus –BA). Editora da Universidade Livro do Mar e da Mata, 2001. p. 137.

<sup>111</sup>MORAES FILHO, Melo. Festas e Tradições Populares no Brasil. p. 49.

<sup>112</sup>CASTRO, Zaide Maciel de & COUTO, Aracy do Prado. Folias de Reis. Secretaria do Estado da Educação e Cultura. Minas Gerais.1996,p.38.

Reis, o palhaço passou a ter a missão de desviar a atenção dos soldados de Herodes e, por conseguinte, proteger o Menino Jesus de sua ira. São as apropriações e reelaborações que tornam essa manifestação festiva dinâmica e singular em parte da Bahia e do Brasil.

No alvorecer do quarto dia de festa, iniciava a lavagem das moças, assim denominada pelo fato de ser organizada nesse dia pelas filhas dos fazendeiros de Aldeia e de comunidades vizinhas, “as moças de família” que mereciam respeito e um tratamento diferenciado, pois eram as representantes da “elite” local, principalmente da família Dias. Essa lavagem tem um papel importante no sentido de revelar como a festa serve também para reafirmação das diferenças sócio-econômicas, bem como a demarcar os territórios de grupos da comunidade. Já no quinto dia, era realizado bailes em espaço fechado denominado de Baile da Fumaça e Baile das Moças que será melhor discutido oportunamente.

O sexto e último dia é dedicado apenas ao aspecto religioso da festa, simbolizado pela celebração da missa às quatro horas da tarde, logo após realiza-se o ritual do batismo e, em seguida, a procissão<sup>113</sup> que sai da igreja com fiéis e outros participantes carregando o andor com as imagens dos Santos Reis, Gaspar, Baltazar e Melchior, entoando cânticos e benditos para celebrar o encerramento do ciclo da natividade, pedindo graças a Deus e aos Reis Magos para que no ano vindouro estejam com vida e saúde para organizar e participar dessa manifestação festiva do catolicismo popular que abre o ciclo de comemorações do calendário religioso de Governador Mangabeira. Como ressalta a senhora Marivanda, “ela é muito importante porque representa a abertura do ano. Eu tenho o melhor orgulho de começar o primeiro do ano com o meu padroeiro.” Os devotos dos Santos Reis saem com o andor em procissão, percorre um pequeno trajeto em torno da comunidade, visitando algumas casas, levando mensagem de fé e esperança na interseção dos santos devotados Junto a Deus para que os sonhos sejam realizados no ano que se inicia. É através dessa manifestação de fé e devoção que os grupos sociais expressam suas crenças, bem como seus modos de se relacionar com o

---

<sup>113</sup>CERQUEIRA, Daniele Neris de Souza, ao estudar os festejos em louvar a São Gonçalo, na cidade de São Gonçalo dos Campos, ressalta que procissão é um cortejo religioso realizado em marcha solene, normalmente pelas ruas de uma cidade e carregando imagens e entoando rezas ou cânticos. Monografia de conclusão de curso em Licenciatura em História na Universidade Estadual de Feira de Santana; 2010. p. 62.

sagrado reafirmando, assim, sua devoção junto ao santo padroeiro. A fotografia abaixo registra um momento no percurso da procissão:



Fotografia da Procissão em louvor aos Santos Reis. Pesquisa de campo, janeiro de 2005. A autoria: Alex Sandro da Conceição Brandão.

Nessa fotografia, pode-se perceber o cortejo devocional, carregando o andor bastante enfeitado, com as imagens dos três Reis Magos, saí da praça da comunidade de Aldeia, denominada Praça Gênis Dias, já com pavimentação, para realizar o percurso no entorno da própria comunidade. Outro elemento evidenciado no primeiro plano da fotografia é a figura do senhor “Neto Dias” (à direita, calça Jeans e camisa branca), escolhido para receber a bandeira da festa e, por conseguinte, organizá-la no ano seguinte.

Na procissão dos Santos Reis é perceptível como o cortejo é devidamente ordenado, na frente do andor se concentra as autoridades locais quando se fazem presentes, juntamente com o tesoureiro, as lideranças da comunidade e, formando o bloco de trás do andor, as pessoas que fazem parte da comissão religiosa que têm a missão de entoar os cânticos e benditos condizentes com tal cerimônia e, por fim, na parte de trás do cortejo, os devotos e outros participantes da manifestação.

Após o percurso, o cortejo retorna para a igreja onde é feito todo um ritual para entregar a bandeira àquela pessoa que será o próximo tesoureiro da festa, ou

seja, aquela que terá a responsabilidade de organizá-la no ano seguinte, juntamente com a comissão responsável pelo aspecto religioso da manifestação, que tem a missão de organizar as novenas, relacionar os nomes dos palestrantes a serem convidados para cada dia, fazer referência aos homenageados da noite, enfim, ornamentar a igreja para esse momento de fé e devoção. Esse ritual de transmissão da bandeira da festa dos Santos Reis de Aldeia fica evidenciado na análise da fotografia abaixo.



Fotografia do ritual de transmissão da bandeira da festa dos Santos Reis. Pesquisa de campo em janeiro de 2006. Autoria: Alex Sandro da Conceição Brandão.

Nessa fotografia podemos observar o ritual de passagem da bandeira, que acontece no interior da igreja dos Santos Reis, é acompanhado de cânticos envolvendo muita emoção, principalmente daquele que vai recebê-la e, com ela, a responsabilidade de não deixar que a tradição construída historicamente se perca com o tempo. Daí o empenho de cada tesoureiro no sentido de procurar dar o máximo de si para fazer a festa cada vez melhor, principalmente em função do

compromisso, da responsabilidade assumida junto à comunidade e aos três Reis Magos de fazer uma grande festa.

Podemos depreender ainda, na análise da fotografia, que a transmissão da bandeira é feita pela comissão organizadora da parte religiosa da festa, formada essencialmente por mulheres, lideranças religiosas da comunidade, a exemplo da senhora Eunice Leite Adorno, que está transmitindo a bandeira da festa, para o senhor “Neto Dias” com quem está a responsabilidade de organizar as festividades em louvor aos Santos Reis no ano seguinte. Geralmente o tesoureiro se compromete apenas em organizar o lado profano da festa, como ordenar a praça, demarcando os locais destinados para as barracas de comidas e bebidas, promoção dos eventos para arrecadar recursos, como o leilão e a cavalgada, a contratação de grupos musicais para tocar na festa que são pagos com o apoio financeiro da prefeitura municipal, principalmente a partir do final da década de oitenta.

A festa tem o poder de reproduzir no seu interior uma dimensão da sociedade, onde simbolicamente as posições ocupadas por determinados sujeitos na sociedade são reafirmadas nas funções assumidas nas comissões responsáveis em produzir a mesma, tendo em vista que a escolha de um tesoureiro é feita mediante vários critérios, dentre eles o seu prestígio e posição de destaque na comunidade, que não se restringe apenas à questão política e econômica, mas também à capacidade de atrair e mobilizar os moradores da comunidade rural de Aldeia e outros segmentos do município no sentido de colaborar com a organização. A festa se configura, portanto, como o espaço da diversidade, de possibilidades de concretização de vontades individuais e coletivas, espaço apropriado para as reivindicações diversas. Enfim, como ressalta Abreu,

[...] Cabe ao historiador evidenciar o envolvimento dessas manifestações com as lutas sociais mais amplas e com a dinâmica entre o sentido por vezes comunitária das festas e as diferentes versões, significados e apropriações dos seus variados participantes, seus modos e tempos<sup>114</sup>

Portanto, as pessoas que participam das festas de santos católicos, a exemplo da festa dos Santos Reis em Aldeia, não se envolvem apenas como os rituais sacros, mas seus interesses confluem entre fé e diversão, encontros e desencontros, disputa de poder e demarcação de territórios, enfim, um espaço que

---

<sup>114</sup>ABREU, Op. cit. p. 29.

congrega múltiplas perspectivas entre os diferentes que se encontram para celebrar essa manifestação festiva, haja vista, que vão às festas sujeitos que são devotos e se envolvem com toda cerimônia religiosa e também profana, mas há outros que não possuem nenhuma preocupação com esse aspecto da festa, interessados apenas em cair na folia e esquecer seu cotidiano às vezes chato e repetitivo, ou seja, as apropriações e os significados empregados à festa são muito diversificados e dinâmicos, por isso, para compreendê-la é preciso historicizá-la, procurando evidenciar as tensões de natureza diversa, evitando assim, análises que homogeneíza os sujeitos.

#### **2.4- DEVOÇÃO, PROTEÇÃO E FÉ EM LOUVOR AOS SANTOS REIS EM ALDEIA.**

Geralmente, as pessoas que participam da organização de um Terno de Reis têm a pretensão de pagar uma promessa alcançada e, por conseguinte, a responsabilidade de acompanhar o cortejo por sete anos, pois o não cumprimento dessa promessa é visto como algo que pode acarretar castigos imprevisíveis e funestos, por isso que esse período é considerado sagrado para o pagador de promessa e chefe do Terno de Reis. Como em Aldeia a manifestação em louvor aos Santos Reis não é celebrada a partir da organização de um Terno de Reis, mas, sim, de uma celebração que acontece na igreja e na praça, configura-se em um momento para as pessoas demonstrarem suas práticas devocionais aos Santos Reis e outros santos devotados que também são cultuados em casa, pedindo proteção e ao mesmo tempo agradecendo pelas graças alcançadas. Essa metodologia em torno da criação de um Terno de Reis é explicitada por Carvalho, ao afirmar que

A criação de um Terno de Reis parte, muitas vezes, de uma promessa feita ao “Santo Reis”, os três Reis Magos do Oriente, de organizar o grupo e fazê-lo cantar por sete anos seguidos caso consiga curar-se ou curar um membro da família de alguma doença ou alcançar um objetivo como a aquisição da casa própria.<sup>115</sup>

Nesta perspectiva, para os moradores de Aldeia, participar das manifestações festivas e de fé em louvor aos Santos Reis caracteriza-se como um

---

<sup>115</sup>CARVALHO, Ailton Ribeiro de Carvalho. Tradição e Memória dos Ternos de Reis na Cidade de Jequié. In Aguiar, Edinalva Padre (org.) Recortes de Memória, cultura, Tradição e Mito em Vitória da Conquista e Região. Museu regional de Vitória da Conquista; UESB. 2002. p. 55.

momento necessário para demonstrar e reforçar a relação entre Santos e devotos, momento de agradecer aos Reis Magos por ter construído a casa, ter obtido a cura para uma enfermidade considerada incurável pela medicina oficial, ou mesmo por ter conseguido prosperidade financeira com um novo emprego. Essa relação de pacto entre devotos e santos devotados exige fidelidade, uma vez que o seu desprezo pelo devoto pode resultar o não atendimento dos pedidos, já que o pacto foi rompido. Mas, além do ritual religioso, os devotos também aproveitam o momento profano da festa para extravasar as energias contidas, a fadiga da jornada de trabalho estafante no dia-a-dia da roça, um momento lúdico de devoção e diversão, como enfatiza Machado:

Antes de tudo, a folia de Reis é uma festa coletiva que comemora uma crença popular. A festa é, nesse sentido, o outro momento da realidade ordinária na existência de homens comuns. Como parte integrante da vida cotidiana, marcada pela exaustiva jornada de trabalho, a festa, como uma síncope, quebra esse ritmo, proporcionando o lúdico, o mágico aflorar das sensibilidades e emoções contidas.<sup>116</sup>

A partir dessas reflexões percebemos que a festa dos Santos Reis em Aldeia – Governador Mangabeira - desempenha várias funções, dentre elas a de funcionar como válvula de escape para as pessoas que vivem do árduo trabalho no campo para garantir sua sobrevivência, ou seja, a festa é o outro lado dessa realidade, ela quebra com as convenções de comportamentos ordenados cotidianamente e possibilita viver o prazer no sentido mais amplo do termo, possibilitando um momento de lazer e diversão, uma vez que representa, também, um intervalo na rotina diária de trabalho dos moradores da comunidade de Aldeia para usufruir dessa prática social festiva que é pensada e elaborada cotidianamente durante todo o ano, cujo ponto culminante se desenrola entre os dias primeiro a seis de janeiro quando é realizada toda a celebração sacra e profana.

Apesar de a festa ser uma celebração do cotidiano das sociedades, ela representa uma quebra nesse cotidiano, quando as pessoas deixam suas atividades do dia-a-dia, para se dedicarem ao seu inverso. Como ressalta Harvey Cox, “(...) A natureza real da festa é se contrapor ao cotidiano. Dele notoriamente deve

---

<sup>116</sup> MACHADO. Op. cit. p. 34.

distanciar-se,<sup>117</sup> tendo em vista que o espaço da festa, permite os excessos que não cabem na vida diária.

Existem no catolicismo popular, de acordo com as concepções de Pedro Ribeiro,<sup>118</sup> duas formas de culto e devoção aos santos: “a contratual e a de aliança. A primeira consiste no fato de que o fiel pede uma graça ao santo e alcançando-a, o santo será recompensado, geralmente, com uma reza, uma ladainha ou uma missa”. Nessa forma de devoção, é interessante ressaltar que a forma de culto entre santo e devoto é matizada pela promessa, como sinônimo de negociação entre o homem e o santo de devoção, uma vez que ele transfere suas angústias terrenas para uma providência divina.

Já a segunda, não está relacionada a uma graça alcançada, mas à situação de permanente devoção e proteção. O devoto pratica seu culto para agradar seu santo e não para pagar uma promessa ou pedir favores. Nessa forma de relação, os santos tomam uma dimensão tão grande na vida dos devotos que se tornam amigos íntimos, confidentes, com isso reforçando os laços de cumplicidade e fidelidade entre devoto e santo devotado, práticas desenvolvidas de forma direta, sem interferência eclesiástica, apegando-se a esse fio de esperança- a fé, como argumenta a senhora Nice:

Sou devota porque desde que eu nasci a festa já estava aí e eu fui participando, eu gosto muito de participar. Já alcancei várias graças, não sei se é ele, eu espero que seja ele porque tudo que eu faço dá certo, quanto mais eu faço por ele mais eu acho. Mas eu faço porque gosto de fazer, tiro do meu bolso pra fazer. A comunidade tem de valorizar seu padroeiro e eu sei que existe, ele existe.<sup>119</sup>

Essa manifestação de fé na comunidade rural de Aldeia se constitui em um aspecto marcante na vida dos devotos, na maior parte trabalhadores rurais que acreditam com toda força na esperança de alcançar uma graça, através de um ritual que consiste em pedir proteção, agradecer por uma conquista alcançada, e, por conseguinte, a retribuição aos Santos Reis, principalmente participando das celebrações em sua homenagem simbolizada nas novenas que acontecem entre os dias primeiro e cinco de janeiro. Na fotografia abaixo, podemos analisar um

---

<sup>117</sup>COX, Harvey. A festa dos foliões; um ensaio teológico sobre festividade e fantasias p. 31. Apud. SILVA, Cândido da Costa. O roteiro da vida e morte. p. 70.

<sup>118</sup>OLIVEIRA. Op. cit. p. 115.

<sup>119</sup>Eunice Leite Adorno. Depoimento gravado em 23 de setembro de 2006.

momento desse ritual que envolve o ato de fazer novos pedidos e ao mesmo tempo agradecer aos Reis por uma graça alcançada.



Fotografia: ato de devoção. Pesquisa de campo, janeiro de 2010. A autoria: Alex Sandro da Conceição Brandão.

Ao discutir sobre a relação de troca entre santo e devoto, o historiador João José Reis argumenta:

É conhecida a relação de barganha, de troca simbólica, embutida na prática da “promessa a Santo”, que Laura de Mello e Souza chamou de economia religiosa do toma – lá – dá – cá”, uma relação familiar a portugueses e africanos em suas culturas originais. A atitude em relação aos santos refletia tanto uma preocupação com o destino da alma após a morte quanto uma busca de proteção no dia-a-dia, particularmente proteção do corpo, estratégia para enganar a morte (...)<sup>120</sup>

Nas manifestações aos Santos Reis em Aldeia, são construídas todo um universo de representações sobre os santos, concebendo-os, ao mesmo tempo, como seres carnis com quem os devotos conversam, brigam, castigam, e ao mesmo tempo como seres espirituais que são dotados de poderes capazes de

---

<sup>120</sup> REIS, João José. A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX. São Paulo Companhia das Letras, 1991. p. 59.

intervir na vida do homem, uma vez que são considerados como os intermediários entre Deus e seus devotos na realização de um pedido.

Apesar dos santos estarem no “céu”, isso não implica dizer que estão fora do alcance dos devotos, pois eles se fazem presentes nas imagens que são cultuadas nos oratórios no interior das casas. Isso está associado à necessidade do homem se relacionar com o concreto, a fim de repartir suas angústias mundanas, cobrar por uma interseção do sobrenatural na sua vida a partir daquilo que é real - a imagem do seu santo protetor - que em alguns momentos é visto como mais um membro da família, permitindo-se, assim, uma relação direta entre santo e devoto, mais familiar, intimista, desenlaçada do controle do catolicismo doutrinário.

Analisando a relação entre os devotos e os Santos Reis em Minas Gerais, Machado enfatiza que, para os devotos, fazer a festa dos Reis se constitui numa missão, tendo em vista que devem percorrer vários lugares levando a palavra sagrada. Esse ritual pode apresentar duas formas a depender da necessidade pela qual foi organizada a festa, pois como lembra Machado, “esta viagem deve ter início na casa do festeiro, se a Folia é encomendada para pagamento de uma promessa, ou na casa do capitão se é simplesmente para angariar fundos para uma instituição de caridade”.<sup>121</sup> Em Aldeia, os devotos dos Santos Reis intensificam sua devoção com orações, participando das novenas, da procissão, ou seja, de todo ritual sacro dessa manifestação do catolicismo popular visando reforçar seus laços de compromisso e fidelidade com os santos protetores e padroeiros da comunidade.

As práticas religiosas e demonstração de fé, entre os moradores de Aldeia, não se resumem aos dias de louvor aos Santos Reis, mas são práticas que se fazem presentes em diversos espaços e momentos da vida desses sujeitos, como nos cultos domésticos aos santos devotados em oratórios, as ladainhas rezadas nas casas dos vizinhos. O historiador Gilmário Brito, ao estudar a religiosidade popular no Nordeste através dos folhetos de cordel, enfatiza que essa religiosidade se manifesta

(...) Através de atitudes religiosas, devoções a santos, promessas, rezas, festas, novenas, efetivadas em espaços públicos laicos e/ou religiosos quanto domésticos, diante de oratórios-altares de louvar aos santos de devoção-, socializados pela rotina familiar, que dão a ver modos de ser e se relacionar com o divino por parte de amplos

---

<sup>121</sup>MACHADO. Op. cit. p.46.

grupos do interior nordestino, no processo de construção e suas práticas culturais e religiosas.<sup>122</sup>

Além do culto dispensado aos santos devotado, podemos perceber outras manifestações de fé e de crença que fazem parte das práticas religiosas dos moradores de Aldeia, por exemplo, nas rezas para curar de “espinhela caída,” de “mau olhado,” de “ar do vento ou passagem do vento,” como é denominado na comunidade, entre tantas outras práticas de caráter e religioso e mágico, que envolvem elementos constitutivos da cultura e da religiosidade popular, elaborados historicamente por sujeitos diversos, desenlaçados do catolicismo legalmente instituído. Dessa forma, a religiosidade popular precisa ser interpretada e entendida não como um reflexo da cultura dominante, mas, sim, como uma prática que possui uma originalidade, sem descartar as relações intercambiáveis, de apropriação e ressignificação de práticas religiosas do catolicismo instituído. Ao discutir essas práticas religiosas, no movimento de Pau de colher, Gilmário Brito ressalta que

Essa religiosidade construída na zona rural, sem vinculação formal com a Igreja instituída, baseada na relação de solidariedade, irmandade e fé, cujo eixo articulador, efetivado no cotidiano, era o exercício e a devoção de práticas religiosas de cantos e rezas (...).<sup>123</sup>

Mesmo vivendo em uma sociedade calcada no racionalismo, no desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a relação com entidades divina, sobrenaturais, é um fato ainda marcante, principalmente, nas camadas populares, que, diante da situação de dificuldade, transfere seus problemas para os santos protetores, a fim de que intercedam, no sentido de solucionar as dificuldades enfrentadas pelo devoto, ou mesmo, por uma relação que extrapola o ato de fazer e pagar promessas.

Segundo Eliade, “seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso”.<sup>124</sup> Por mais alto que seja o grau tecnológico e científico que a sociedade moderna atingiu, não conseguiu afastar o homem do apego com as questões que envolvem a devoção, a religiosidade, a fé; pois quando tudo lhe falta, é justamente na religião que encontra um alento para compensar a situação de desconforto ocasionado por falta de emprego, falta de

---

<sup>122</sup>BRITO, Gilmário Moreira. Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: inter-relações escrita, oralidade, gestualidade, visualidade. São Paulo: Annablume, 2009. p. 25.

<sup>123</sup>BRITO, Gilmário Moreira, Pau de colher na letra e na voz. São Paulo: Educ, 1999, p. 63.

<sup>124</sup>ELIADE. Op. cit. p. 27

moradia, enfermidades e tantos outros problemas que afligem as pessoas, que percebem um lampejo de esperança para amenizar suas angústias na fé, na devoção, esperando, assim, uma interseção do sobrenatural na sua vida terrena, como evidencia a narrativa do senhor Balbino Gonçalves:

Eu sou devoto e chamo pelo santo: é Nossa Senhora, a principal é Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Candeias, Santo Antonio. Quando eu viajava, me apegava muito com ele, eu tenho é devoção, acendo vela, eu fazia tudo, porque quando sumia um gado, eu era responsável, Deus ajudava, Santo Antonio dijitava, aí me alcançava encontrar. Jesus já deixou os santos pro pessoa não chamar por ele toda hora, ele não tá para atender toda hora, aí botou os santos pra alguns venerar, os que têm consideração e responsabilidade de venerar aquela imagem. Jesus deixou os santos pra aqueles venerar, Ele tá vendo pra dá um socorro, eu sou analfabeto, mas sou analfabeto que tem entendimento. [...] <sup>125</sup>

Na narrativa do senhor Balbino é possível perceber de forma muito contundente a sua devoção e veneração aos santos protetores, que “acendendo vela, fazia tudo”, ou seja, cuidava das imagens, do oratório, alimento um pacto simbólico entre o devoto e os santos devotados, para que eles estejam sempre lhes socorrendo, principalmente nos momentos de aflição. Encontrar o gado que havia desaparecido era uma demonstração da interseção dos santos na concretização do pedido, e isso representa um ato demonstrativo de fé e proteção.

O comportamento religioso, baseado na devoção aos santos mediante uma relação que se constitui familiar e direta, não se encerra após a graça alcançada, porque não se constitui numa relação de contrato, mas, sim, numa relação devocional, concreta, definitiva que não podia ser rompida, uma vez que o santo é considerado como mais um membro da família; por isso, a necessidade de constante devotamento, diálogo e agradecimento pela graça alcançada. Portanto, esses sujeitos moradores de Aldeia, produzem saberes, crenças, valores, costumes, enfim, um conjunto de experiências, construídas individual e coletivamente, passíveis de serem historicizadas pela historiografia.

---

<sup>125</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento gravado em sua residência em 29 de dezembro de 2009.

### **CAPITULO III - SANTOS REIS: FESTA E PODER NA COMUNIDADE RURAL DE ALDEIA.**

A festa dos Santos Reis na comunidade rural de Aldeia, enquanto produção do cotidiano de seus moradores, que se encontram e se concentram todo ano para louvar, adorar e agradecer aos três Reis Magos por uma graça alcançada, reforçar novos pedidos, se divertir, reencontrar amigos, é também refletir sobre um momento em que a diversidade se faz presente na unidade. Por isso, é preciso compreender que dentro de uma manifestação festiva não existe uma unicidade, propósitos únicos, e faz-se necessário pensar, como sugere Thompson, nas 'contradições', nas 'fraturas', nas 'tensões'<sup>126</sup> que coexistem na interior da festa, uma vez que ela representa o encontro entre os diferentes, e desse encontro, é possível a produção de vários episódios, dentre eles podemos ressaltar a construção de uma identidade que não é homogênea, mas que é construída a partir das relações sociais, portanto, dinâmica e mutável, elemento que simboliza um povo e um lugar, como a festa dos Santos Reis que representa e identifica a comunidade rural de Aldeia.

Entretanto, não se podem negligenciar as especificidades que ocorrem em uma festa popular, uma vez que ela reafirma, no seu interior, o modelo de sociedade hierárquica, em que os papéis ocupados por algumas pessoas na produção da festa, é uma extensão da função que elas exercem na sociedade. Portanto, ela se constitui num espaço de tensão no qual a organização espacial demarca e delimita territórios entre aqueles que dela participam. Nesta perspectiva, Guarinello, ao tentar definir os significados do termo festa, enquanto um mecanismo capaz de possibilitar o estudo da vida cotidiana das sociedades humanas, afirma que

A festa não apaga as diferenças, mas antes une os diferentes. A identidade que cria é uma identidade diferenciada e, na medida em que as diferenças representam ou geram conflitos, uma identidade conflituosa, que une os dois extremos contrastantes e, aparentemente, contraditórios, da cooperação e da competição<sup>127</sup>

Nesse sentido, identidade não é compreendida como consenso, tendo em vista que nesse espaço festivo de sociabilidade, as diferenças também se afirmam e reafirmam entre aqueles que se utilizam do mesmo espaço com propósitos e olhares

---

<sup>126</sup>Ver: THOMPSON E. P. Introdução: costume e cultura. In: Costumes em Comum. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. p. 17.

<sup>127</sup>GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ; KANTOR. Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa. 2v. SP: Hucitec, 2001. v. 2, p. 973.

diferentes, como, por exemplo, retribuir aos Santos Reis por uma promessa alcançada, disputa de poder político entre os grupos que se opõem na política local, demonstração de poder econômico e dos papéis desempenhado na sociedade, atitudes e ações que tornam indispensável analisar as tensões sociais, políticas que são efetivadas no bojo da construção dessa identidade. Assim, para evitar generalizações, faz-se necessário analisar essa festividade de Aldeia a partir das relações que são estabelecidas entre os grupos sociais como um jogo dialético, cujas relações de força se coadunam e se confrontam na celebração da Festa dos Santos Reis.

Dessa forma, tomando como objeto a festa em louvor aos Santos Reis estudaremos, neste capítulo as diversas formas de manifestações do poder na comunidade de Aldeia, sendo a própria festa, aqui entendida como um símbolo de poder com a qual e pelo qual se luta para manter uma ordem vigente. Será analisada também, a relação entre o trabalho no roçado e a produção da festa, tendo em vista que há uma sincronia entre as atividades produtivas e o tempo de festejar.

### **3.1- “O MANGANGÃO DAQUI ERA GÊNIS DIAS”: FESTA E PODER EM LOUVOR AOS SANTOS REIS.**

Por muito tempo, o senhor Gênis Dias se constitui como principal articulador da festa dos Santos Reis, mesmo com a ritualística de transmissão da bandeira da festa a cada ano para outra pessoa denominada de tesoureiro, que tem a incumbência de organizá-la, esforçando-se para que a sua festa seja melhor do que a do tesoureiro anterior, o senhor Gênis Dias estava sempre sendo consultado e requisitado, principalmente no que tange ao aspecto financeiro. Esse requerimento permanente está relacionado ao lugar de prestígio econômico e respeito que ele gozava junto aos moradores de Aldeia. Por isso, seu apoio para quem estivesse na condição de produtor a festa era considerado indispensável.

A memorialista Angelita Gesteira,<sup>128</sup> ao tratar sobre o processo de povoação da Vila de Cabeças, ressalta que os Dias, através do senhor Sabino Dias, está entre

---

<sup>128</sup> FONSECA, Op. Cit. p. 27.

as primeiras famílias que migraram para a Vila, onde construíram o alicerce que estruturou a sociedade de Cabeças. Gênis Dias é um dos quatro filhos de Sabino Dias e Maria das Virgens. Família proprietária de fazendas, gados e escravos. Com a morte de seus pais, parte desse patrimônio foi destinado para o senhor Gênis Dias, homem de grande influência política na região e que possuía um número significativo de agregados que vivia em função do árduo trabalho em suas terras como rendeiros, meeiros ou diarista, simplesmente vendendo dias de trabalho para gerar uma pequena renda para o sustento da família.

Gênis Dias foi vereador pela UDN como representante da Vila de Cabeças, entre 1951 e 1954 na Câmara de Vereadores de cidade de Muritiba, assumindo o cargo no dia quatro de dezembro de 1951, após renúncia de outros pares, já que se encontrava na condição de suplente, conforme registra a ata da sessão da Câmara de Vereadores:

(...) Ciente o senhor presidente de que se encontrava na casa o suplente convocado, senhor Gênis de Freitas Dias, nomeou uma comissão de três vereadores composta dos senhores João Benjamim Ferreira Coelho Filho, Malaquias de Cerqueira Ferreira e Antonio Pereira da Mota Junior para introduzir o novo do povo no recinto. Em seguida, ladeado pelos vereadores designados, penetrou no recinto o senhor Gênis de Freitas Dias, que logo foi saudado por seus pares com prolongadas palmas, proferindo após em frente ao senhor Presidente, o compromisso de estilo.<sup>129</sup>

A atuação do senhor Gênis Dias na Câmara de vereadores da cidade de Muritiba, conforme leituras das atas das sessões referentes ao período de sua vereança, consta algumas ações, a exemplo de um requerimento solicitando luz elétrica para a comunidade rural de Aldeia, o seu lugar de vivência e convivência, e da nomeação da auxiliar de ensino Laura Mascarenhas Brandão para atuar na Escola Rural de Aldeia, na mesma comunidade conforme consta, respectivamente, nas atas de 14 de outubro de 1952, p. 65 e ata de 22 de abril de 1952, p. 32,33. Mas, é importante registrar que, para frustração do pesquisador, nenhum discurso sobre a festa dos Santos Reis foi registrado nas atas das sessões durante sua vereança.

Enquanto cidadão comum, Gênis Dias não ficava de fora da política, principalmente durante o processo eleitoral quando saía pela comunidade pedindo

---

<sup>129</sup> Livro de atas da Câmara de Vereadores de Muritiba. 04 de dezembro de 1951, p. 20

para que as pessoas votassem nos candidatos que ele estava apoiando, ou seja, era um momento adequado para se cobrar os velhos favores estabelecidos entre a comunidade de Aldeia e aquele que dispunha de condições necessárias para garantir e alimentar essas práticas que perpassam pela relação de troca de favores como fica evidenciado na narrativa do senhor Antonio da Cruz, 84 anos, trabalhador rural aposentado:

Gênis Dias era o homem que não deixava você sofrer, tá entendendo? Qualquer coisa ele, só o que ele não pudesse dar jeito nenhum, mas se ele mesmo não desse jeito, ele pedia pra outro, né? Político, né? Ele não era político, ele não se candidatou a nada, mas fazia força para o pessoal de Muritiba, que era governada aqui por Muritiba (...). Aí ele pedia: "vote, né? Vote em Geraldino dos Almeida de Muritiba". O povo votava em quem ele pedia. Ah! seu Gênis me pediu pra votar em fulano de tal, se outro chegasse lá na casa pedindo o voto. Nesse tempo não tinha carro, andava a cavalo, de porta, em porta pedindo voto, né?<sup>130</sup>

A narrativa do senhor Antonio demonstra como se construía a teia de relações de dependência e de favores políticos, de assistência àqueles que se encontravam em dificuldade da mais diversa natureza, entre o senhor Gênis Dias, que foi um líder político respeitado, e a comunidade rural de Aldeia, pois, mesma nas situações em que a solução estava fora do seu alcance, ele recorria a outras pessoas ampliando ainda mais a teia de relações de dependência. Porém, na época das eleições era o momento adequado para a compensação de determinados favores, uma vez que um pedido seu para votar em determinado candidato praticamente era uma ordem. É interessante perceber como essas práticas do controle dos eleitores, fenômeno que marcou o cenário político da República Velha no Brasil, extrapolam épocas, se ressignificam e continuam presentes na sociedade atual alimentando a política dos favores através de outros métodos.

A maioria da população rural que quase sempre não é assistida pelo poder público ficava à mercê de figuras como o senhor Gênis Dias, fazendeiro que dispunha de respaldo econômico e financeiro para atender às demandas dos moradores da comunidade. Além disso, possuir terras é um elemento fundamental para alimentar a política clientelista, e por fim, controlar e manipular as pessoas de acordo aos seus interesses. Mas, vale ressaltar que nessas relações de troca de

---

<sup>130</sup>CRUZ, Antonio Rodrigues da. Depoimento em 08 de outubro de 2006.

favores, as pessoas também têm seus interesses atendidos, pois essa relação é também produzida num campo de forças, onde os interesses mais diversos de ambos os lados são colocados no tabuleiro para serem movimentados, atendidos.

Segundo Janotti, “o ‘coronel’ é sempre alguém de reconhecida autoridade e prestígio que possui, potencialmente, possibilidades de atender às demandas de sua clientela, sejam elas públicas ou privadas”<sup>131</sup>. Nesse sentido, o chefe local além de atender às reivindicações de sua clientela, se configurava como o intermediário entre o povo e poder público que parecia está sempre ausente nas suas instituições e ações voltadas para atender aos interesses da coletividade na comunidade rural de Aldeia.

Nessa perspectiva, Moisés de Oliveira Sampaio,<sup>132</sup> ao estudar as práticas coronelistas na Chapada Diamantina, afirma que “obras e serviços do Estado era visto pela população como uma conquista dos coronéis”, tendo em vista que ainda se configura a ideia do público como extensão do privado, prática que vem desde o Brasil Colônia, quando grandes proprietários rurais se apropriavam de ações do Estado em seu próprio proveito ficando o povo à mercê de sua tutela.

Dessa forma, Gênis Dias, um proprietário de terras, que estabelece com centenas de pessoas laços de dependência, não poderia ficar de fora dessa dinâmica de disputa pelo poder local. Para isso, utilizava de mecanismos variados para se projetar como um benfeitor que atende às carências e anseios do povo, como por exemplo, patrocinar a diversão através da organização da festa dos Santos Reis, emprestar dinheiro nas horas difíceis, principalmente para as pessoas que trabalhavam em suas terras como rendeiros. Por isso, os trabalhadores, além de ficarem presos à terra do fazendeiro, ficavam presos a ele, em função dos empréstimos financeiros contraídos para sanar suas dificuldades.

Ações dessa amplitude que misturam a esfera do público com o privado contribuíram para a construção do referencial Gênis Dias como um chefe local entre os moradores de Aldeia, sem utilização da força coercitiva para se impor, um tipo de

---

<sup>131</sup>JANOTTI, Maria de Lourdes Manoco. O Coronelismo: uma Política de Compromisso. Editora. Brasiliense Edição 8ª p. 7

<sup>132</sup>SAMPAIO, Moisés de Oliveira. O Coronel Negro: coronelismo e poder no Norte da Chapada Diamantina. (1864-1919), Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da UNEB, Campus V. 2009. p. 62

poder diferenciado, [...] “poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido [...]”<sup>133</sup> como é o poder de Gênis Dias em Aldeia, que se construiu a partir das relações sociais e não institucionais, mediante a aceitabilidade pelos sujeitos com os quais mantém vínculos de natureza diversos, ou seja, um poder que se manifesta e se impõe de forma sutil e sem temores daqueles que o reconhecem e legitimam.

Ao se pensar a importância econômica e o prestígio de Gênis Dias entre os moradores de Aldeia, é salutar a narrativa do senhor Balbino Gonçalves: “ave-maria! A coisa era demais, era o proprietário que tinha aqui, tudo aqui era mandado por ele, o mangangão daqui era Gênis Dias, o homem tinha pra mais de sessenta reдеiros”.<sup>134</sup> A narrativa do senhor Balbino evidencia o poder de Gênis Dias na comunidade de Aldeia, principalmente por utilizar suas terras para estabelecer vínculos com diversas pessoas a partir da contratação de variadas formas de trabalho como o meeiro, o reдеiro, o diarista, enfim, criando laços de dependência entre a comunidade que usufruía de suas terras para garantir a sobrevivência da família, ao mesmo tempo em que ele também tirava proveito dessa relação para se projetar politicamente e firmar-se como grande liderança na comunidade rural de Aldeia.

Mas o que poderia ser um mangangão entre os anos cinquenta e setenta do século passado em uma comunidade rural de um município pequeno do interior da Bahia? Talvez, a narrativa do senhor Antonio da Cruz traga alguns elementos pertinentes que de contribuem para o entendimento do significado dessa expressão tão recorrente entre os depoentes acerca do senhor Gênis Dias:

Ele não deixava ninguém ser preso; ninguém ia preso. Ele inventava uma coisa e mandava o soldado ir embora. Ave Maria! O advogado daqui era Gênis Dias. Eu mesmo, uma vez eu tive uma briga com um peão, a policia veio me panhar aqui na Aldeia, mas eu já tava em Santo Antonio de Jesus (...) Aí meu pai chegou e foi a Gênis Dias que era o mangangão daqui, aí ele chegou e escreveu pra Muritiba para o coronel e ai disse: “calma com isso, deixa esse negocio que o menino é meu”. Ave Maria! O homem era carregado pelo povo.<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup>BURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Bertrand Brasil. São Paulo. p. 14.

<sup>134</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento em 02 de janeiro de 2005.

<sup>135</sup>CRUZ, Antonio Rodrigues da. Depoimento em 08 de outubro de 2006.

O mangangão, portanto, era aquela pessoa considerada central, importante para a comunidade, que tinha poder de decisão, força política para fazer algumas solicitações às autoridades, capacidade para atender aos anseios e carências dos moradores de Aldeia, uma autoridade local capaz de intervir e resolver assuntos de responsabilidade do poder legalmente instituído, o que demonstra uma ética própria de algumas localidades rurais, onde o poder legítimo se curva diante do poder de um homem legitimado pelo povo com quem mantém uma teia de relações sociais, política, culturais, enfim, de convivência, até porque a lei de Aldeia era Gênis Dias, o advogado que julga, que condena e que defende, principalmente seus apadrinhados, como evidencia a expressão, “calma com isso que o menino é meu”. Atitudes como essa, de solicitar a um representante da lei que não cumpra uma determinação contra as pessoas de sua tutela, expressam o poder desse chefe local, que extrapola as relações no seu reduto.

São essas práticas, em seu conjunto, que vão corroborar para a construção dessa forma de representar Gênis Dias como o mangangão, pois “o homem era carregado pelo povo”. Essa forma de relação de poder é estudada por Silva em seu trabalho sobre a Vila de Cabeças:

(...) Tinha um grande contingente de pessoas sobre sua tutela, usando a prática do clientelismo e do paternalismo, subordinava as pessoas ao seu poder econômico e político. Exercia a verdadeira política dos favores, dando alimentos, roupas, remédios e até financiamento de funerais. Isso fazia com que o povo tivesse uma visão de bondade dele, pois era fundamental assistir os anseios de massa de excluídos, como forma de mantê-la sempre submissa.<sup>136</sup>

Assim, é possível compreender que essas atitudes do senhor Gênis Dias foram fundamentais para a atribuição pela comunidade de Aldeia de vários adjetivos a seu respeito, principalmente a construção de sua imagem como uma figura indispensável para o bom funcionamento da comunidade e, de forma específica, contribuir para a existência e manutenção de elementos simbólicos e importantes para os moradores de Aldeia, como a organização da festa dos Santos Reis que historicamente se constitui em tradição para os sujeitos que convivem nessa comunidade.

---

<sup>136</sup>SILVA, Luís Carlos Borges. A Vila e o Coronel- Poder Local na Vila de cabeças (1930- 1962) Programa de Pós Graduação em História Regional. UNEB Campus V, Santo Antonio de Jesus. 2004.p.49.

Mediante essas práticas, Gênis Dias ia conquistando mais respeito e admiradores, não apenas entre os moradores de Aldeia, uma vez que suas ações ressoavam em outras partes do município de Governador Mangabeira, legitimando, assim, um poder que não se constituía em função do seu poderio econômico ou pela utilização da força, mas, de forma direta ou indireta, através do reconhecimento e da legitimidade atribuída por pessoas com as quais estabelecia relações diversas. A esse respeito é importante atentar para a reflexão de Burdieu quando pontua que o, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não quer saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.”<sup>137</sup> Assim, podemos compreender que o poder pode ser representado de várias formas, utilizando estratégias diversas, sutis, para sustentá-lo, a exemplo da manipulação de símbolos como a organização da festa em louvor aos padroeiros da comunidade.

Esse parece ser o caminho percorrido pelo senhor Gênis Dias que, além de manter várias pessoas sob sua dependência econômica quer seja mediante concessão de empréstimo financeiro, ou mesmo oferecendo trabalho em suas terras, manipulava outros aspectos materiais e simbólicos de sustentação do seu poder, como doação de roupas para que pessoas carentes pudessem participar dos festejos em homenagem aos Santos Reis, abate de bois do seu rebanho para ser distribuído entre os moradores de Aldeia e, por fim, o controle e organização da festa dos Santos Reis. Ações dessa natureza vão constituindo esse poder simbólico que age e se impõe independente da violência material, mas, sim, através do reconhecimento e legitimação de seus atos por membros da comunidade e participantes da festa, ou seja, o poder é encenado e teatralizado e se manifesta em formas, gestos e ações diversas, como enfatiza Balandieu:

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. (...)<sup>138</sup>

---

<sup>137</sup>BURDIEU, Op. cit. p. 8.

<sup>138</sup>BALANDIEU, Georges. O Poder em Cena. Universidade de Brasília. Brasília, 1982. p. 7

O poder centrado na figura do senhor Gênis Dias é um poder forjado a partir das relações sociais, atendendo a interesses diversos, tanto por parte da comunidade, que desfruta da diversão proporcionada pela produção da festa, quanto do senhor Gênis Dias, que tem seu prestígio social e político ainda mais elevado pelo reconhecimento dos moradores de Aldeia, como é evidenciado em versos cantados durante as lavagens:

“Viva Gênis Dias, ouro que alumeia/ vamos fazer festa na Santa Cruz d’ Aldeia/ Viva Gênis Dias/ homem que pode/ que na festa de Santos Reis nos dá um bode”<sup>139</sup>.

Percebe-se que esses versos simbolizam uma forma de louvar e agradecer àquele que se constitui como figura fundamental para a comunidade de Aldeia e para a manutenção da tradição de louvar aos três Reis Magos entre os dias primeiro e seis de janeiro, quer seja como principal articulador da festa, quer seja como doador de prêmios para serem comercializados no leilão que acontecia na noite do dia cinco, com o intuito de arrecadar dinheiro para custear as despesas provenientes da produção da festa.

O ato de doar um prêmio, oferecendo um bode, animal de significativo valor alimentar e comercial, que financeiramente se destacava em relação aos demais prêmios vendidos no leilão, revela um pouco do lugar social da pessoa que ofertou o prêmio de considerável valor monetário, tão significativo para esse fim. Ao que parece, a doação desses prêmios simbolizava uma possibilidade de maior arrecadação com a prática do leilão, bem como contribuía para elevar ainda mais o prestígio e poder do senhor Gênis Dias perante os moradores da comunidade rural de Aldeia. Esse poder se construiu e teve uma vida longa justamente em função dessa manipulação de símbolos e não pela ótica da razão ou pela força, como ressaltou Balandieu.

Essa capacidade do senhor Gênis Dias de manipular símbolos que representam poder, como a organização da festa dos Reis, doação de terreno para a construção da igreja e também da escola da comunidade, são evidências que representam manifestação de poder tecido a partir de relações e articulações de diversa natureza principalmente com o poder público local que reconhece a

---

<sup>139</sup>ADORNO, Eunice. Depoimento gravado em dezembro de 2005.

importância desses chefes como um aliado importante devido ao prestígio conquistado junto às pessoas do seu reduto, bem como do controle desses votos.<sup>140</sup>

Pode-se notar que o ato de doar a terra ao poder público para construir a sede do prédio escolar está relacionado a outros interesses que permeavam essa ação, quando ficava tacitamente pré-estabelecido que a filha do fazendeiro ou alguém da sua tutela seria a pessoa escolhida como professora para lecionar naquela unidade de ensino. Assim, é possível compreender como foram construídas historicamente as relações entre o senhor Gênis Dias - com sua capacidade de articulação - a comunidade rural de Aldeia e a produção da festa dos Santos Reis, trilogia que perdurou até o final da década de setenta quando Gênis Dias morreu, fato que para muitos depoentes significou a decadência da festa e a comunidade de Aldeia deixou de ter um grande representante político com poder econômico capaz de atender às demandas dos moradores da referida comunidade.

Mesmo tendo falecido em 1979, as lembranças sobre Gênis Dias estão muito vivas e presentes na memória dos moradores de Aldeia, entre os coevos, bem como entre aqueles que apenas ouviram relatos a seu respeito. Essas memórias são alimentadas de forma estratégica através dos “lugares de memória”, como a praça da comunidade, intitulada Praça Gênis de Freitas Dias, construída em 1992, como forma de homenagear a Família Dias. Ao discutir como são construídos os lugares de memória e sua intencionalidade, Pierre Nora ressalta que

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.<sup>141</sup>

São operações elaboradas para que determinadas lembranças sejam cristalizadas e transmitidas para outras gerações. Analisando ainda o papel desempenhado pelo senhor Gênis Dias e as relações construídas na comunidade de Aldeia, o senhor Romão dos Santos, em sua narrativa, ressalta: “Ah! Gênis Dias era o homem daqui. Tudo isso aqui quem comandava era Gênis Dias, que era o representante de Aldeia. Depois que Gênis Dias morreu, foi acabando, de modo que

---

<sup>140</sup>Ver: LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto: o município e regime representativo no Brasil. 3ª edição, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1997.p. 41 e 42.

<sup>141</sup>NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo. 10 de dezembro de 1993. p .13

hoje em Aldeia não tem mais representante”<sup>142</sup>. Ou seja, os outros sujeitos que o sucederam, na liderança da comunidade e principalmente da organização da festa, talvez não disponham do mesmo poder econômico e influência política para articular ações em benefício da comunidade, bem como assegurar investimentos na produção da festa e, em função disso, a narrativa do senhor Romão dos Santos evidencia que a comunidade não tem mais representante, do perfil do senhor Gênis Dias, pois os homens são filhos do seu tempo e do meio social que o cerca.

Dessa forma, a festa dos Santos Reis, compreendida como um símbolo de poder constitui-se em um dos principais elementos que contribuíram para que o senhor Gênis Dias demonstrasse seu poder e conquistasse prestígio e respeito entre os moradores de Aldeia, pois, através dessa manifestação religiosa e festiva, várias relações, várias experiências foram e continuam sendo elaboradas entre os sujeitos que continuam alimentando essa tradição na referida comunidade. É pertinente pontuar que esse poder na comunidade de Aldeia, não se consolidou atrelado às instituições, mas sim, em função da aceitação e legitimação por uma coletividade, ou seja, um poder que se construiu a partir das relações sociais, por isso se manifesta de forma sutil, porém em algumas circunstâncias de forma mais evidente, a exemplo da organização da festa em homenagem aos Santos padroeiros da comunidade.

### **3.2- O ROÇADO E A FESTA: RELAÇÕES DE TRABALHO NA COMUNIDADE RURAL DE ALDEIA.**

A dinâmica de quem vive na zona rural, trabalhando diretamente com a terra como instrumento para garantir sua subsistência com a produção agrícola, tem seus modos de vida constituídos, também, mediante sua relação com o meio ambiente, especificamente com as estações do ano e as quadras da lua que orientam os agricultores empenhados em ter uma boa colheita, qual o melhor momento para o plantio, a época de colher e armazenar a safra para viver durante o verão, período no qual os moradores de Aldeia comumente se dedicam a outras atividades como pescar no Rio Paraguaçu, festejar os Santos Reis, participar das romarias, principalmente para o santuário de Bom Jesus da Lapa.

---

<sup>142</sup>SANTOS, Romão dos. Entrevista em 07 de outubro de 2006.

Nesse sentido, percebe-se que o tempo dimensionado por esses moradores, mesmo envoltos no manto da sociedade moderna, ainda é, em grande medida, definido, marcado pelo relógio estabelecido pela natureza associado às atividades<sup>143</sup> a serem desenvolvidas, cujo tempo destinado pode ser reduzido ou alongado a depender da força da natureza.

Até o final dos anos 1970 era uma prática recorrente entre os pequenos agricultores de Aldeia, diante das dificuldades de obter capital para realizar os investimentos necessários para seu plantio, recorrer a fazendeiros, a exemplo do senhor Gênis Dias, para contrair empréstimos para financiar a produção agrícola, principalmente o plantio do fumo que se constitui na principal lavoura cultivada entre os moradores de Aldeia até aproximadamente o final dos anos oitante. Esses empréstimos contraídos junto aos fazendeiros, era pago na época da colheita quando era entregue uma parte da produção para saldar a dívida, como é descrita na narrativa do senhor Balbino Gonçalves:

Era o Vei Gênis, era o chefão, ele fornecia o adubo e fornecia o dinheiro para a plantação. Agora quando da colheita que a gente amaciava o fumo e entregava a ele, aí ele dava o desconto no dinheiro e voltava o troco pra gente e quem não tinha troco, tornava tomar dinheiro, ele fornecia dinheiro pra outra plantação. Era rapaz [...]<sup>144</sup>

Era comum, os agricultores que se dedicavam ao plantio do fumo, acometidos de dificuldades financeiras, contrair empréstimo além do que era destinado para o plantio da lavoura, quer seja para comprar alimentos, quer seja para levar o filho ao médico, ou até mesmo para comprar a roupa nova para festejar os Santos Reis. Assim, quando chegava o momento de entregar a mercadoria e abater os empréstimos, muitos ainda ficavam devendo, aumentando ainda mais sua dependência financeira em relação ao senhor Gênis Dias. A narrativa evidencia também a forma como era utilizada para sanar a dívida, quando o agricultor entregava sua produção para seu credor: era o credor quem realizava a pesagem, retirava a quantidade de fumo referente ao valor emprestado, devolvendo ao agricultor a parte restante, caso tivesse saldo.

---

<sup>143</sup>Ver: THOMPSON, E. P. Tempo, Disciplina de trabalho e Capitalismo Industrial. In *Costume em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. Companhia das Letras, São Paulo, 1998. p. 271

<sup>144</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento em 02 de janeiro de 2005.

Essa forma de saldar a dívida, utilizada entre o fazendeiro e o pequeno agricultor que lhe confiava o resultado de sua labuta diária no roçado, parecia não se constituir na metodologia mais justa, como evidencia a narrativa do senhor Jovino Frateles: “na hora de pesar o fumo, eu não sabia a leitura, ele me enrolava”. A prática de financiar a produção agrícola dos pequenos agricultores de Aldeia não simboliza um ato de “bondade” do senhor Gênis Dias, mas, sim, uma estratégia para aumentar ainda mais o controle sobre essas pessoas e, por conseguinte, seu poderio econômico. E parece que no momento de fazer as anotações das arrobas de fumo produzidas e a quantidade destinada para saldar as dívidas, a balança pedia mais em favor do fazendeiro.

Mas, vale enfatizar que é também em função dos lucros auferidos com a produção e o comércio do fumo que o senhor Gênis Dias podia patrocinar a organização da festa dos Santos Reis. A análise da relação de trabalho na comunidade de Aldeia, e dos festejos em louvor aos seus padroeiros, permitem compreender um pouco dos modos de vida de seus moradores, uma vez que a atividade na roça contribuía para alimentar a tradição, pois, daquilo que se produz, uma parte é destinada para a compra da roupa e do calçado para festejar os Reis Magos e, assim, compensar o corpo da labuta diária pelo fato da festa proporcionar o extravasar, a diversão. Essas relações que o Senhor Gênis Dias estabelecia com os agricultores, tanto no que se refere ao trabalho no roçado quanto na festa dos Santos Reis, são evidenciados na narrativa do senhor Manoel Moutinho, proprietário de uma venda em Aldeia:

Na época da festa, as pessoas que não tinha dinheiro, chegava na mão do vei Gênis, ele comprava fumo e falava: “seu Gênis, eu quero tanto”. Outro: “eu quero tanto”, outro pegava um fardo de fumo e vendia e arranjava o dinheiro para ir pra festa. E hoje acabou o fumo, ninguém quer mais plantar. O povo plantava o fuminho pra nessa hora vender o camanduarzinho pra fazer o dinheiro pra ir pra festa, fazer a roupinha, as pessoas se preparavam o ano todo pensando na festa. Todo mundo plantava sua rocinha pra nessas épocas fazer sua roupinha.<sup>145</sup>

Assim, podemos compreender que participar da festa dos Reis Magos dinamizava a rotina dos moradores de Aldeia, que além de se preparar durante o ano inteiro para dispor de uma sobra de dinheiro para custear as despesas com a aquisição de roupas novas para participar da festa, também custear as despesas

---

<sup>145</sup>MOUTINHO, Manoel Alves. Depoimento em 25 de dezembro de 2005.

provenientes do consumo da diversidade de iguarias comercializada na praça. Como estratégia para dispor desses recursos no final do ano, o senhor Balbino Gonçalves ressalta que “as pessoas criavam um porco no chiqueiro, pra matar em natá, pra comprar roupa, fazer tudo, comprava roupa pro natá e reis, e, aí, a festa já começava”<sup>146</sup>. Essas estratégias, para criar condições para participar da festa dos Santos Reis, demonstram que esses agricultores são sujeitos ativos, agentes do processo, constituidores de hábitos, costumes, enfim, de seus modos de vida; por isso, qualquer olhar que menospreze e que ainda enxergue os trabalhadores rurais como sujeitos ignorantes e passivos devem ser revistos.

Reportando-se ao depoimento do senhor Manoel Moutinho, a partir da interpretação de sua narrativa, compreende-se que o agricultor não mantinha uma relação de dependência rígida com o fazendeiro, uma vez que vendia o fumo em menor quantidade, “o camanduarzinho” nas vendas da comunidade, visando principalmente suprir as necessidades de gêneros alimentícios para “fazer o dinheiro pra ir pra festa” ou para usá-lo em qualquer emergência. O plantio e o comércio de pequenas quantidades de fumo na região do Recôncavo colocam em dúvida os estudos que enquadram a produção da região fumageira destinada exclusivamente para a exportação. Como enfatiza Santana, “contraditoriamente ao que os quadros estatísticos oficiais podem induzir, quando caracterizam a região de fumageira, o trabalho com fumo mantinha-se fortemente familiar e realizado por pequenos produtores,”<sup>147</sup> como têm demonstrado as narrativas acerca da produção na comunidade rural de Aldeia, onde de fato prevalecia a produção de pequenas quantidades para garantir a renda familiar.

Na comunidade de Aldeia, o plantio do fumo inicia-se no mês de junho, momento de transplantar as mudas, que foram criadas em leiras no quintal da casa para o local destinado ao plantio. A partir de então, os tratos com a cultura exigem dedicação quase que exclusiva do lavrador, a fim de evitar o ataque de insetos que devoram as mudas, fazer a desolha e, principalmente, realizar a capina. Quando esses procedimentos são executados com eficiência e não existem problemas meteorológicos, no mês de setembro normalmente ocorrerá a colheita das primeiras

---

<sup>146</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento gravado em 2005.

<sup>147</sup>SANTANA, Op. cit, p. 39.

folhas para realizar o processo de secagem em armazéns ou, como acontece na maioria das vezes, no interior das próprias casas. Essas etapas do processo de produção do fumo são descritas de forma muito apropriada pelo historiador Charles Santana ao estudar os modos de vida dos pequenos produtores rurais do vizinho Município de Dom Macedo Costa:

Em abril iniciava-se a labuta do fumo, a sementeira e o transplante das mudas; em julho havia a primeira desolha, limpava a roça chegando terra às plantas e colhiam as primeiras folhas, deixando-as secar em varais nos ranchos, em cômodos reservados a essa finalidade, ou ainda no interior das próprias casas, para em seguida preparar as bonecas com as folhas secas.<sup>148</sup>

Ainda hoje, na comunidade rural de Aldeia e outras localidades do município de Governador Mangabeira, o fumo ainda se constitui como uma lavoura marcante para a geração de renda de pequenos produtores, e o seu processo de secagem continua sendo feito no interior das casas como enfatiza Santana, fato que pode contribuir para a manifestação de doenças em função da aplicação de agrotóxico para proteger a lavoura da ação de pragas. Terminado o processo de secagem, a safra está pronta para as confecções de bonecas com as folhas e depois é organizadas em fardos geralmente de quatro arrobas para serem comercializados. O fumo também produzia uma parte denominada de refugo, de pouco valor comercial, mas que servia para os jovens conseguirem um dinheirinho para participar da festa, como é mencionado na narrativa da senhora Marivanda Nascimento:

Eu catava refugo, o bacheiro, para comprar roupa, porque minha mãe tinha onze filhos para dar de tudo, vivendo de meia, e hoje todo mundo tá vivendo uma vida mais equilibrada e naquele tempo era mais difícil. Eu acordava cedo, antes de ir para escola, ia e catava bacheiro, fazia aquele molho e vendia na venda. E também manocava fumo no armazém de seu Gênis para interar o dinheiro para comprar roupa para vim pra festa de Aldeia e pra vim pra missa. Porque a missa era uma roupa mais especial, uma roupa melhorzinha.<sup>149</sup>

A narrativa de Marivanda Nascimento demonstra outras estratégias para conseguir dinheiro e comprar a roupa de festejar os Reis Magos, diante das dificuldades econômicas, associadas ao número alto de filhos que dependiam da pequena renda auferida na condição de meeiro “para dar de tudo”. Assim, era preciso transformar necessidade em possibilidades de ganhar um dinheiro extra

---

<sup>148</sup>SANTANA, Op. cit. p. 40.

<sup>149</sup>SOUZA, Marivanda Nascimento de. Depoimento gravado em 05 de janeiro de 2010.

para conseguir comprar a roupa nova, aliviando, assim, a tão concorrida renda familiar.

Para tanto, eles catavam refugo - parte das folhas do fumo de baixa qualidade, sendo comercializado a um preço muito inferior nas vendas da comunidade. Segundo B. J. Barickman,<sup>150</sup> o destino principal desse fumo de baixa qualidade era sua exportação para a África Ocidental, onde negociantes baianos trocavam pelos escravos não necessários a toda a economia da Colônia. Outra forma de ganhar dinheiro, conforme a narrativa, consistia em manocar fumo (fazer molhos com as folhas) no armazém do senhor Gênis Dias para aumentar a renda e, por conseguinte, conseguir comprar uma roupa “melhorzinha” para festejar os Santos padroeiros da comunidade.

É pertinente enfatizar que as relações de trabalho, na comunidade rural de Aldeia, não são preestabelecidas; ela é constitutiva da dinâmica social e histórica que envolve os sujeitos interessados. Dessa forma, o pequeno agricultor, ao mesmo tempo, pode ser o rendeiro, o meeiro, o diarista; essa identidade, que é móvel, constitui-se na labuta diária para garantir a sobrevivência, como bem ressalta Santana:

Enfim, o pequeno proprietário, o rendeiro, o meeiro, o comerciante, o diarista e o assalariado poderiam se manifestar na história de vida de um único indivíduo. As relações de trabalho não eram dadas, mas cotidianamente pensadas e objetivadas como prática social, no contexto de todo um modo de vida e de luta. Daí o risco de conceituar o trabalhador rural da região segundo relações assalariadas, de meação ou qualquer outra; ou segundo uma única atividade “profissional”. Tal perspectiva, mais que tudo, determina e viabiliza a apreensão do fazer-se sujeito histórico, na dinâmica cultural do campo baiano.<sup>151</sup>

Há múltiplas possibilidades de relações de trabalho na comunidade rural de Aldeia, como pode se deduzir na fala da senhora Marivanda de Souza: “eu manocava fumo no armazém e ele pagava a gente por arroba; aí, já era fora da meia”<sup>152</sup>. Era, portanto, uma atividade assalariada, apesar de ser uma família de meeiros nas terras do próprio Gênis Dias. Perceber esse movimento nas relações de

---

<sup>150</sup>BARICKMAN, B. J. Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 64

<sup>151</sup>SANTANA, Op. cit. p. 44.

<sup>152</sup>SOUZA, Marivanda Nascimento de. Depoimento gravado em 05 de janeiro de 2010.

trabalho no campo se constitui de fundamental importância para não realizarmos análises engessadas, rígidas, verticalizadas entre o proprietário e o meeiro ou rendeiro, mas dar conta de uma realidade que é plural, dinâmica, produzida mediante uma relação de força, de interesses diversos, de negociações múltiplas que fazem parte e caracterizam os modos de vida desses sujeitos moradores da comunidade. Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira,<sup>153</sup> ao estudar as relações de poder no Recôncavo que envolve posse de terras, afirma que o arrendamento de terra é uma prática comum desde o período colonial, e que permanece durante o Império, o que possibilitou aos não contemplados com as concessões reais o acesso à terra.

Compreender o conceito de meeiro e rendeiro, e como se constitui a relação entre o proprietário da terra e esses trabalhadores, utilizar-se-á as explicações daqueles que vivenciaram e participaram diretamente do processo de negociação e prestação dessas formas de relação de trabalho na comunidade rural de Aldeia, nas quais os acordos eram estabelecidos mediante um compromisso efetivado a partir da palavra empenhada entre as partes interessadas, na efetivação de determinada forma de trabalho, podendo ser desfeita quando uma delas não se sentia contemplada nos seus anseios. Neste sentido, é pertinente a explicação da senhora Marivanda de Souza que lembra:

A maioria das pessoas aqui trabalhava pra Gênis, inclusive meu pai era meeiro. Meeiro era assim: se a pessoas fizesse dez arrobas de fumo, era cinco de cada, se fizesse dez quartas de farinha, era cinco de cada; a terra era do dono, seu Gênis. O meeiro não pagava, assim, um dia de renda.<sup>154</sup>

No contexto de negociação entre os fazendeiros e os trabalhadores, havia meiros que moravam na terra do proprietário, já outros possuíam o seu pedaço de terra e apenas trabalhavam na propriedade e, conforme acordo, pegava o aluguel da terra com uma determinada parcela da produção. As negociações entre os envolvidos variavam de um rendeiro ou meeiro para outros, pois cada um optava pelo pagamento do aluguel da terra de uma forma, quer seja com dias de trabalho, quer seja em dinheiro, quer seja com a produção; enfim, existe um leque de

---

<sup>153</sup>Ver: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Recôncavo Sul: Terra, Homem, Economia e poder no século XIX. Dissertação apresentada ao Mestrado da Faculdade de Filosofia Ciências Humanas da UFBA. p. 19.

<sup>154</sup>SOUZA, Marivanda Nascimento de. Depoimento gravado em 05 de janeiro de 2010.

possibilidades na relação de trabalho na comunidade rural de Aldeia. Assim recorda o senhor Balbino Gonçalves:

Eu morava ali embaixo, em meia tarefa de terra, pagava um dia de renda, relava mandioca, cavava cova de fumo, fazia tudo. Em uma semana eu pagava um dia, na outra dois, aí só ficava três dias para arrumar o pirão para comer. Era renda que a gente pagava, aqui era tudo roça, lá fervia de roça, o veio Gênis aí vivia de roça, era trapicheiro de fumo, era sócio do armazém de Cruz das Almas, São Félix, todos os armazéns, ele não trabalhava pra um armazém só não, ele trabalhava mais pros gringos, os gringos soltava tudo antes (dinheiro).<sup>155</sup>

A narrativa do senhor Balbino evidencia um conceito do que poderíamos entender por rendeiro: aquele que ao morar em um pedaço de terra pertencente a um fazendeiro ou dela fizer uso, fica na responsabilidade de pagar-lhe o aluguel pelo seu usufruto e a forma de pagamento acordada foi justamente um dia em uma semana e dois dias na outra, “ai, só sobrava três dias para arrumar o pirão pra comer” desenvolvendo outras formas de trabalho que, nesse caso, poderia ser assalariado. Além disso, a narrativa evidencia que o rendeiro trabalhava na propriedade do fazendeiro nas mais diversificadas atividades para que fossem requisitadas para pagar pelo uso da terra, o que demonstra que esses sujeitos tinham sua força de trabalho explorada ao máximo, pois “era renda que a gente pagava” expressão que demonstra o volume de trabalho desenvolvido pelos rendeiros a fim de satisfazer o arrendatário e garantir permanência em sua propriedade.

Outra questão evidenciada na narrativa é o papel de trapicheiro,<sup>156</sup> desempenhado por Gênis Dias, que consistia em comprar a safra de fumo dos produtores da comunidade e revender para os armazéns das cidades vizinhas e também para as firmas exportadoras que se instalaram em várias cidades do Recôncavo. Estas firmas antecipavam o dinheiro para o trapicheiro, conforme

---

<sup>155</sup>GONÇALVES, Balbino. Entrevista em 22 de dezembro de 2010.

<sup>156</sup>Trapicheiro, na zona do fumo do Recôncavo, é aquele que compra o fumo dos lavradores, destala, faz um primeiro e rudimentar beneficiamento, armazena o produto depois de transformado em manocas, estocando-o para revendê-lo às fábricas e firmas exportadoras. O trapicheiro tem uma posição chave no sistema econômico do fumo, pois, como atacadista, para ele converge a produção de muitos fazendeiros e lavradores independentes, para os quais, não raro, ele financia a produção, adiantamentos que são pagos com a entrega no trapiche do fumo colhido na safra. Ver: PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: laboratório de uma experiência humana. p. 125. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo. Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia: Universidade Federal da Bahia, 1998.

evidencia a narrativa, e ele, emprestava aos produtores, para custear as despesas com o plantio, que ficavam no compromisso tácito de pagar-lhe com a produção.

A respeito das relações de trabalho no campo e das formas utilizadas para efetuar o pagamento do aluguel da terra utilizada pelo trabalhador, o sociólogo Costa Pinto descreve três tipos de práticas trabalhistas para a lavoura do fumo no Recôncavo:

Renda-trabalho, quando a parceria consiste em o proprietário ceder a terra em troca de alguns dias de trabalho na semana, em que o lavrador é obrigado a trabalhar nas lavouras do proprietário;  
Renda-produto, neste caso, desobrigado de dar dias de trabalho gratuito ao proprietário, o lavrador entrega-lhe uma parte - a terça ou a meia - do que ele produziu como preço do aluguel da terra;  
Renda-dinheiro, quando o aluguel da terra é pago tão-somente em dinheiro.<sup>157</sup>

Entre os rendeiros do senhor Gênis Dias, a forma mais comum de pagar o aluguel da terra era a renda-trabalho, que tomava vários formatos de acordo com os interesses e as condições dos envolvidos no processo. Nessa relação entre rendeiros e arrendatários, não podemos perder do foco de análise a dimensão do conflito, principalmente quando o proprietário criava uma série de estratégias para explorar e controlar o trabalhador, ou dispensá-lo de suas terras quando eles não cumpriam satisfatoriamente o que ficou acordado; e, claro, os trabalhadores, sujeitos desse processo, também criavam suas estratégias de resistência às ações exploradoras dos fazendeiros, fosse abandonando a terra sem aviso prévio ou atrasando a realização de tarefas, enfim, são estratégias forjadas no bojo do embate, das relações de força. Sobre as tensões existentes entre o arrendatário e os rendeiros são precisas as lembranças do senhor Jovino Frateles:

Aqueles rendeiros dele (Gênis Dias), se tivesse alguma coisa pra vender, tinha que vender a ele no preço que ele quisesse comprar, não podia vender a outro, isso era ruim. Os rendeiros dele não tiravam nada, se criasse um bicho na corda pra vender, não podia vender a outro, a não ser a ele. Ele que tinha de comprar. Aquele pessoa às vezes criava um bichinho na corda, fazia aquele munturinho (adubo), aquele que não plantava não tinha direito de vender a outro, se morasse ali na fazenda. O mais forte comprava na mão do mais fraco que era para botar ali no terreno dele. Uma vez eu achei um preço pelo bezerro e não pude vender, achei quinhentos contos, porque se eu vendesse... tive que vender por trezentos

---

<sup>157</sup>PINTO, Op. cit. p. 124 e 125.

contos, com poucos dias ele vendeu por seiscentos. “Tá vendo seu Gênis, eu lhe dava o bezerro por quinhentos, o senhor me comprou por trezentos e vende por seiscentos?” Ai Ele me respondeu: “se fosse por você não vendia nem por duzentos”. O fumo? Todo mundo tinha que vender o fumo pra ele, não podia vender pra outro não. Ai tinha um cidadão chamado Paulo. Paulo era rendeiro dele, né? por causa de dez arrobas de fumo, Paulo vendeu o fumo a mil réis a zuquinha, dez arrobas de fumo. Ele ia perder cem mil réis. Por causa desse fumo, Gênis botou Paulo pra fora, pra sair quase com 24 horas. Diversas vezes eu mais Tonhe Dias correu a beira da casa, roda pra ver se topava o cavalo de Paulo marrado pra pegar e levar pra Muritiba pro curral, porque vendeu o fumo a outro.<sup>158</sup>

Esses fatos e atos, que ficaram registradas na memória do senhor Jovino Freteles, evidenciam as diversas estratégias construídas pelos proprietários para controlar as ações dos rendeiros, criando, assim, empecilhos para que esses não galgassem melhores condições sócio-econômicas e, por conseguinte, não abandonassem suas terras. A relação do senhor Gênis Dias com seus rendeiros extrapola o acordo pela utilização da terra quando o trabalhador fica obrigado a lhe vender toda produção, independente do preço de mercado, pois o preço é ele quem estabelece, ou seja, o rendeiro não está preso somente à terra, mas também às leis e regras ditadas pelo senhor Gênis Dias que era considerado o mangangão, o advogado que instituía leis e regras que deveria ser seguida, principalmente aqueles que dependiam de suas terras para morar e trabalhar.

Por causa dessas formas de controle e dominação é que surgem as mais variadas e sutis estratégias de resistência elaboradas pelos rendeiros da comunidade rural de Aldeia: vendendo pequenas quantidades do fumo nas vendas da comunidade para adquirir gêneros alimentícios e conseguir dinheiro para sanar carências diversas e urgentes, mesmo com a cobrança e tentativa de controle do fazendeiro para comprar toda a produção do fumo; abandonar a propriedade sem avisar, enfim, são estratégias dessa ordem que colocam esses trabalhadores na condição de sujeitos ativos que reagem às investidas do fazendeiro a fim de mantê-los submissos.

Por isso, essa relação deve ser analisada na perspectiva dialética, onde os interesses antagônicos permeiam a relação entre rendeiro e arrendatário, conforme salienta Marilena Chauí, que é “capaz de conformismo ao resistir, capaz de resistência ao se conformar. Ambiguidade que determina radicalmente como lógica

---

<sup>158</sup>FRATELES, Jovino. Entrevista em 04 de outubro de 2009.

e prática que se desenvolve sob a dominação.”<sup>159</sup> Não raramente, o ato de resistir era mais explícito, como o do senhor Paulo que optou em enfrentar a fúria do Senhor Gênis Dias, mas não entregou a sua safra de fumo por um preço muito abaixo do preço de mercado e, em função disso, foi obrigado a abandonar a terra, sem direito de reclamar, de reivindicar nada, já que essa era a lei que por muito tempo imperou na comunidade de Aldeia, quiçá até na região do Recôncavo.

Outra forma evidenciada na narrativa do senhor Jovino Frateles para punir o rendeiro que tinha desobedecido a “lei” imposta pelo fazendeiro consistia em se apossar de alguns bens ou animais pertencentes aos rendeiros: “diversas vezes eu mais Tonhe Dias correu a beira da casa, rodava pra ver se topava o cavalo de Paulo marrado pra pegar e levar pra Muritiba pro curral, porque vendeu o fumo a outro”. Além de ser posto para fora da terra, era comum em Aldeia, como reforça a narrativa, o rendeiro ainda perder alguns bens de significativo valor financeiro, a exemplo do cavalo pertencente ao rendeiro que seria levado para outra cidade, talvez como forma de servir de lição para outros que também quisessem se rebelar e romper com essa relação de domínio e exploração que também perpassava pelo controle das ações e decisões dos rendeiros. Sobre a forma de romper o contrato entre rendeiros e arrendatários, Afrânio Garcia<sup>160</sup> afirma que “o processo de expulsão dava-se frequentemente de forma violenta, usando o proprietário de formas como ameaças, destelhamento da cassa, destruição do roçado, morte dos pequenos animais, etc.”

A narrativa do senhor Balbino Gonçalves traz outras evidências de tensões entre rendeiros e fazendeiros envolvendo interesses diversos de ambas as partes, geralmente quando o rendeiro não cumpre o acordo combinado ou por não acatar algumas determinações do fazendeiro, ou mesmo por se indignar com a situação de ser explorado e, abandonar a terra:

Eu trabalhava pra Gênis Dias, mas Gênis começou a adoecer, fracassar. Aí eu passei a trabalhar pra Tonhe Dias, cortava fumo muito. Com o tempo eu fui trabalhar pra Valter Dias, eu morava no terreno de Valter, que não tinha dividido ainda. Eu podia sair e votar em Juca se eu trabalhava no terreno de Valter? Se eu fizesse isso,

---

<sup>159</sup> CHAUI, Marilena. Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. 6ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994. p. 124.

<sup>160</sup> GARCIA Jr. Afrânio Raul. Terra de trabalho. Trabalho familiar de pequenos produtores. Paz e Terra, 1983. (coleção estudos sobre o nordeste; v.8) p. 30.

mandava cascar fora que a lei de antes era cascar, ou cascava fora ou destelhava a casa. Um dia de rende você podia dever, mais disso, mandava você cascar fora, era uma lei danada, que chama lei danada, era lei. Um rendeiro faltava três dia de renda, ele já perdeu o rancho, não tinha essa conversa não, a conversa era: “não vou pagar renda não?” “ Não!” Não tem condições não? Aí chegava com os rendeiros e subia pra cima da casa e botava as telhas pra baixo. Você vai ficar dentro da casa destelhada? Eu paguei renda 47 anos.<sup>161</sup>

As tensões entre os rendeiros e arrendatários na comunidade de Aldeia, não se resumiam apenas ao não cumprimento do acordo de trabalho estabelecido entre ambos, conforme salienta a narrativa. Mas, os rendeiros tinham outras obrigações que extrapolavam os limites da relação com o uso da terra, por exemplo, no que tange à questão política, destacada na narrativa do senhor Balbino Gonçalves, quando se recorda da situação difícil que vivenciou durante a eleição municipal de 1967, na qual concorriam para a prefeitura de Governador Mangabeira os candidatos João Mamona e Juca Dias, ficando ele tacitamente obrigado a votar em João Mamona, que foi o candidato apoiado pelo seu arrendatário, a despeito de não ser mandado embora, porque “a lei de antes era cascar, ou cascava fora ou destelhava a casa”. De fato esses fazendeiros se constituíram em grande ponto de equilíbrio e de força para decidir os rumos da política local.

É uma relação de trabalho onde a lei do mais forte, do proprietário de terras, que mantinha outras relações de poder e barganha<sup>162</sup> com os chefes políticos local acabava imperando. Segundo Sampaio,<sup>163</sup> “este dominava o espaço público, uma vez que ocupava ou deliberava a nomeação dos cargos públicos”, mantendo, assim, o controle de uma parcela significativa dos eleitores, mediante a prática do voto de cabresto sob sua tutela, que é uma característica emblemática desses chefes locais que, devido ao prestígio de proprietários de terras, tentavam manter sobre sua égide uma massa de trabalhadores que de certa forma dependiam de suas terras como rendeiros, meeiros, vendendo um dia de serviço para garantir a subsistência, ou mesmo ocupando cargos nas repartições públicas.

Outra forma de tensão apresentada na narrativa do senhor Balbino Gonçalves é a pressão ensejada pelo fazendeiro a fim de que os rendeiros produzissem a seu

---

<sup>161</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento gravado em 22 de dezembro de 2010.

<sup>162</sup>Sobre essa relação de poder entre proprietário de terras, o chefe político municipal e o eleitorado, ver: Victor Nunes Leal no livro coronelismo, enxada e voto ao tratar dessas relações no Brasil. p. 42.

<sup>163</sup>SAMPAIO, Op. cit. p. 64.

contento, pois até um dia de renda era permitido atrasar, por isso, os trabalhadores a denominaram de “lei danada” que era implacável com aqueles rendeiros que extrapolassem a cota de faltas permitidas, sendo dispensado da terra e, em caso de resistência, a casa seria destelhada como estratégia de forçar a saída do rendeiro que não mais atendia aos interesses do arrendatário.

Ainda sobre essas relações tensas entre rendeiros e arrendatários, o senhor Jovino Frateles se lembra da sua condição de rendeiro, ressaltando as dificuldades enfrentadas para se libertar das terras do seu arrendatário e o quanto precisou trabalhar para adquirir uma pequena propriedade, motivo de muito orgulho pelo fato de morar e trabalhar em um pedaço de chão registrado em seu nome, depois de décadas vivendo em terras pertencentes a alheios. Assim, ele narra:

Eu fui rendeiro de Gênis Dias seguramente uns vinte anos. Depois Deus me ajudou que eu comprei isso aqui. Não comprei na bucha não, levei dois anos pagando. Aliás, eu não ia comprar aqui não; quando eu comprei aqui, terra tava de graça. Luis cansou comigo pra comprar a terra junto mais ele, lá no sobrado, a cem mil reis a tarefa. Veja porque eu não comprei: eu tinha vendido fumo, paguei meus negocim, me sobrou uns seis contos, um conto vai dar pra eu ir comendo e esses cinco vou comprar uma parte de terra, aí Luiz, “vamos Jovino comprar lá junto mais eu”. Aí ele fez a conta. “Olha, tu tira dois conto, comprava 20 tarefas a cem mil reis a tarefa e fica três”. Maji seu Geni sabia que eu tinha esse dinheiro que vendia a safra de fumo era a ele, ele sabia que tinha esse dinheiro, tomou emprestado pra pagar uma parte de terra que ele tinha comprado. Quando eu ia a ele para tomar esse dinheiro de volta, ele dizia: “pra que tu quer esse dinheiro?” Eu tô precisando. Não queria descobrir. Até que um dia eu descobrir. Seu Geni, eu vou comprar uma partizinha de terra lá junto mais Luis no sobrado. Aí ele disse: “Ah, não, eu vou lhe vender aqui uma parte de terra”. Aí entendeu de me vender lá no caminho como quem ia pra o Jordão, que inda bem a chuva não armou no céu o sapo já tava cantando. Aí eu disse, “ô seu Geni, como o senhor não vende lá onde eu tô que já tem uma casinha, eu já tô lá ranchado no meu lugar. “Ah, não, porque lá é no meio do pasto”. Mentira, no meio do pasto era onde ele queria me vender, onde eu tava morando, ficava no recanto. Aí tal, subiu desceu, eu vi que ele não ia me dar meu dinheiro. Aí surgiu esse lugar aqui, que ele comprou na mão do irmão dele para me vender, era doze braças, naquele tempo media assim. Aí ele disse: “É quinze mil cruzeiros”. Aí eu não ia perder o dinheiro que tava na mão dele. Aí eu disse “seu Geni o senhor fica com esse dinheiro, no ano que vem eu pago mais cinco e para ano mais cinco. Aí graça a Deus, o fumo deu bom, eu paguei o cinco mil. Seu Geni queria cobrar juro, ele disse: “É Jovino, já tem muito tempo esse dinheiro pra tu me pagar, aí vai um juro a mais. Aí eu disse: “Ô seu Geni e o meu cinco mil que tava na sua mão, porque o senhor não me paga juros”. Rapaz, o vei Geni era sabido, os rendeiros só dava barrigada a seu

Geni. Seu moço, eu sofri pra comprar isso aqui, fome eu nunca passei não, o povo me chamava para reza, aí eu dizia, hoje não vou não, porque eu não posso deixar a casa não. Eu só tinha duas calça, uma pra cortar fumo e a outra pra comprar o sal dia de sábado. Eu comi o pão que o rapaz amassou. Mas, graças a Deus, hoje eu não tenho dez porque não quero. Dos rendeiro de Gênis que teve a liberdade de sair e dizer que comprou um pedaço de terra fui eu e finado Guilherme.<sup>164</sup>

Diante da possibilidade dos trabalhadores rurais, rendeiros ou meeiros, conquistarem melhores condições de vida, era comum sofrerem pressões contrárias, principalmente quando juntava uma determinada quantidade de dinheiro para comprar seu pedaço de terra e sair da dependência do fazendeiro, que criava estratégias diversas para evitar que o rendeiro saísse de sua tutela, como enfatiza a narrativa do senhor Jovino Frateles, que havia emprestado uma determinada quantia em dinheiro ao seu arrendatário; mas, na hora de resgatar, uma série de empecilhos foram criados para não fazer a devolução do dinheiro, principalmente quando soube que era para a aquisição de sua própria terra. “Ah não! eu vou lhe vender aqui uma parte de terra. Aí, entendeu de me vender lá no caminho como quem ia pra o Jordão, que inda bem a chuva não armou no céu o sapo já tava cantando”, ou seja, uma terra de pouco valor venal e que não seria adequada para a prática da agricultura, mas era um mecanismo encontrado para manter o trabalhador sob sua tutela, sem precisar lhe restituir o valor que havia sido emprestado.

Outro elemento evidenciado na narrativa foi a dificuldade enfrentada pelo senhor Jovino para conseguir pagar o valor pela propriedade que hoje lhe pertence, pois teve que pagar um valor muito acima do preço, mas foi uma possibilidade para ter seu dinheiro de volta. “Seu moço, eu sofri pra comprar isso aqui, (...) eu comi o pão que o rapaz amassou”, essa expressão, recorrente entre os trabalhadores de Aldeia, é uma forma de demonstração de sofrimento e dificuldade para a realização ou conquista de alguma coisa, principalmente em função dos “empecilhos que foram ensejados”<sup>165</sup> pelo proprietário da terra. O pequeno agricultor, enquanto sujeito histórico, trás em suas experiências elementos constituintes e constituidores de seus modos de vida, onde a luta, a busca incessante por melhorias de vida é uma meta, apesar de todas as estratégias forjadas pelos fazendeiros para dificultar essas conquistas.

---

<sup>164</sup>FRATELES, Jovino. Depoimento gravado em 04 de outubro 2010.

<sup>165</sup>Ver: SANTANA. Op. cit. p. 42.

É explícito na narrativa do senhor Jovino Frateles a denúncia sobre a exploração e desvalorização dos trabalhadores rurais pelos fazendeiros, criando resistência para que eles não conseguissem se libertar do seu jugo, ficando assim, sempre na dependência de suas terras. Mas, vale ressaltar a alegria, o orgulho do senhor Jovino por ter conseguido comprar seu pedaço de terra, êxito que outros rendeiros não conseguiram, possivelmente devido às dificuldades impostas pelo arrendatário.

Mesmo diante dessa relação de exploração e tentativas diversas de controle dos trabalhadores pelos fazendeiros na comunidade rural de Aldeia, é uma característica marcante entre eles a construção de uma teia de relações de solidariedades que perpassava pelos empréstimos de instrumentos de trabalho como enxada, machado, gêneros alimentícios, farinha, feijão, açúcar entre outros. Mas, o principal elemento nessa prática solidária era o adjutório, principalmente no período de plantação, quando era preciso preparar a terra na época certa para ter uma boa colheita. Em Aldeia, recorria-se à prática do “cantar boi”, como narra do Senhor Jovino Frateles:

Eu e Guilherme, eu na primeira e Guilherme na segunda, desafiava pra cantar boi. Cavar cova, ralar mandioca, quando tinha um dijitório assim, pra cavar cova, plantar fumo, juntava vinte, trinta enxada. Os cantadores de boi trabalhavam menos, porque ou bem cantava ou bem trabalhavam. Aí o dono da roça já gostava de chamar aquele que sabia cantar boi pra animar; era um dijitório!<sup>166</sup>

O adjutório, também conhecido como cantar boi,<sup>167</sup> entre os moradores de Aldeia, era uma relação de trabalho, um costume de ajudar o vizinho, que na maioria das vezes também é o compadre. Com essa prática buscava-se sanar uma dificuldade individual por meio de uma ação coletiva, pelos laços de solidariedade estabelecidos entre os sujeitos que mantêm uma teia de relações de sociabilidade típica do homem do campo. Cantar boi é um mecanismo de animar os trabalhadores na prática do adjutório a fim de desenvolver sua tarefa com alegria, diversão e satisfação de está colaborando com os vizinhos no preparo da lavoura, bem como reforçar os laços de solidariedade e de sociabilidade entre os moradores de Aldeia,

---

<sup>166</sup>FRATELES, Jovino. Entrevista em 04 de outubro de 2009.

<sup>167</sup>VITORINO, Fernanda Manuela de Oliveira ao estudar essa prática em Riachão do Jacuípe, através do samba do bagaço, afirma que o boi roubado é uma manifestação intimamente ligada ao Samba do Bagaço, onde e homens e mulheres juntam-se para ajudar um companheiro com o trabalho na roça, seja na capinação ou no roçado (...). p. 50.

vizinhos, amigos, compadres de batismo, que se organiza para esses atos de ajuda mútua e depois se encontram para festejar os Santos padroeiros da comunidade, e também comemorar o resultado satisfatório de uma boa colheita.

A narrativa do senhor Jovino evidencia também os tipos de trabalhos que se empregavam na prática da ajuda-mútua, bem como certa distinção e privilégio com aqueles que sabiam cantar boi, pois trabalhavam menos, já que eram responsáveis em animar esse momento de comunhão entre os pequenos agricultores de Aldeia, quanto o dono da terra, o beneficiado, após ter conhecimento desse ato solidário, ofertava a alimentação e, principalmente, a cachacinha para animar ainda mais o trabalho, recompensar e agradecer os vizinhos por essa ação coletiva que revela um pouco do cotidiano desses sujeitos. Sobre essa prática de ajuda-mútua na região do Recôncavo, Costa Pinto destaca:

Entre estes (rendeiros) é que essas práticas de ajuda-mútua se desenvolvem, em razão do atraso de técnicas de produção e da incapacidade financeira dos responsáveis pela exploração pagarem trabalho assalariado, que é suprido pela troca e pelo somatório da força de trabalho que entre si fazem nas épocas de capina, plantio colheita ou outras fases do ciclo agrícola, em que a atividade individual de cada um não daria, por si só, devida conta da tarefa.<sup>168</sup>

A prática da ajuda-mútua em Aldeia não estar simplesmente associada à dificuldade financeira do homem do campo, ou inadequação dos instrumentos de trabalho como enfatiza Costa Pinto; mas, sim, à vontade de alimentar a uma rede de solidariedade constituída a partir dos costumes, dos valores, das crenças e dos hábitos de conviver no campo e sobreviver da terra. É uma forma de socializar as agruras que enfrentam os pequenos produtores da agricultura de subsistência, mas, também, socializar a fartura de uma boa colheita com a vizinhança. Essa prática não se resumia apenas ao trabalho com a terra, mas também para raspar e triturar a mandioca, despencar amendoim, manocar fumo, geralmente à noite, momento regado a cachaça, a contação de causos, piadas, charadas, cenas que ajudam a construir e revelar características dos modos de vida desses sujeitos constituidores da comunidade rural de Aldeia.

A partir da análise das narrativas dos entrevistados, percebe-se como estão fortemente imbricados as atividades no roçado com a produção agropecuária e

---

<sup>168</sup> PINTO, Op. cit. p. 130.

participação nos festejos em louvor aos Santos Reis na comunidade Rural de Aldeia, pois tanto a festa como a lida no roçado fazem parte e revelam características importantes dos modos de vida desses sujeitos. Dessa forma, é dos recursos oriundos da atividade agrícola que os moradores de Aldeia conseguem comprar a roupa nova para participar e contribuir financeiramente para a organização dos festejos em louvor aos Santos Reis, assim, alimentando a tradição festiva, que simboliza um momento de encontro, de sociabilidade, de construção e manutenção de valores e, por conseguinte, um momento de diversão, de fé para os pequenos agricultores de Aldeia que trabalham o ano inteiro pensando nesse momento de celebrar os padroeiros de sua comunidade. Como sugere Castelucci, “trabalhava-se para fazer festa e festeja-se o trabalho”<sup>169</sup>, principalmente quando o ano é de fartura com a produção agrícola, ou seja, o tempo de trabalho e o tempo do festejar parecem manter uma grande sincronia

Nesse sentido, a labuta diária no roçado<sup>170</sup> e a festa dos Santos Reis se distanciam e se aproximam ao mesmo tempo, haja vista que é em função dos rendimentos oriundos da atividade agrícola que os moradores de Aldeia podem se preparar para participar dessa celebração de fé e diversão, comprando uma roupa nova, ofertando um valor para os Santos Reis durante as novenas, enfim, consumindo uma diversidade de coisas que são comercializadas na praça durante os dias de festa, ou mesmo custear a produção da festa, quando era organizada pelos próprios moradores de Aldeia. Por outro lado, se distanciam, pois a festa quebra com essa rotina de trabalho, marcado pelo cotidiano cansativo e repetitivo, para que os sujeitos possam viver o outro lado dessa realidade, onde a norma é se divertir, extravasar.

Portanto, há um imbricamento de significados nessa tradição de louvar os Santos Reis celebrada na comunidade rural de Aldeia, onde a trilogia rezar, festejar e trabalhar estão intimamente interconectados, pois se trabalha para festejar e festeja

---

<sup>169</sup>CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. Pescadores da modernagem -cultura, trabalho e memória em Tairú, BA (1960-1990). Ed. Annablume. São Paulo; 2007. p. 95.

<sup>170</sup>GARCIA JR. Afrânio Raul, no Livro intitulado Terra de Trabalho. Trabalho familiar de pequenos produtores. Paz e Terra, 1983. (coleção estudos sobre o nordeste; v.8), Afirma que “o próprio nome roçado vem da primeira operação agrícola, roçar o mato, que é o corte da vegetação espontânea que cobre a terra, seja ela uma mata natural ou capoeira de terra em descanso. Queima-se em seguida os troncos e folhas cortados”. p. 115

para comemorar um bom resultado com a produção agrícola, e se reza para agradecer aos padroeiros da comunidade pelas graças alcançadas, bem como reforçar os laços de amizade e sociabilidade entre os sujeitos que participam dessa manifestação religiosa e festiva, marcante no Recôncavo baiano e também em outras regiões da Bahia.

#### **CAPITULO IV- A FESTA DOS SANTOS REIS EM ALDEIA: SIGNIFICADOS TRADICIONAIS E MODERNOS.**

A festa dos Santos Reis se constitui como um elemento marcante da identidade festiva de cunho religioso entre os moradores da comunidade rural de Aldeia, homens, mulheres, agricultores, proprietários de pequenos comércios que utilizam-se dela, para celebrar suas práticas religiosas.

Organizada durante muitos anos pelos moradores de Aldeia, a festa foi gradativamente se constituindo numa tradição tanto para eles quanto para os frequentadores que se deslocavam de outras partes do município e de cidades vizinhas para participar dos festejos em louvor aos Reis Magos que acontece entre os dias primeiro e seis de janeiro. Mas, vale ressaltar que as tradições não se constituem em decorrência da antiguidade ou do tempo de existência das manifestações festivas, nem tampouco pela manutenção de velhas práticas no seu interior, principalmente entre as festas religiosas, mas, sim, pela dinâmica que lhes são atribuídas pelos sujeitos sociais em um dado momento histórico. No caso da festa dos Santos Reis em Aldeia, objeto deste estudo, a tradição continua sendo alimentada através da participação e do compromisso renovado a cada ano, ainda que de diversas formas e propósitos múltiplos.

Desse modo, pensar as tradições como “constitutivas dos sujeitos,”<sup>171</sup> resultantes de sua capacidade de inventar e reinventar, de suprimir e agregar elementos de acordo com as características do seu tempo, é que possibilita esse dinamismo das tradições festivas, fazendo com que elas se mantenham vivas em novos contextos, ou seja, não existe uma “ditadura” das velhas práticas, elas mudam e recebem outros elementos em função dos sujeitos organizadores em um dado momento, tendo em vista que as festas expressam as características daqueles que a produzem.

Segundo Marta Abreu, “a visão de uma tradição entendida como sobrevivência do passado foi bastante criticada por Thompson e compreendida, em termos políticos, como um local de disputas e conflitos entre interesses opostos”.<sup>172</sup> O passado, e as tradições são revitalizados em função dos interesses do presente,

---

<sup>171</sup> Ver: WILLIAMS. Op. cit. p.118.

<sup>172</sup> ABREU, Marta cultura popular um conceito e várias histórias. In: SOIHET, RACHEL. (org). Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia. p.91.

das contradições, das disputas que existem em qualquer manifestação festiva, uma vez que são produzidas a partir de uma relação de força, transformando-se, reconfigurando-se em função do jogo dialético do fazer e do refazer cotidianamente. Por isso, não é possível pensar as tradições como sobrevivência, autônoma, homogênea e estática, desconsiderando a ação e importância dos seus agentes produtores, em função do seu lugar social, político, cultural, para atender as expectativas de uma parcela de consumidores, ou seja, as tradições serão sempre reinventadas em função do tempo e dos sujeitos.

A visão das tradições como sobrevivência de um passado linear e rígido, foi desenvolvida nos estudos organizados pelos folcloristas ainda no século XVIII, reforçando, dessa forma, a ideia de manutenção e preservação das tradições engessadas em novos contextos, dando ênfase ao resultado e não ao processo de construção das tradições, que é dinâmico e, por isso, não é possível manter as mesmas características em diferentes temporalidades e contextos. Esse olhar dos folcloristas sobre as tradições foi criticado por Néstor Garcia Canclini ao ressaltar que,

(...) Interessam mais os bens culturais - objetos, lendas, músicas - que os agentes que os geram e consomem. Essa fascinação pelos produtos, o descaso pelos processos e agentes sociais que os geram, pelos usos que os modificam, leva a valorizar nos objetos mais sua repetição que sua transformação.<sup>173</sup>

Neste sentido, estudar a festa dos Santos Reis como objeto de investigação da história, significa que nosso foco de análise não resume a festa pela própria festa, como uma manifestação dada a *priori*, mas, sim, compreender o processo, as transformações, os sentidos diversos empregados por seus frequentadores que direta ou indiretamente contribuem para alimentar a tradição. Além disso, procura perseguir e perscrutar os sujeitos que a produzem, como se apropriam e consomem essa manifestação reveladora de suas práticas religiosas, costumes, enfim, características dos modos de viver e conviver dos moradores da comunidade rural

---

<sup>173</sup>GARCIA CANCLINI, Néstor. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade; tradução Heloisa Pezza Cintrao; Ana Regina Lessa; tradução da Introdução Gênese Andrade.- 4ª Ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 (Ensaio Latino-Americanos, 1) p. 211.

de Aldeia, ou seja, perceber na festa outras “frestas”<sup>174</sup> que constituem o ato de louvar os Santos Reis.

Por isso, que as tradições não significam a persistência de velhas práticas ou rituais no interior de uma manifestação da cultura popular como a festa dos Santos Reis, mas a sua capacidade de agregar e articular novos elementos, construindo, assim, novos significados, uma vez que as tradições não são fixas, rígidas, pelo contrário, elas são móveis porque são constitutivas dos sujeitos sociais em um dado momento histórico. Ou seja, uma produção do presente, que incorpora e recria de forma “seletiva elementos”<sup>175</sup> do passado para construir respostas colocadas por um novo contexto e produzindo novos significados.

Ao refletir sobre as relações dinâmicas das tradições que mantém constante diálogo entre passado e presente, o novo e o velho, enfim, reinventam-se, Selma Felipe considera que

A tradição existe em função do presente. Trata-se, em outras palavras, de uma construção que utiliza símbolos para criar uma imagem do passado. É um conceito dinâmico, na medida em que o seu resgate depende da ação no presente. Por isso, a tradição é sempre re-elaborada, re-inventada.<sup>176</sup>

As evidências apreendidas nesta pesquisa apontam que a festa dos Santos Reis desse estudo também se reinventa nessa dinâmica social e cultural produzida pelos sujeitos históricos, a partir da inter-relação entre novos elementos com práticas antigas e possibilitam que novos significados sejam construídos pelos participantes que desfrutam dessa manifestação festiva com olhares e interesses diversos. Percebemos que é essa capacidade e criatividade que os sujeitos têm ao mesmo tempo de excluir e agregar elementos que contribuem para a festa dos Santos Reis em Aldeia se manter viva e não por um apego saudosista das práticas ritualísticas congeladas no tempo, pois toda tradição expressa os interesses e os valores de quem a constrói em um determinado tempo e lugar.

Esse processo contínuo de fusão e ao mesmo tempo de resistência a novos elementos, de adaptação a novos contextos, bem como de negação se constitui em

---

<sup>174</sup>Ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. (org.) Carnaval e outras F(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, CECULT, 2002. p. 12.

<sup>175</sup>Sobre o conceito de tradição seletiva, Ver: Williams. Op. cit. p. 118.

<sup>176</sup>OLIVEIRA, Selma Felipe de. A Construção da Tradição. Cultura volume 4 nº 01, junho de 1996. p. 129. Projeto Historia; São Paulo; nº 17; novembro de 1998.

uma estratégia para que as tradições possam garantir sua manutenção, conforme argumenta Edinélia Souza, “as novas identidades construídas preservam elementos de um passado significativo, vinculado a uma realidade histórico-social em permanente transformação.”<sup>177</sup> De fato, esse jogo de rupturas e permanências, que é presenciado nas tradições festivas que contribuem para a construção de novos significados, porém, sem excluir elementos representativos do passado, importante para a formação das novas identidades representativas dos novos sujeitos que as elaboram e reelabora na dinâmica social. Pensando as tradições como construção cultural e social dos sujeitos no tempo presente, com sua carga de valores e crenças, enfatiza Raymond Williams:

O que temos, então, a dizer sobre qualquer tradição é que nesse sentido ela é um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse do domínio de uma classe específica. É uma versão do passado que se deve ligar ao presente e retificá-lo. O que ela oferece na prática é um senso de continuidade predisposta.<sup>178</sup>

Nesse sentido, o passado não é vivido novamente no presente de forma estática, mas oferece as condições para que novas identidades, novos sentidos sejam elaborados por novos sujeitos com perspectivas e olhares outros. Assim, ao se pensar a festa dos Santos Reis como uma tradição constitutiva dos moradores de Aldeia, faz-se necessário, compreendê-la em função dessa dinâmica de reinvenção de suas práticas e elementos, e não como sobrevivência de suas características ossificadas pelo tempo. Compreender as manifestações festivas, a partir desse processo dinâmico, nos possibilitou uma melhor compreensão das transformações pelas quais passou e vem passando a festa de Santos Reis da comunidade rural de Aldeia entre 1970 a 2000, já que, é preciso modificar para manter a tradição, mesmo que isso nas memórias de alguns participantes, possa significar que a festa acabou, que a tradição se perdeu no invólucro dos tempos modernos porque os rituais não acontecem da mesma forma que antes. Essa noção é trazida no lembrar do Senhor Jovino

Enquanto Vavá Mascarenhas aqui nas Queimadas foi vivo e Gênis na Aldeia, depois que esses dois home morreu a festa foi caindo,

---

<sup>177</sup>SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. Memórias e tradições: Viveres de trabalhadores rurais do município de Dom Macedo Costa. Bahia, 1930-1960. Programa de Mestrado Interinstitucional em História Oral. PUC/SP, 1999. p. 179.

<sup>178</sup>WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 119.

caindo, caindo de modo que hoje só tem o nome da festa e hoje acabou tudo. Depois muito fez ai, mas num era igual não.<sup>179</sup>

O senhor Jovino Frateles associa a grandiosidade da festa dos Santos Reis à participação dos Senhores Gênis Dias e Vavá Mascarenhas; para esse depoente, quando morre esses fazendeiros, que durante muito tempo, foram os principais produtores e patrocinadores da festa, ela se perdeu no tempo, pois os organizadores posteriores não conseguiram se articular para manter as mesmas características e o brilhantismo de outrora. Esse olhar, de um passado glorioso da festa trazido nas lembranças do senhor Jovino, que não existe mais, representa uma concepção de tradição enquanto sobrevivência e não pelo seu poder de se transformar, se revestindo de outro formato no qual o depoente não se percebe, ou seja, o seu lugar nessa manifestação construído historicamente a partir de toda uma carga de subjetividade, de experiências, foi ocupado por outras pessoas, com outras perspectivas para e com a festa.

O sentimento de pertencimento com a festa em louvor aos Santos Reis é construído em função das relações de afetividade, da subjetividade que extrapolam o ato de apenas participar da festa. A festa é, portanto, um espaço onde são elaboradas diversas experiências a partir de ações individuais e coletivas, fato que estimula os sujeitos a se sentirem parte integrante dessa manifestação festiva. Investigando sobre festas e tradições religiosas, interpretando-as enquanto categorias que são dinâmicas, Brandão argumenta que,

(...) tradição como garantia da festa não é uma categoria ideológica estática. Entenda-se bem, a tradição dirige, dinamicamente, os modos de realização dos rituais da festa e acaba por se tornar um evidente sinal de tensão entre suas diferentes modalidades de promotores.<sup>180</sup>

Nesse sentido, as mudanças implementadas ao longo do tempo na festa dos Santos Reis é uma estratégia para garantir a existência da tradição em outros contextos, recriando-a todo ano em que são celebradas. Sobre o processo de reinvenção vivido pelas tradições, Hobsbawm ressalta que,

(...) De maneira geral, é isso que acontece, mas é preciso que se evite pensar que formas mais antigas de estrutura de comunidades e autoridade e, conseqüentemente, as tradições a elas associadas, eram rígidas e se tornaram rapidamente obsoletas; e também que as

---

<sup>179</sup>FRATELES, Jovino. Depoimento em 25 de dezembro de 2005.

<sup>180</sup>BRANDÃO, Op. cit. 1978. p. 70.

“novas” tradições surgiram simplesmente, por causa da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas.<sup>181</sup>

Sobre esses elementos da tradição que ganham novos significados, é importante pontuar que esse intercâmbio não simboliza a supressão de velhas práticas, ou seja, o que se observa não é uma ruptura entre o velho e novo, mas uma reorganização material e simbólica que se articula com outros elementos originando, dessa forma, “novas” tradições que em outro momento histórico serão também reinventadas para atender a uma nova estrutura posta pela mudança, condição natural do próprio homem.

Portanto, as tradições são dinâmicas, intercambiáveis, não se fixam para sempre. Como sugere Hall, “a tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência de velhas formas. (...)”<sup>182</sup>. É nessa perspectiva que entendemos o processo de transformação pela qual vem passando a festa dos Santos Reis em Aldeia, não como a perda da tradição, mas, sim, como um exercício necessário de manutenção da tradição de louvar os padroeiros da comunidade a partir da ação de novos sujeitos

#### **4.1-ENTRE O BAILE DAS MOÇAS E O BAILE DA FUMAÇA: A SEGREGAÇÃO SÓCIO-RACIAL NA FESTA DOS SANTOS REIS.**

A festa dos Santos Reis em Aldeia constitui-se em um momento singular porque no seu espaço consegue reunir a diversidade dentro da unidade, marcada pelas diferenças de condição socioeconômica, de cor, gênero e faixa etária que apesar de comungar do mesmo evento, apresentam objetivos e interesses diferentes o que não promovem um consenso. Segundo Canclini, “as festas são um dos únicos espaços onde a população pode afirmar a sua solidariedade comunitária”.<sup>183</sup> Porém, apesar de ser o espaço da ação solidária, de sociabilidade, acaba por sugerir uma compreensão equivocada de fusão e supressão das diferenças em seu interior, mas, a festa é por excelência um espaço onde as

---

<sup>181</sup>HOBBSBAWN, Eric e Ranger, Terence. (Org.) A Invenção das Tradições. Paz e Terra; 2ª edição; São Paulo; 1997. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. p. 13.

<sup>182</sup>HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik: tradução Adelaine La Guardia Resende.[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 243.

<sup>183</sup>GARCIA CANCLINI, Néstor. As Culturas Populares no Capitalismo. Editora Brasiliense. 1983 p. 18.

diferenças diversas se afirmam e reafirmam, principalmente quando se trata de dividir e ocupar os espaços da mesma.

Essa divisão que começa no interior da igreja, onde as pessoas de maior prestígio na comunidade e no Município geralmente ocupam os assentos defronte ao altar, essas diferenciações se completam e se confirmam no lado profano da festa. Nos dias de comemoração dedicados aos Santos Reis, é rotineiro as pessoas se agruparem de acordo com a proximidade social, cultural e econômica; essa forma de socialização indica que os participantes sentem-se mais à vontade entre seus pares. Esses procedimentos sutis representam demarcação de territórios, inscrição de espaços e demonstração de poder nas comemorações em louvor aos Santos Reis.

Esse cenário não é uma particularidade da festa dos Santos Reis, uma vez que as festas reproduzem e representam o caráter da sociedade elitista e hierárquica construídos historicamente. Discutindo sobre as relações nos espaços das festas, Del Priore enfatiza que “a sobrevivência das relações humanas implicava alianças e conflitos, lutas reais e simbólicas pela dominação do espaço coletivo.”<sup>184</sup> O embate entre os grupos sociais que participam da festa dos Santos Reis e, por conseguinte estabelecem a demarcação de territórios, pode ser percebido também, em função das roupas que vestem, pelo arremate de prêmios nos leilões que simbolicamente, constituem-se ao mesmo tempo em um mecanismo de demonstração de poder e reprodução dos lugares sociais. .

Nesse sentido, a festa é uma construção social e histórica em um espaço/tempo no qual essas tensões ganham evidências que possibilitam desconstruir a noção de que o espaço festivo é homogêneo e consensual; ao contrário, seus espaços revelam as diferenças e interesses diversos que são de grande relevância no sentido de captar elementos dos modos de viver dos sujeitos. Analisando as tensões sobre a demarcação de território e a demonstração de poder nas festas coletivas, Priore ressalta que,

A festa efetivamente possibilitava ao grupo social o confronto de prestígio e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes. Tudo é reforçado pela ostentação do luxo e

---

<sup>184</sup>PRIORE. Op. cit. p. 90.

distribuição de larguezas. O indivíduo ou o grupo de família afirmavam com sua participação nas festas públicas seu lugar na cidade e na sociedade política.<sup>185</sup>

Na festa dos Santos Reis em Aldeia, a demonstração de poder, bem como a reprodução do lugar social e político que as pessoas ocupam na sociedade, ficavam mais evidentes quando eram realizados os bailes, no dia cinco de janeiro, à noite. A festa era realizada em espaço fechado onde pessoas ligadas às famílias de maior prestígio e poder econômico participavam do denominado Baile das Moças, que era realizado num prédio escolar; enquanto o Baile da Fumaça, organizado pelas pessoas menos favorecidas financeiramente, era arranjado em um armazém pertencente ao senhor Gênis Dias, galpão usado para secar a safra de fumo. De acordo com as lembranças do senhor Balbino, o Baile da Fumaça era frequentado por agricultores, rendeiros, pequenos comerciantes, ou seja, pessoas de menor poder aquisitivo, o que demonstra uma separação social e econômica no âmbito da festa. Mas, qual o significado desses bailes para os moradores de Aldeia? Por que tinham esses nomes? Quem os denominou assim? Sobre esses aspectos, é esclarecedora a narrativa do senhor Balbino Gonçalves:

Hoje em dia, é essa festa na praça, mas tinha, diante tinha o Baile da Fumaça, aquele baile do pessoá mais coisa, né? (pobre) você me entende. O baile era no armazém que pendurava fumo e botaram na festa o nome de baile da fumaça porque era do pessoá mendigo, agora tinha polícia que ficava no plantão na porta pra não resultar em molequeira. Não era pago, não. O Baile da Fumaça era de graça, amanhecia o dia, o pau quebrava até as oito horas. O Baile das Moças era cá na Escola de Deraldo Dias, rodeava de palha de dendê. O Baile das Moças era das pessoas mais coisa, você me entende, o pessoá de prestígio, de posse, o pessoá mais forte. Agora, os músicos era dividido, ficava dois cá no baile da fumaça e quatro lá no baile das moças.<sup>186</sup>

As lembranças do senhor Balbino, que vivenciou durante muito tempo os festejos, trazem alguns elementos que possibilitam compreender e refletir sobre o processo de construção dos espaços diferenciados na celebração em louvor aos Santos Reis, entre aqueles que desfrutavam das comemorações. As memórias narradas ressaltam a demarcação de dois espaços festivos que eram frequentados por participantes de diferentes poder aquisitivo e econômico. As pessoas de menor

---

<sup>185</sup>PRIORE, Op. cit. p. 37.

<sup>186</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento em 02 de janeiro de 2005.

poder aquisitivo participavam do denominado Baile da Fumaça, enquanto aquelas de maior poder aquisitivos, que faziam parte da “elite” local e seus convidados, participavam do Baile das Moças. Essa divisão no interior da festa nos permite entender que, apesar da festa se constituir em um espaço de sociabilidade, de construção de identidade, é também o espaço marcado pelas tensões, pelas diferenciações econômicas, enfim, é um território de conflito e de disputa de poder que se faz presente de formas diversificadas.

Ainda seguindo as pistas das lembranças do senhor Balbino, ele destaca que o espaço destinado ao Baile da Fumaça é um armazém utilizado para a secagem do fumo, distante do centro da praça, ao que parece sem condições adequadas para a realização da festa. Suas recordações sugerem que ao realizar a festa naquele lugar distante do evento, simbolizou uma forma de isolar as pessoas frequentadoras do Baile da Fumaça, ou seja, construir de forma material e simbólica um isolamento entre pobres e ricos. Mais instigante ainda é sua referência sobre a requisição de um policial na porta para evitar “molequeira”, esses fragmentos nos leva a questionar: Por que o comportamento festivo dos frequentadores do Baile da Fumaça exigia precauções? Por que o povo tinha que ser vigiado?

Talvez para evitar os excessos quando esses ocorressem: a “molequeira” a “licenciosidade”, a “depravação”, que seriam uma ofensa aos padrões morais da época e do lugar. Mas, sem dúvida, atos dessa natureza se por ventura acontecessem, não eram uma particularidade das pessoas que frequentavam o Baile da Fumaça. Todavia, essa representação foi sendo construída ao longo do tempo, como um espaço não recomendável para as “moças de família”. Ainda de acordo com as memórias do senhor Balbino Gonçalves, a presença de um representante da ordem legalmente instituída demonstra o olhar preconceituoso sobre o povo, talvez, visto como “indisciplinado”, por isso, a necessidade de ser vigiado seu comportamento controlado, a fim de assegurar a ordem social e moral.

Era a festa do “pessoá mendigo”, sujeitos que possuem uma historicidade e que criam, inventam e reinventam estratégias de louvar os seus padroeiros e ao mesmo tempo de festar, de se divertir, transformando carência em possibilidades, ou seja, um espaço usado para secar o fumo foi transformado em salão de festa para garantir a alegria e diversão de várias pessoas, que, apesar de não dispor de

condições financeiras elevadas, dispõem da capacidade criativa para transformar um espaço insalubre no cenário de comemoração festiva. É possível que a denominação Baile da Fumaça possa estar associado ao fato do armazém ser de chão batido que, em função da dança, fazia com que a poeira subisse, criando, assim, uma espécie de nuvem de fumaça, principalmente em função da iluminação precária feita a base de querosene armazenado em toras de bambu, onde era colocado um pavio que funcionava como lamparina.

Ao rememorar sobre esses bailes, a senhora Marivanda de Souza saliente que “já chegou a ter o Baile da Fumaça e o Baile das Moças. Era que naquele tempo tinha muito preconceito, hoje ainda existe, mas é mais assim. Era mais ou menos o baile dos pretos e pobres e o baile dos ricos e brancos”. As lembranças da senhora Marivanda trazem outro elemento de separação entre os participantes dos Bailes - a questão étnica. De fato, estamos falando de uma comunidade de maioria negra, mas que o domínio econômico e político eram exercidos por uma minoria branca, representada principalmente pela Família Dias. Nesse sentido, essa denominação de Baile da Fumaça também pode estar associada à cor da pele de seus frequentadores, uma forma pejorativa de se referir à festa dos pretos e pobres da comunidade.

Ainda sobre a denominação Baile da Fumaça, a senhora Maria Isabel da Conceição rememora: “eu ouvi minha avó dizer: “quem vai nesse baile é mulher ruim”. Mulher solteira, que usava roupas curtas, vestido de alça. Eu ouvi minha avó falar essas coisas. Estas lembranças evidenciam a concepção de ética, de moral e as normas de conduta que prevaleciam na comunidade de Aldeia já que as roupas curtas, que exibissem determinadas partes do corpo, representavam um desvio de conduta e uma ofensa aos padrões éticos e morais que vigoravam entre os moradores da comunidade. Essa narrativa da senhora Maria Isabel da Conceição nos remete à ideia concebida por Pollak<sup>187</sup> denominada de “memória por tabela”, ou seja, um acontecimento vivido pela coletividade, mas que a pessoa se sente parte integrante do fato mesmo vivendo em outra temporalidade, em outro contexto, porque se sente conhecedora uma vez que a memória também é construída socialmente.

---

<sup>187</sup>POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 201.

É interessante perceber nessa relação de força, como são construídos de forma sutil e simbólica os lugares sociais, da “elite local” e o lugar do outro que é preto, pobre, devendo ficar marginalizado e vigiado, fato que demonstra as contradições sociais de Aldeia e as tensões latentes no interior da festa em louvor aos Santos Reis. Por isso, apesar da festa se constituir em um espaço de sociabilidade, é também o espaço de demonstrar os embates, as fissuras, já que se constitui em um mecanismo que expressa como a sociedade está organizada em um dado momento histórico, ou seja, é a sociedade falando de si mesma, sua concepção de moral, de ética, suas crenças, seus valores, enfim, características dos seus modos de viver, de pensar, de sentir, de fazer e de ser que de alguma forma se imprimem no espaço da festa.

Voltando à narrativa do senhor Balbino Gonçalves, ao mencionar o Baile das Moças, afirma que este reunia as moças e rapazes de família, pessoas de posição econômica destacada, por isso não deveriam se envolver com as pessoas de famílias menos conceituadas, economicamente falando. Esse baile acontecia na sala de um prédio escolar, bem melhor localizado, perto da praça onde se dava todo o circuito da festa. Discutir essas tensões, a reafirmação das diferenças sociais e econômicas no bojo da festa, nos remete a pensá-la em função das várias vertentes que podem ser explorada pelo pesquisador, não reduzindo assim, a lente de análise apenas na festa. Mas, tentar dar visibilidade às diversas formas de tensões, a construção simbólica e sutil dos lugares sociais que se manifestam entre os moradores de Aldeia.

A esse respeito são provocadoras as reflexões de Maria Clementina Cunha ao estudar as tensões no carnaval carioca na transição do século XIX para o XX, quando sugere que ao olharmos para “as festas em busca dos sujeitos, das tensões, da constituição de relações e de formas pelas quais, nestas ocasiões privilegiadas em que se costuma encenar um risonho congraçamento, processa-se um diálogo social tenso e intenso”<sup>188</sup>. As tensões e diferenciações entre os moradores de Aldeia são evidenciadas também no momento em que é feita a divisão dos músicos, pois a proporção destinada para cada espaço festivo era completamente desigual, haja vista que um número maior de músicos era destinado para tocar no Baile das

---

<sup>188</sup>CUNHA, Op. cit. p.17.

Moças, enquanto um número bem menor se dedicava à festa do “povão” no denominado Baile da Fumaça, conforme ressaltou as lembranças do senhor Balbino Gonçalves.

As memórias do senhor Balbino Gonçalves registram as contradições e tensões presentes nessa manifestação festiva e religiosa, tendo em vista que os papéis e posição das pessoas ocupadas na sociedade são reproduzidos na organização e consumo da festa. Dessa forma, ao estudar a festa dos Santos Reis em Aldeia é preciso analisá-la procurando dar conta das “fraturas”, dos significados, de um conjunto de práticas que torna o espaço da festa tenso e intenso em contradições, como também é evidenciado nas reflexões de Cunha ao pensar a realidade do Rio de Janeiro:

Através delas, poderá espiar uma rica miríade de práticas, linguagens e costumes, desvendar disputas em torno de seus limites e legitimidade, ou da atribuição de significados, e sentir as tensões latentes sob as formas lúdicas. Apurando o ouvido, será capaz de captar manifestações de dor, revolta, alegria, presentes nos dias de festa como nos dias comuns, e testemunhar reconciliações ou desentendimentos que, para o historiador, tem sempre um gosto único e inconfundível.<sup>189</sup>

Nesse sentido, essa manifestação festiva, revela muito além do ato de celebrar os santos padroeiros de Aldeia, uma vez que expressa as relações e os conflitos da mais diversa natureza, bem como as particularidades dos modos de viver, de festar e rezar dos moradores da comunidade rural de Aldeia. Assim, analisar a Festa dos Santos Reis a partir do Baile da Fumaça e o Baile das Moças consiste em perceber como é construído o lugar social do outro, através de ações, discursos e práticas permeadas de sentidos e significados para os moradores de Aldeia, bem como a reprodução de um modelo de sociedade hierárquica e desigual que se faz presente nesta manifestação de caráter religioso e festivo.

#### **4.2- O BUMBA-MEU-BOI E A BURRINHA DE BEIRA MAR: O TEMPO DA FESTA ORGANIZADA PELA COMUNIDADE**

A festa é um fenômeno em constante processo de configuração e reconfiguração. Por isso, ela apresenta características marcantes dos sujeitos que a

---

<sup>189</sup>CUNHA, Op. cit. p. 12

produzem em um dado momento histórico. Neste sentido, a festa dos Santos Reis na comunidade rural de Aldeia, inicialmente, foi produzida a partir do esforço coletivo da comunidade com o objetivo de conseguir recursos e destiná-los para a sua realização, utilizando, para isso, diversas estratégias para alcançar tal fim, como a realização de leilões com prêmios doados pela própria comunidade.

Essas atitudes demonstram uma ação efetiva e organizada dos sujeitos constituidores daquela comunidade para celebrar os santos padroeiros, quer seja como forma de pagar uma graça alcançada, quer por um ato de devoção ou simplesmente como forma de garantir a diversão para várias pessoas que frequentavam apenas com o objetivo de compensar o corpo e a alma da árdua labuta diária para garantir a sobrevivência. Foi em função do empenho dessas pessoas que a festa em louvor aos Santos Reis se constitui como uma tradição na comunidade rural de Aldeia. Como relembra o senhor Jovino Frateles:

Quem começou a organizar a festa foi um cidadão chamada Norberto Caiana. Era pessoa dos Dias também, mas era fraco (poucas posses). No tempo de Norberto Caiana, no tempo de burrinha de beira mar e bumba boi, era o tempo de festa de pobre. Aí ele saí com a santa cruz esmolando ( pedindo dinheiro para fazer a festa). (...) eles saíam e corriam esse mundo todo e quando era no dia três pro dia quatro eles vinham chegando com o dinheiro que tinha arrecadado e ai ia fazer a festa. Aí foi indo, foi indo, o tempo foi passando, os padres, eu não sei quem foi, embargou de saírem pedindo e aí os homens fazendeiro começou fazendo, Genis Dias, Vavá Mascarenhas eram os mestre daí da festa.<sup>190</sup>

Mais uma vez a extraordinária narrativa do senhor Jovino evidencia alguns elementos importantes sobre a festa principalmente as ações voltadas para conseguir recursos para sua realização. Um exemplo dessas ações consistia em sair com a Santa Cruz pelas casas da comunidade de Aldeia, comunidades vizinhas e cidades circunvizinhas pedindo doações em prêmios e contribuições financeiras, para arcar com as despesas provenientes da produção da festa.

Em função dessa metodologia para angariar recursos, ela foi denominada pelo depoente o “tempo da festa de pobre”, talvez porque seus primeiros organizadores como o senhor Norberto Caiana, não dispunham de sólida base econômica para fazer alto investimento na festa. Assim, diante dessa situação, a

---

<sup>190</sup> FRATELES, Jovino. Depoimento em 25 de dezembro de 2005.

estratégia usada foi sair “esmolando” para angariar valores que lhe permitissem a realização dos festejos.

Nesse sentido, Manoel Quirino ao descrever a noite de reis na Bahia, enfatiza as características econômicas das pessoas que participava dessa manifestação festiva:

Gente de poucos recursos e de humilde condição social, o povo propriamente dito, é quem se reserva de celebrar, com certo brilhantismo, essa passagem da Bíblia, tão cheia de ensinamentos e encantos para os crentes no catolicismo.<sup>191</sup>

Apesar de maior envolvimento dos grupos de poucos recursos financeiros na organização da celebração em louvor aos Santos Reis, isto não implicar afirmar que outros grupos sociais não participam dessa manifestação festiva que é uma representação a visita dos Reis Magos ao Messias, mesmo porque, uma das características da festa estar em reunir em torno de si as diferenças e os interesses múltiplos.

Outro elemento trazido na narrativa sobre a festa, que a institui como o “tempo da festa de pobre,” está associado aos elementos proponentes da diversão dos participantes, pois era apenas a “burrinha de beira mar”<sup>192</sup> e o bumba-meu-boi confeccionado pela própria comunidade que animavam os festejos, como ressalta Mário de Andrade, “os reisados são folganças muito variadas. O característico deles é terem sempre, no fim de várias cantigas e danças, o brinquedo do bumba-meu-boi”<sup>193</sup>. Além disso, havia as lavagens que visitavam as casas dos moradores da comunidade e eram animados ao som de enxada, chocalho e tantos outros instrumentos provenientes da criatividade humana para celebrar aquele momento singular entre os moradores de Aldeia.

Outra questão instigante evidenciada na narrativa são os motivos que levaram o catolicismo instituído a proibir a estratégia de sair com a Santa Cruz pedindo contribuições para organizar a celebração aos Santos Reis. Partindo do pressuposto que é uma manifestação organizada pela própria comunidade, sem a

---

<sup>191</sup>QUIRINO, Manoel. A Bahia de Outrora. Coleção de Estudos Brasileiros; série 1ª autores nacionais. Vol. 3. Salvador: Progresso, 1946. P. 29.

<sup>192</sup>QUIRINO, Op. cit. A burrinha é um individuo mascarado, tendo um balaio na cintura, bem acondicionado, de modo a simular um homem cavalgando um animal, cuja cabeça de fôlha de flandres produzia o efeito desejado. P. 32.

<sup>193</sup>ANDRADE, Mário de. Danças dramáticas do Brasil. Livraria Martins Editora. São Paulo. V. I. p.33.

interferência direta da igreja católica, parece que a justificativa para tal atitude está associada aos inconvenientes criados pelo senhor Norberto Caiana para Igreja, pois, segundo o senhor Jovino Frateles, “ele bebia muito! Num dia ele tomando uma cachaça subiu na Santa Cruz, largou o braço, caiu e cortou o pé”<sup>194</sup>. As memórias do senhor Jovino Frateles sugerem que o comportamento do senhor Norberto Caiana representava uma afronta para os padrões éticos e morais da igreja, uma vez que para arrecadar esses recursos usava-se o nome e o símbolo da Santa Igreja Católica e os atos do senhor Caiana não eram dignos de um proponente da fé e líder religioso.

Apesar das narrativas não sinalizarem nessa direção, não se pode negar que a atitude da igreja esteja atrelada a um jogo de interesses e disputa pela organização da festa, já que a partir desse momento em que houve a proibição por parte da igreja de sair arrecadando recursos, os fazendeiros da comunidade, como o senhor Gênis Dias, líder político local que dispunha base financeira assume para si a responsabilidade de produzir a festa, agregando a ela novos elementos.

Outra estratégia forjada pela comunidade de Aldeia para conseguir recursos para produzir a festa consistia em solicitar aos moradores, por meio de cartas, a doação de prêmios que eram vendidos no leilão realizado no dia cinco de janeiro à noite. Os recursos auferidos através dessa prática eram destinados a custear a limpeza da praça, pintar e reformar a igreja, pagar ao padre pela celebração da missa no dia seis de janeiro. Enfim, é a partir desse poder de mobilização e articulação dos moradores que se conseguia iniciar o novo ano celebrando os Santos Reis. Sobre a importância de realização do leilão, para a produção da festa, são pertinentes as lembranças do senhor Balbino Gonçalves enfatiza que,

O leilão era no dia cinco (último noite de festa), um dava um boi, outro dava um porco, outro dava uma galinha, outro dava um cacho de banana, era de tudo. Aí terminava lá pra meia noite, era gente Ave Maria e tirava os prêmios, era um queimando o outro e saía tudo caro. O dinheiro ficava para a igreja, pra comprar tudo e a sobra botava no banco pra paro ano fazer a limpeza da praça, pintar a igreja, pra organizar a festa.<sup>195</sup>

A organização do leilão narrada pelo do senhor Balbino Gonçalves demonstra o grau de envolvimento da comunidade com a produção da festa, pois cada

---

<sup>194</sup>FRATELES, Jovino. Depoimento em 25 de dezembro de 2005.

<sup>195</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento gravado em 2 de janeiro de 2005.

morador, de acordo com a sua condição econômica, doava prêmios variados como galinha assada, bebida, animais, frutas e etc. que eram arrematados em público por meio de brincadeiras nas quais havia sempre um desafio entre os participantes para ver quem oferecia o maior preço pelo prêmio. Esse ritual era acompanhado da entrega do prêmio mais esdrúxulo a um amigo, como forma de troça, gozação, zombaria, que compunha esse ato com fins lucrativos, mas, sem perder a dimensão festiva. Enfim, constituía-se em um espaço de sociabilidade, de interação, diversão, de encontro, de demonstração e disputa de poder.

Portanto, estudar a festa dos Santos Reis de Aldeia a partir dessa temporalidade, também denominada de “festa de pobre”, não implica dizer que existiam duas festas, uma para os ricos e outra para os pobres da comunidade, mas sim, o mesmo momento festivo que agregava os diferentes. Porém, foi denominado assim em função do seu formato construído a partir do esforço coletivo de homens e mulheres para reunir condições financeiras para organizar essa manifestação festiva e, por fim, louvar e celebrar seus santos padroeiros.

#### **4.3- A CONTRATAÇÃO DE MÚSICOS: O TEMPO DA FESTA ORGANIZADA PELOS FAZENDEIROS.**

A festa, enquanto um espaço de sociabilidade, de encontros e desencontros, de manutenção de costumes e transmissão de valores, de disputas de poder, ela própria se configura como um símbolo de poder, principalmente para aquele que se torna responsável pela sua organização na condição de tesoureiro, uma vez que ocupar tal lugar na festa pode representar prestígio para aqueles que galgam essa forma de participação e destaque entre os moradores de Aldeia. O poder não se manifesta apenas por meio das instituições jurídicas e políticas, o poder legalmente instituído; mas, também, nas relações sociais, na convivência entre os sujeitos, na manipulação de símbolos como a festa em louvor aos Santos Reis, que ainda hoje é objeto de concorrência entre os principais grupos políticos e as lideranças da localidade para assumir a condição de organizador e usá-la como trampolim político para as eleições municipais.

A proibição pela Igreja Católica dos moradores saírem com Santa Cruz arrecadando donativos e dinheiro para produzir a festa, dificultou, assim, a capacidade de ação e articulação dos moradores de Aldeia. Esse cerceamento da Igreja estimulou a ação dos fazendeiros, como os Senhores Vavá Mascarenhas, Gilberto Dias e Gênis Dias, principal líder político da comunidade até o final da década de 1970, para assumirem a condição de financiadores da festa, agregando novos elementos como a contratação de grupos de fanfarras, como o terno do Bonfim de Feira para tocar durante os seis dias de festa, arrastando multidões pelas estradas de chão em visitas às casas da comunidade.

Sobre a participação de Gênis Dias nesse processo de ressignificação da festa dos Santos Reis em Aldeia, o senhor Jovino Frateles ressalta: “O que ele fazia é que os outros pediam pra fazer a festa e ele podia fazer sem pedir nada a ninguém. Na hora que botava palma e dizia que o tesoureiro era Gênis Dias, pronto! Vinha gente de todo canto pra festa.”<sup>196</sup> Em função do seu poder econômico de proprietário de terras, Gênis Dias dispunha de estrutura financeira capaz de arcar com as despesas provenientes da produção da festa desarticulando, de certa forma, o poder de mobilização e articulação da comunidade em criar estratégias diversas para conseguir organizar os festejos em louvor aos Santos Padroeiros. A participação de fazendeiros como Gênis Dias na organização da festa, é uma forma de demonstração de poder e demarcação de território, deslocando a festa do controle da comunidade para se tornar uma manifestação para a comunidade, ou seja, algo que vem de fora para dentro. Sobre a participação dos músicos que vinha do Bonfim de Feira, o senhor Antonio Rodrigues Cruz lembra que

Vinha o Terno de Bonfim de Feira, aí levava sete dias aqui. Ia buscar de animal porque não havia carro, aí Gênis mandava o povo, ia três, quatro, cinco burros pra trazer os instrumentos, viu? Que era muito, doze homi. Aí ficava cada um, uma pessoa, os fazendeiros cada dava o almoço, não era Gênis somente, os músicos só tocava a molhado, dando comida. Não tinha pensão aqui, eles ficavam no armazém do finado Gênis onde pendurava o fumo, os músicos botava as esteiras, nem colchão tinha, era aquelas esteiras de palha. Aí Gênis dava um lençol para embriuar.<sup>197</sup>

A mudança no formato da festa ocorreu a partir da interferência direta dos fazendeiros que se organizaram para trazer ternos musicais para fazer parte da

---

<sup>196</sup>FRATELES, Jovino. Depoimento gravado em 25 de dezembro de 2005.

<sup>197</sup>CRUZ, Antonio Rodrigues. Depoimento gravado em 08 de outubro de 2006.

celebração festiva; atrações que eram contratadas pelo tesoureiro, na maioria das vezes o senhor Gênis Dias. Ele foi o primeiro tesoureiro que contratou o terno musical do povoado de Bonfim de Feira para dar um novo formato a manifestação festiva em louvor aos três Reis Magos na comunidade rural de Aldeia.

É muito evidente a forma que os fazendeiros interferem na festa, pois além de contratar os músicos, o fazendeiro tinha que dispor de animais, para ir buscá-los juntamente com seus instrumentos musicais (já que esse se constituía no principal meio de locomoção para os moradores da comunidade rural de Aldeia), além de disponibilizar espaço para estadia; mas, como evidencia a narrativa, devido a falta de pensão, os músicos se alojam num armazém de propriedade do senhor Gênis Dias, que era destinado para a secagem da safra de fumo. Também ele chamava para si a responsabilidade de providenciar o almoço, pois eles “só tocavam a molhado”, ou seja, o contratante deveria arcar com as despesas provenientes da alimentação.

Para garantir a alimentação dos músicos durante sua estada na comunidade, foi instituída a seguinte estratégia: dividiam os músicos por grupos, e as pessoas de melhor condição financeira ficavam na incumbência de recebê-los em suas casas para fazer as refeições, um oferecia o café da manhã, outro o almoço, outro o jantar, em cada casa ficava um grupo, a fim de que não ficasse tão dispendioso para o colaborador, bem como para o tesoureiro responsável pela organização da festa. Nesse sentido, em torno da produção da festa vai se tecendo uma teia de relações de ajuda-mútua entre aqueles que dispunha de melhor condição financeira, a fim de atingir um objetivo maior, que é celebrar e festejar os três Reis Magos. Ao mesmo tempo em que analisamos essas práticas, podemos apreender, valores, costumes, crenças, elementos característicos dos modos de viver, pensar e agir desses sujeitos formadores da comunidade de Aldeia e construtores da tradição de louvar os Santos Reis, como sugere Bakhtin:

(...) as imagens da festa popular puderam tornar-se uma arma poderosa na apreensão artística da realidade e puderam servir de base a um realismo verdadeiramente amplo e profundo. Elas ajudam a captar a realidade não de uma maneira naturalista, instantânea,

oca, desprovida de sentido e fragmentaria, mas no seu processo de devir com o sentido e a orientação que ela adquire<sup>198</sup>.

Perceber fragmentos da realidade vivida pelos sujeitos, em uma manifestação de caráter religioso e popular como a festa dos Santos Reis, consiste em analisar como são construídos e evidenciados os lugares sociais, uma vez que, apesar de a festa se constituir num de espaço de sociabilidade, é também um espaço de reafirmação das diferenças e demarcação de território entre aqueles que dela participam com olhares e interesses diversos.

Quanto a Gênis Dias, na posição de tesoureiro da festa, suas ações não se resumiam apenas à contratação dos ternos musicais e da produção da festa em si; era um momento também de ampliar suas relações com a comunidade, uma vez que, dentre outras ações, doava tecido para as mulheres de pouca renda confeccionarem roupas para desfilarem nas lavagens com bandeiras nas mãos louvando os Santos Reis, momento que se constituía no ápice da festa profana. O senhor Balbino Gonçalves lembra que

Tinha as mulheres que dançavam na lavagem, tudo ele dava, roupa, quatro metros de pano, era aquele chitão, fazia aquela saiona pra dançar na lavagem, bandeira, dava roupa pra todo mundo, não deixava ninguém nu, as que não podia comprar.<sup>199</sup>

As práticas ensejadas pelo senhor Gênis Dias, como ficam evidenciadas na narrativa do senhor Balbino Gonçalves, constituíam-se no elo articulador das relações sociais, política, de trabalho, de compadrio, de sociabilidade entre ele e a comunidade rural de Aldeia. Porém, não com a intenção única de se projetar politicamente como um líder local e demonstrar seu poder econômico de proprietário de terra, mas também como uma figura importante para alimentar a tradição de festejar os Santos Reis entre os dias primeiro e seis de janeiro.

---

<sup>198</sup>BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. Editora da Universidade de Brasília. São Paulo Hucitec, 1993.

<sup>199</sup>GONÇALVES, Balbino. Depoimento em 02 de janeiro de 2005.

Cada sociedade constrói sua ética e sua moral para cada momento histórico. Da mesma forma, as manifestações festivas criam suas características em função dos sujeitos que a produzem em um dado momento. Neste sentido, a festa dos Santos Reis de Aldeia, a partir da ingerência dos fazendeiros, como o senhor Gênis Dias, na sua produção, deixa de ser caracterizada como festa de “pobre”, visto que outros elementos passaram a integrar a celebração festiva, a exemplo do terno musical do Bonfim de Feira, dando uma nova roupagem para além do bumba-meu-boi e das burrinhas de beira mar que até então simbolizavam os elementos garantidores da diversão de centenas de pessoas da comunidade de Aldeia, das comunidades vizinhas e visitantes de outros municípios. Esse formato da festa a partir da introdução do terno musical do Bonfim de Feira está registrado na fotografia abaixo:



Fotografia<sup>200</sup> cedida pela senhora Terezinha Dias - Álbum da Família.

Podemos depreender dessa memória fotográfica alguns elementos: no primeiro plano, percebe-se um senhor bem trajado com um par de sapatos na mão, evidenciando que, em função do trajeto percorrido pelo grupo, constituiu-se num

---

<sup>200</sup>A senhora Terezinha Dias, não soube precisar a data desta fotografia, tampouco reconheceu as pessoas ali fotografadas, porém, afirma ser uma lavagem dançante em visita as casas da comunidade.

alívio para os pés seguir descalços aproveitando melhor esse momento festivo. Ao fundo, percebe-se a presença de músicos com instrumentos de sopro seguidos por uma multidão no meio da qual sobressai uma bandeira que era confeccionada para celebrar os Santos Reis. Do lado esquerdo, um aglomerado de pessoas em frente a uma casa assistindo ao evento. Com o entrelaçamento desses três elementos presentes na fotografia podemos concluir que se trata de uma das lavagens organizadas em louvor aos Santos Reis. Esse momento era marcado pelo ritmo frenético do terno musical do Bonfim de Feira que após percorrer determinado trajeto visitando as casas da comunidade, com as pessoas dançando, cantando, enfim, se divertindo, encerrava-se a lavagem em frente à igreja para, em seguida, iniciar o ritual sacro com a celebração da novena.

#### **4.4- DAS LAVAGENS AO TRIO ELÉTRICO: O TEMPO DA FESTA ORGANIZADA PELO PODER PÚBLICO MUNICIPAL.**

Até o final da década de 1980, as comemorações festivas em louvar aos Santos Reis, padroeiros da comunidade rural de Aldeia, aconteciam por meio de lavagens dançantes, da presença do bumba-meu-boi, das burrinhas de beira mar e, posteriormente, com a participação do terno musical que vinha do Bonfim de Feira. Até esse período, ocorria todo um processo de mobilização dos moradores que se uniam para articular a organização da festa, característica construída historicamente a partir do empenho e dedicação dos moradores de Aldeia, onde cada um com sua especificidade tinham sua parcela de colaboração. Aldeia, até 1985, não dispunha de luz elétrica, a iluminação utilizada tanto nas residências como para iluminar o espaço público nos dias de festa, era resultado das estratégias criativas dos moradores, como fica evidenciado na narrativa do senhor Antonio da Cruz.

Não tinha energia, a energia o que fazia era o bambu cortado de um lado e do outro, naquele gomo, furava e enchia de querosene e botava um pavio e ficava acesso, juntava aqueles fochos de fogo acesso e iluminava quase a praça toda, quase como energia, mas não era como energia porque uma lâmpada iluminava mais que dez candeieiros.<sup>201</sup>

Essa estratégia de iluminação para a festa e para os moradores de Aldeia teve importância extraordinária, já que, até então, se constitui num elemento

---

<sup>201</sup>CRUZ, Antonio Rodrigues da. Depoimento gravado em 23 de outubro de 2006.

primordial para que ocorresse a realização da festa e, por conseguinte, a garantia da diversão de centenas de pessoas, homens, mulheres, jovens e crianças que encontravam nessa celebração festiva um momento de extravasar, de vestir a melhor roupa, de festar com os vizinhos, reencontrar amigos e relembrar “causos”, enfim, a festa se constitui nesse espaço de sociabilidade e de integração.

Em 1985, foi implantada a energia elétrica na comunidade de Aldeia, uma ação do poder público municipal que beneficiou várias famílias. No ano seguinte, 1986, foi levado pela primeira vez o trio elétrico para a festa dos Santos Reis, também uma iniciativa do poder público municipal que parece ter uma presença mais ativa e constante na comunidade de Aldeia e na organização e produção da festa, reduzindo, de certa forma, a capacidade de articulação dos moradores para tal fim. Esses dois elementos, o trio elétrico e a energia elétrica, mudaram respectivamente o formato da festa, que passou a concentrar os frequentadores na praça, e o cotidiano dos moradores da comunidade como a utilização de eletrodomésticos, que mudando inclusive a dinâmica alimentar, como lembra o senhor Manoel Moutinho:

A energia chegou aqui tem uns vinte e poucos anos, foi uma coisa muito boa. A gente gastava muito comprando gás e com a energia melhorou tudo. A gente pode comprar uma geladeira, pois antes a gente só comia carne seca, comprava aquela carne botava sal e bota pra secar, ou então comprava e comia logo. É com a geladeira não, conserva os alimentos, a gente compra o que quiser e come na hora que quiser. A roupa também, que antes era a roupa engomada, aquele ferro de brasa que quando soprava caía uma faísca e a gente perdia a roupa. A energia mudou tudo.<sup>202</sup>

De acordo com as memórias do senhor Manoel a concessão do serviço de energia elétrica significou a possibilidade de fazer economia, já que o gasto era alto na compra do querosene usado nos candeeiros para iluminar sua residência. Além disso, a aquisição de eletrodomésticos como a geladeira e o ferro elétrico, contribuiu para modificar antigas práticas como evidencia a narrativa.

Outra mudança instituída pela energia elétrica na comunidade de Aldeia se fez presente no formato da festa dos Santos Reis, pois possibilitou maior iluminação na praça, substituindo as antigas lamparinas movidas a querosene por lâmpadas incandescentes que tinha um poder muito maior de iluminação, reunindo, assim,

---

<sup>202</sup>MOUTINHO, Manoel Alves. Depoimento gravado em 25 de dezembro de 2005.

condições para a introdução do trio elétrico na festa, elemento que modificou algumas características, como a supressão das lavagens já que o trio elétrico não dispunha de condições para adentrar os lugares mais recônditos da comunidade em visita às residências, como ocorria com o terno musical do Bonfim de Feira.

A chegada da energia elétrica na comunidade de Aldeia, bem como a introdução do trio elétrico nos festejos em louvor aos Santos Reis, representou outra forma de organizar a festa profana sob o controle político de novos sujeitos que não pertenciam às relações internas da comunidade. A introdução dessas novidades atreladas ao poder público deu uma nova dimensão na forma de festejar os padroeiros da comunidade; sob a égide do governo municipal, na organização dos festejos aos poucos foi sendo desarticulada a capacidade de organização da comunidade enquanto responsável em prover os recursos para custear as comemorações. Nesse sentido, a organização do evento deixa de ser um legado da comunidade para ser uma festa de fora para dentro, concedida para a comunidade ficando seus moradores apenas como consumidores

A presença do trio elétrico na festa contribuiu para que aos poucos elementos importantes da tradição fossem desaparecendo, como o bumba-meu-boi, a burrinha de beira mar e, principalmente, o famoso Terno do Bonfim de Feira, lembrado ainda hoje com muita emoção e saudade pelos depoentes, o que pode se depreender que esses símbolos da tradição festiva de Aldeia não foram adaptados ao novo contexto vivido pela comunidade onde os olhares e interesses são outros, em função de uma política instituída pelo poder público a partir dos anos oitenta de controle e financiamento dos Santos Reis.

Segundo Hobsbawm, “pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas por que eles deliberadamente não são usados, nem adaptados.”<sup>203</sup> Porém, esse processo de construção de novos significados pelo qual a tradição de louvar aos Santos Reis na comunidade de Aldeia vem passando ao longo da história, tem provocado resistências de alguns moradores e participantes sobre as novas formas de organização e participação na festa, como lembra o senhor José Conceição de

---

<sup>203</sup>HOBSBAWN & TERENCE. Op. cit. p. 16.

Santana, músico que por muito tempo foi requisitado para tocar nas celebrações festivas em homenagem aos padroeiros de Aldeia:

A festa de Santos Reis antigamente era mais animada, porque tinha banda de músicos do Bonfim de Feira, e tocava durante os seis dias de festa. Festa de manhã era a sala das moças, lavagem de tarde, de porta em porta, todo mundo comendo e bebendo, naquela folia, aquela animação. Mas hoje não, hoje apareceu banda, só tem alguma coisa mesmo no dia seis, durante os seis dias não tem nada não, só novena, novena, novena, pra mim a festa tá quase acabada, porque antigamente era festa, rapaz! Não era essa de hoje, não, era festa mesmo.<sup>204</sup>

As lembranças do senhor José Conceição Santana sobre a festa, construídas em função do seu lugar social de músico, evidencia certo incômodo e tristeza com o aparecimento das bandas para tocar na festa, uma vez que essas bandas vão ocupar o lugar desses tocadores, não tendo mais espaço para se apresentar nos festejos dos Santos Reis. Isso implica pensar que a resistência ao novo formato da festa não está associado simplesmente às transformações que ela tem incorporado, mas, sim, uma reivindicação do seu lugar na festa que lhe foi tomado. Daí, o seu desencanto, ao afirmar que essa manifestação festiva acabou.

Por que para o senhor José Conceição Santana antigamente era festa mesmo e hoje não é mais, se ela continua sendo organizada a cada dia primeiro de janeiro? Os elementos constituidores de uma manifestação festiva não se congelam no tempo para transpor gerações inteiras, talvez, por isso, o depoente não se perceba nessa nova dinâmica da festa marcada pelo trio elétrico e pelo controle do poder público sobre ela. Esse olhar do senhor José Conceição, marcado pela emoção de não mais ser parte integrante da festa nos moldes de outrora, talvez não considere a necessidade de reinvenção das tradições para se adaptar a novos contextos. Rememorar não significa viver novamente o fato ocorrido, e, sim, fazer uma nova interpretação, uma releitura a partir do presente como propõe Célia Lucena de Toledo:

Lembrar é muito mais atividade do presente do que deslocar para o presente fatos já vividos. Rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado, mas sim a releitura do sujeito que a produz,

---

<sup>204</sup>SANTANA, José Conceição. Depoimento gravado em 08 de setembro de 2006.

numa sociedade que se diferencia daquela à qual se refere a lembrança.<sup>205</sup>

O passado não é vivido novamente no presente de forma estática, ele tem continuidade, porém, de forma reinventada, por isso, pensar as festas populares em um tempo longo, é necessário focar o olhar nas transformações, nas mudanças, procurando entender o porquê da mudança ao invés de buscar as práticas ossificadas pelo tempo. Ao ancorarmos a análise da festa em função dos sujeitos, fica evidente que quando eles mudam, transformam-se as produções resultantes de suas ações na sociedade sejam elas simbólicas, culturais ou materiais, fato que é evidenciado na festa de Santos Reis de Aldeia dentro da temporalidade em estudo.

Esse processo de reinvenção da festa dos Santos Reis e sua apropriação pelo poder público municipal está associado à presença do trio elétrico nos festejos a partir de 1986, durante a administração do prefeito José Souza de Santana que inicia, de certa forma, esse novo modelo de fazer a festa. A festa, enquanto um símbolo de poder passa a ser utilizada de forma mais incisiva como um trampolim para o sucesso nas eleições locais. Nesse sentido, José Souza de Santana, que foi prefeito do Município de Governador Mangabeira por dois mandatos, sendo o primeiro entre os anos de 1982 a 1988 e o segundo, de 1993 a 1997, em entrevista realizada em sua residência, relembra a sua participação na organização e produção da festa dos Santos Reis.

Bem! Acho que até cometi alguns equívocos, talvez hoje não fizesse isso com a visão que eu tenho. Levar um trio elétrico para Aldeia, eu acho um absurdo. Eu cheguei a levar mais de uma vez. A primeira vez que lavamos foi em 1986. Hoje eu vejo que Aldeia tá precisando de outra coisa, do bumba-meu-boi, da mulinha, tá precisando do baile. Eu acho que a festa enfraqueceu porque deixou a prefeitura tomar conta. Isso é um absurdo. Porque a festa deve ser do povo, o poder público deve apoiar. Agora, quando o poder público influencia na programação, tá prejudicando a festa, tá prejudicando a tradição da festa. É preciso deixar de ser um palco político, para ser um palco do povo, porque o povo perde o seu espaço. Mas quando a prefeitura passa a comandar a festa, o interesse é de qual prefeito faria a festa melhor, até para se sobressair politicamente. Eu acho que quem acabou com a tradição foi esse envolvimento da prefeitura, desde quando a prefeitura assumiu, tirou o povo de cena.<sup>206</sup>

---

<sup>205</sup>LUCENA, Célia Toledo. Memórias de Famílias Migrantes: Imagens do Lugar de Origem. In. Projeto História, São Paulo, n. 17. Novembro de 1998. p. 379.

<sup>206</sup>SANTANA, José de Souza. Entrevista realizada em 28 de dezembro de 2009.

As memórias são elaboradas também em função do lugar social que estamos inseridos no tempo presente. Essa constatação é evidenciada na narrativa do ex-prefeito José de Souza Santana ao lembrar sua participação na festa dos Santos Reis. Segundo Alistair Thomson,<sup>207</sup> “nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal”. Nesse sentido, levar o trio elétrico para louvar os Santos Reis na condição de prefeito não representava nenhum problema, porém, ao analisar o mesmo fato na condição de cidadão comum, ele conclui que a festa precisa reviver os elementos tradicionais como o bumba-meu-boi, os bailes, deixando de ser um palco de disputas políticas para ser o palco do povo.

Outro elemento evidenciado nas lembranças do senhor José Santana é o fato de, na atualidade, apresentar o poder público municipal como um mal que solapa as tradições, haja vista que retira de cena os maiores interessados na produção da festa, os moradores de Aldeia. Mas, a questão que parece contribuir para essa interpretação, está associada à disputa de poder, já que a festa é um símbolo de poder, que dá visibilidade a quem está organizando, por isso, “quando a prefeitura passa a comandar a festa o interesse é de qual prefeito faria a festa melhor, até para se sobressair politicamente”, ou seja, cada prefeito procura se destacar politicamente, fazendo maiores investimentos na festa, dotando-a de uma estrutura que se tornou inviável para a comunidade assumir tal responsabilidade. Mas, vale ressaltar que o processo de transformação das tradições festivas ocorre independente da interferência do poder público.

Nesse sentido, os elementos modernos, como o trio elétrico, as bandas musicais que substituíram as fanfarras, são introduzidos na festa não com o intuito de solapar as tradições, mas, sim, interagir com as práticas e elementos tradicionais construindo dessa maneira, novos significados, atrelados a uma nova forma de organização.

A festa se constitui num ritual que emerge das relações materiais e simbólicas de seus produtores e, por conseguinte, se torna um mecanismo excepcional para compreensão do cotidiano, da religiosidade, dos costumes, das crenças, das suas formas de viver em sociedade. Porém, quando a festa passa a ser produzida para o

---

<sup>207</sup> THOMSON. Op.cit. p. 57

povo, parece que ela perde esse poder revelador dos modos de viver dos sujeitos, pelo fato de ser uma coisa de fora para dentro. Na narrativa acima, esse fato é evidenciado como o elemento precursor do enfraquecimento da festa, ou seja, ele perdeu o brilho de quando era feito pelo povo em que o objetivo maior era celebrar e festejar os dias dedicados aos santos padroeiros da comunidade rural de Aldeia, e agora, passou a ser consumida pelo povo.

Para avaliar a presença do trio elétrico e a interferência do poder público na organização da festa, visto como os responsáveis pelo enfraquecimento da tradição, recorreremos às memórias do senhor José Conceição Santana:

Pra mim, eu só acho que foi depois que entrou o trio, porque agora só tem festa no dia seis e antes a festa era todos os dias, começava no dia primeiro e ia até o dia seis. Depois do trio elétrico foi acabando, o negócio, em vez de melhorar, ficou pior. Eu considero que o trio é bom, mas é só um dia e a gente tava acostumado com seis dias de festa, brincar, dançar. Mudou a tradição. Porque o prefeito dava uma banda e aí pronto, o povo não queria fazer mais nada, não quer procurar mais uma banda de sopro. Quando o pessoal fazia a festa lá dentro mesmo, catava dinheiro, fazia leilão, todo mundo arrumava a festa, tinha a festa, depois o prefeito passou a botar, aí todo mundo se escorou porque o prefeito tava dando o trio e fazia tudo num dia só e aí acabou. A lavagem corria vários lugares, a Barroada (comunidade vizinha) e o trio não vai.<sup>208</sup>

Mais uma vez as lembranças do músico José Conceição Santana associam o enfraquecimento da festa à nova forma de produzi-la em função da introdução do trio elétrico e do controle da administração municipal. De fato, a presença do trio concentra os participantes na praça, modificando toda a dinâmica da festa, uma vez que seus frequentadores estavam acostumados com o terno do Bonfim de Feira que arrastava uma multidão brincando, dançando em visitas às casas da comunidade, com fartura de comida e bebidas, levando aos donos da casa a mensagem dos Reis Magos, alimentado assim a tradição nesse espaço de sociabilidade, de solidariedade, e reforçando os laços de amizade entre moradores de Aldeia. Então, a festa tinha uma forma peculiar de ser praticada e a introdução do trio elétrico quebra essa tradição porque com ele não há condições para fazer o percurso realizado pelas lavagens, como ocorria antes ao som das fanfarras que animavam centenas de pessoas.

---

<sup>208</sup>SANTANA, José Conceição de. Depoimento gravado em 8 de setembro de 2006.

A presença do trio elétrico parece ter crido uma lacuna significativa entre as lembranças do senhor José Conceição Santana e o novo formato da festa, pois ele já estava acostumado em se sentir parte dela, envolvido com os elementos como a burrinha de beira mar, o bumba-meu-boi, o terno musical do Bonfim de Feira, com as lavagens e quando essas referências desapareceram da festa muitos depoentes lamentam, não compreendendo o processo de resignificação que as tradições trazem no seu próprio núcleo. Porém, a resistência às transformações na festa dos Santos Reis, talvez, esteja associada ao fato desse processo ter ocorrido sem a participação, sem o envolvimento dos moradores de Aldeia, portanto, não se constituiu em uma transformação que teve início na comunidade, mas foi um movimento de fora para dentro.

As memórias do senhor José Conceição Santana enfatizam ainda, a importância da ação coletiva da comunidade na produção da festa, momento em que cada morador colaborava de uma forma, organizava o leilão para arrecadar recursos, mas, com interferência do poder público, essa capacidade de articulação foi se perdendo, ficando a comunidade na dependência das autoridades políticas para fazer a festa. Mas, segundo José Jorge de Carvalho, “[...] não é possível compreender a tradição sem compreender a inovação”<sup>209</sup>, até porque a tradição não se concentra nos objetos e sim nos sujeitos que lhe dão vida, sentido, significados e, portanto, criam-na e recriam-na para incorporar elementos modernos como no caso em estudo o trio e a energia elétrica. Esse apego ao formato ao invés dos processos constitutivos das tradições, principalmente no que se refere às manifestações festivas como a dos Santos Reis, fica evidenciado na narrativa do senhor Antonio da Cruz:

É! Era grandiosa mesmo. Pergunte a esse pessoal mais velho pra você saber o que era a festa de Aldeia. **Era atrasado o lugar, mas foi festa.** Era uma festa, rapaz! **Não essa de hoje não, era festa mesmo!** Esse ano mesmo teve a festa, nunca foi igual a antigamente, já tinha o próprio tocador de foguetes, hoje tudo é diferente, **antes era o foguete de flecha, hoje é de caixa né.**<sup>210</sup>  
(grifo nosso)

Se rememorar não significa viver o passado novamente no presente, pode-se até trazer para a festividade alguns elementos de outrora como propõe a narrativa

---

<sup>209</sup>CARVALHO, José Jorge. Apud Canclini p. 219.

<sup>210</sup>CRUZ, Antônio Rodrigues da. Entrevista em 08 de outubro de 2006.

acima, mas o cenário, os sujeitos, a mentalidade, enfim, os interesses são outros. E interessante observar na narrativa como o depoente revela um olhar preso ao formato da festa, por que antes “era festa mesmo, não é essa de hoje não,” ressignificada contendo elementos que destoam da representação que o senhor Antonio da Cruz construiu sobre a festa dos Santos Reis ao longo de sua participação, forjando, assim, uma relação de identidade com aquele formato da festividade.

As memórias do senhor Antonio da Cruz enfatizam ainda, como esses elementos modernos se fez presente no interior da festa, por que “antes o foguete era de flecha, hoje é de caixa”, ou seja, é diferente pelo fato de antes ter uma pessoa dedicada para tocar os foguetes que tinham características já peculiares para aquelas pessoas; e o foguete de caixa se constituiu em um elemento novo onde a referência do tocador, previamente estabelecida deixou de existir, talvez pelo fato desse novo modelo não representar tanto perigo para o tocador e para os participantes do festejo como era o foguete de flecha.

Ao discutir os elementos modernos nas manifestações festivas, a exemplo dos descritos na festa dos Santos Reis em Aldeia, Martha Abreu ressalta que

O desenvolvimento moderno não teria suprimido as culturas populares. As culturas tradicionais desenvolveram-se e também transformaram-se por vários motivos. Podem não ter sido inteiramente incorporadas à ação do estado ou integraram-se parcialmente nos circuitos comerciais do artesanato, da festa, da música e do turismo. Por razões culturais e também econômicas, percebe-se a continuidade da produção cultural dos setores populares. O importante, então, diferentemente da perspectiva do folclorista, não seria buscar o que não muda; mas por que muda, como muda e interage com a modernidade.<sup>211</sup>

O historiador, ao contrário dos folcloristas, dirige o olhar para o processo, para as mudanças, na interação do novo com o velho, do moderno com o tradicional, imbricamento que não representa uma ameaça para as manifestações festivas, apenas possibilita que a criatividade humana construa novos significados para as velhas práticas, como propõe Pessoa.

A festa é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e compreender a vida que nos envolve esta em perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo.

---

<sup>211</sup>ABREU, Op. cit. P.93.

Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias.<sup>212</sup>

Nesse sentido, a festa dos Santos Reis de Aldeia precisa ser compreendida a partir desse movimento de transformação, tendo em vista que as manifestações festivas não podem ter as mesmas características dos seus primeiros organizadores, porque tradição não significa resistência ao novo, mas justamente a sua flexibilidade e capacidade de agregar novos elementos, ressignificando-os com velhas formas, sem perder de vista sua essência, que, no caso em estudo, consiste justamente em agregar pessoas nesse espaço de sociabilidade, onde possam manifestar suas práticas devocionais e festejar os santos padroeiros da comunidade rural de Aldeia. A necessidade dessa interação entre o novo e o velho fica evidenciada na narrativa do senhor Adilson Araújo, que foi o tesoureiro da festa no ano de 2010.

Eu acho assim: Hoje a coisa tá mudado, tá evoluído. Não é a gente que quer assim, hoje os jovens querem essas bandas aí as lavagens eram no tempo dos nossos pais. Hoje os jovens tá querendo ver é trio elétrico e banda, pagode, arrocha, hoje é muito evoluído.

Conforme um provérbio árabe, citado por Jacques Le Goff,<sup>213</sup> “os homens se parecem mais com seu tempo do que com seus pais”. Esse provérbio, remete à narrativa acima, principalmente no que se refere a forma de pensar e compreender a importância da dinâmica que envolve a convivência dos homens em sociedade, pois as mudanças ou permanências não estão associadas à vontade de uma pessoa, mas, sim, a todo um contexto que envolve os sujeitos que pensam, produzem e consomem a festa a partir dessa nova temporalidade e, portanto, com características próprias desse momento.

Essas mudanças são mencionadas com certa insatisfação pelo senhor Jovino Frateles: “mudou tudo, de fora a fora. Há uns trinta anos atrás, os músicos vinha era de Bonfim, vinha dez, doze, e hoje muito mau tem um, dois”.<sup>214</sup> Essas transformações fazem parte do processo histórico de construção e reconstrução das tradições festivas, representativas de um lugar e de um povo, a exemplo da festa dos Santos Reis na comunidade rural de Aldeia. Porém, as memórias do senhor Jovino Frateles se referem a um período da festa com o qual ele construiu uma teia

---

<sup>212</sup>PESSOA, Jadir de M. Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCH/Kelps, 2005. p. 39

<sup>213</sup>LE GOFF, Jacques. História Nova. Martins Fontes. Tradução, Eduardo Brandão. 2ª Ed. São Paulo, 1993. p. 34.

<sup>214</sup>FRATELES, Jovino. Depoimento em 25 de dezembro de 2005.

de significados, de relações culturais, simbólicas, enfim, vínculos marcados pela subjetividade que foram sendo desfeitos com esse processo de mudança pelo qual a festa vem passando, onde os lugares sociais também foram relocados e transformados. Nesse sentido, Michel Vovelle ressalta que,

Assim como não há uma história imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa na longa duração, assim como a podemos analisar através dos séculos não é uma estrutura fixa, mas um continuum de mutações, de transições, de inclusões com uma das mãos e afastamento com a outra.<sup>215</sup>

É nesse processo dinâmico de excluir e agregar novos elementos, de mudanças e permanências que compreendemos as transformações que ocorrem na festa em louvor aos Santos Reis, padroeiros da comunidade rural de Aldeia, construindo, assim, novos sentidos e significados por novos sujeitos, pois se trata de uma festividade que é móvel, que celebra a diversidade e, portanto, traz no seu bojo as contradições que alimentam as mudanças que geralmente ocorrem em um tempo longo. Por isso, este capítulo se ateve em discutir três temporalidades da festa para entendermos como ocorreu o processo de reinvenção e apropriação dela pelo poder público local, dotando-a com um novo formato no qual os moradores de Aldeia têm deslocados seus papéis de atores para consumidores da festa.

---

<sup>215</sup>VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 251.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A festa, que por muito tempo foi objeto de estudo exclusivo dos folcloristas, comumente era analisada apenas de forma simplificada como um meio de diversão para os moradores de um determinado lugar, ou mesmo como sobrevivência das tradições com suas práticas ossificadas no tempo. Entretanto, a Festa dos Santos Reis que acontece na comunidade rural de Aldeia, manifestação religiosa e festiva que é celebrada entre os dias primeiro e seis de janeiro, se revelou como uma riquíssima expressão cultural e religiosa dos moradores dessa comunidade, capaz de expressar características do seu dia-a-dia.

Depois de investigar registros escritos, narrativas de memorialistas e organizar depoimentos como fontes orais, pudemos identificar evidências e elaborar problematizações sobre as características dos sujeitos que constitui a comunidade de Aldeia, as experiências individuais e coletivas, as crenças, costumes, valores morais, ações de solidariedade, concepção de mundo, enfim, um conjunto de práticas e ações construídas historicamente que fazem parte dos modos de viver destes sujeitos que foram evidenciadas com o estudo da festa em louvor aos Santos Reis.

Nesse sentido, o estudo da festa nos possibilitou alargar nossa lente de análise para além dos festejos em si, permitindo perceber as relações sociais, política, de trabalho e de poder, construídas historicamente entre os moradores de Aldeia, já que a festa é uma forma de expressão daquela sociedade, sendo possível, surpreender relações e tensões no processo de organização em um determinado tempo. Assim, a festa dos Santos Reis de Aldeia como um espaço de sociabilidade que congrega e reúne pessoas de segmentos sociais diferentes, com olhares e interesses múltiplos, nos permitiu interpretá-la como uma celebração heterogênea, marcada pela relação entre o rezar e o festar, o encontro de diferentes grupos com suas individualidades, onde as contradições e as tensões de diversas matizes são evidenciadas durante os dias que acontecem os festejos.

Mesmo a festa sendo uma produção do dia-a-dia dos moradores de Aldeia, ela simboliza um momento que interrompe esse cotidiano, a sequência diária para viver um momento que se apresenta de maneira diferenciada, já que é muito fatigante passar o ano inteiro só trabalhando. Por isso, é preciso quebrar a rotina

ordenada e viver o seu inverso. Acreditamos que a festa é uma manifestação presente em todas as sociedades, justamente pela sua capacidade de subverter o cotidiano. Mas, esse intervalo provocado pela festa, é dotado de vários sentidos e significados entre os moradores de Aldeia, como, por exemplo, reforçar as práticas devocionais, agradecer pelas graças alcançadas, celebrar um ano de fatura com a produção agrícola e, principalmente, a diversão, a fim de recarregar as energias para recomeçar as atividades do cotidiano ordenado com suas regras já estabelecidas.

É interessante ressaltar que em cada lugar no qual se festeja os Santos Reis, essa manifestação festiva e religiosa tem características próprias, pois toda festa é sempre única, mesmo envolvida com as mesmas práticas, cada uma traz em si as marcas da individualidade dos sujeitos que a produzem e daqueles que a consomem. Portanto, nesta pesquisa, sem descuidar das relações e tensões com os poderes instituídos no município e estado, e estabelecer nexos e vínculos com os contextos históricos, perscrutamos o específico, o singular na festa de Aldeia que não é organizada a partir de um terno que pertence a uma pessoa, mas, sim, por meio do ritual de transmissão da bandeira da festa para um novo organizador a cada ano. Além disso, apesar dos Santos Reis não serem reconhecidos pela Igreja Católica como Santos, eles são os padroeiros da comunidade.

A partir da análise das narrativas dos moradores de Aldeia, pudemos compreender e problematizar a festa em louvor aos Santos Reis a partir de três temporalidades, cada uma com suas especificidades. Uma observação cuidadosa sobre essas temporalidades nos permitiu analisar a festa como uma tradição que incorpora um movimento dinâmico, que apresenta inovações, reinventa as práticas, agregando-lhes novos elementos.

No sentido do movimento temporal a festa é sempre uma produção do presente, com significados atribuídos por aqueles que a “produzem” enquanto organizadores, como também por seus “consumidores” - os freqüentadores. Assim, ao partilhar das memórias dos entrevistados a partir de suas narrativas sobre suas experiências vividas na festa dos Santos Reis, para além de buscar comprovar a “veracidade” do que ocorreu, buscamos localizar o sujeito, situando seu lugar na comunidade, o contexto histórico no qual estava inserido e, principalmente, nos

esforçamos para buscar entender os sentidos e significados da festa para esses sujeitos, entendendo-os como agentes históricos, construtores e transformadores da realidade em seu entorno, com seus costumes, suas crenças e tradições constitutivas do viver em sociedade, das relações socioculturais elaboradas em suas práticas cotidianas.

Apesar de no corpo do texto ser recorrente a referência ao senhor Gênis Dias, de termos abordado sua relação e participação na produção da festa em homenagem aos Santos Reis, bem como suas inter-relações com os moradores de Aldeia, com quem construiu experiências múltiplas, não se constitui em objetivo desta pesquisa fazer sua história de vida. Mas, sim, perceber as diversas formas de manifestação do seu poder na comunidade, principalmente através da manipulação de símbolos de poder como a organização da festa dos Santos Reis.

Ao selecionar e organizar a documentação, realizar entrevista oral com velhos moradores, sistematizá-las e submeter memórias orais e escritas a questionamentos sobre uma comunidade rural de Governador Mangabeira para compreender e interpretar como moradores, devotos e fiéis de Aldeia entre 1970 e 2000 incorporaram e produziram significados sobre os “Santos Reis”, disputando lugar na festa, e articulando várias formas de poder, através das memórias; aparece a desconfiança que a trajetória dessa pesquisa poderia ganhar dimensões mais amplas. Assim, creio que essa pesquisa deixou de fora outros elementos da relação dos fiéis com a festa a exemplo do culto doméstico aos Reis Magos, a relação da religiosidade afro-brasileira com a festa dos Reis, casais que se conheceram, construíram família e se mantêm juntos, mas devido aos prazos estipulados para a conclusão do curso não foram privilegiado neste estudo.

Portanto, discutir a festa dos Santos Reis na comunidade de Aldeia significou trazer para o debate historiográfico a importância da história regional e local, bem como a possibilidade dessa vertente da história desenvolver seus métodos investigativos, utilizando-se dos mais diversificados tipos de fontes. Assim, a partir de nossas interpretações, apontamos alguns caminhos para a compreensão dessa manifestação festiva e religiosa que acontece entre os dias primeiro e seis de janeiro na comunidade rural de Aldeia, bem como características dos modos de viver dos sujeitos que nela habitam. Esperamos que esta pesquisa sirva para provocar discussões e interesses em outros pesquisadores que por meio do estudo das

festas populares possam dar conta das experiências individuais e coletivas de sujeitos como as registradas nos festejos em louvor aos Santos Reis, padroeiros da comunidade rural de Aldeia.

# **FONTES**

## **FONTES IMPRESSAS**

MORAIS FILHO, Melo. Festas e Tradições Populares no Brasil.

CASTRO, Anfilóbio de. História de Muritiba. Salvador. Tipografia da Bahia.

MOTA JUNIOR, Antonio Pereira da. Chacina que deu nome a Localidade de Governador Mangabeira. Governador Mangabeira. 1962;

FONSECA, Angelita Gesteira. Primórdios e Progresso da Cidade de Governador Mangabeira. Primeira edição, 2000.

## **DOCUMENTÁRIO**

Bumba-Meu-Boi – Bahia Singular e Plural. Realização TVE Bahia. Projeto e coordenação Paolo Marconi; pesquisa, roteiro e edição: Josias Pires. Produção: Ednilson Motta.

As Burrinhas da Bahia - Bahia Singular e Plural. Realização TVE Bahia. Projeto e coordenação Paolo Marconi; pesquisa, roteiro e edição: Josias Pires. Produção: Ednilson Motta.

## **ARQUIVOS**

### **Arquivo Público do Estado da Bahia.**

Diário Oficial do Estado de 15 de março de 1962.

### **Arquivo Público de São Félix.**

Enciclopédia dos Municípios da Bahia-1958; Arquivo Público de São Félix; estante nº 40. Código 728.

Jornal a Defesa, nº 10- 1930; p. 2. Estante 40.

Jornal Correio de São Félix. Nº 1321, p. 5 de 04 de fevereiro de 1961- estante nº 50.

Livro de atas das sessões da Câmara de Vereadores de Muritiba. Secretária da Câmara de Vereadores de Muritiba.

## **ORAIS**

**1- CRUZ**, Antonio Rodrigues da. 80 anos, trabalhador rural, que por muito tempo participou e colaborou com a festa dos Santos Reis, reside na comunidade de Barroada, nos recebeu em sua casa onde concedeu essa entrevista em 08 de outubro de 2006.duração, 75 minutos.

**2-GÁLIO**, Angelita Ribeiro. 82 anos, aposentada, residente na cidade de Muritiba, nos recebeu em sua para onde concedeu essa entrevista em 18 de dezembro de 2009. Duração,108 minutos.

**3-GONÇALVES**, Balbino. 76 anos, trabalhador rural aposentado foi rendeiro do senhor Genis Dias, era o responsável em confeccionar o bumba-meu-boi e guiá-lo nos festejos. Reside na comunidade de Aldeia, nos recebeu em sua casa onde concedeu essas entrevistas em 02 de janeiro de 2005, duração, 130 minutos; entrevista em 04 de outubro de 2009, duração, 19 minutos; entrevista em 29 de dezembro de 2009, duração 32 minutos; entrevista em 22 de dezembro de 2010, duração, 45 minutos.

**4-ADORNO**, Eunice Leite. 70 anos, trabalhadora rural aposentada, líder católica, faz parte da comissão religiosa da festa dos Santos Reis, residente na comunidade de Aldeia, nos recebeu em sua casa onde concedeu essa entrevista em 23de setembro 2006, duração. 60 minutos

**5-FRATELES**, Jovino. 105, trabalhador rural aposentado, foi rendeiro do senhor Genis Dias. Reside na comunidade de Queimadas, nos recebeu em sua casa onde concedeu essas entrevistas em 25 de dezembro de 2005, duração, 95 minutos; entrevista em 03 de outubro de 2009, duração, 60 minutos; entrevista em 28 de dezembro de 2010, duração 35 minutos; entrevista em 3 de janeiro de 2011, duração, 75 minutos.

**6-MOUTINHO**, Manoel Alves. 85 anos, trabalhador rural aposentado, reside na comunidade de Aldeia, é proprietário de uma venda, uma das mais antigas da comunidade, nos recebeu em sua venda onde concedeu essas entrevistas em

alguns momentos com a colaboração de freqüentadores em 25 de dezembro de 2005, 75 minutos; em 02 de janeiro de 2009; em 26 de dezembro de 2010.

**7-SOUZA**, Marivanda Nascimento Souza, 55 anos, reside na comunidade de Aldeia, liderança religiosa, faz parte da comissão organizadora da festa; ministra de eucaristia; monitora do batismo; catequista; membro da pastoral da saúde e da esperança. No concedeu essa entrevista na Igreja dos Santos Reis em 5 de janeiro de 2010, duração, 21 minutos.

**8-SANTOS**, Romão dos. 84 anos, trabalhador rural aposentado, residente na comunidade de Aldeia, nos recebeu em sua casa onde concedeu essa entrevista em 07 de outubro de 2006, duração, 65 minutos.

**9-VASCONCELOS**, Terezinha Dias. 84 anos, professora aposentada, filha do fazendeiro Genis Dias. Residente na comunidade de Aldeia nos recebeu em sua casa onde concedeu essas entrevistas em 20 de dezembro de 2006, duração 125 minutos; entrevista em 20 de setembro de 2009 duração, 60 minutos; entrevista 05 de janeiro de 201, duração, 45 minutos.

**10-CONCEIÇÃO**, Maria Isabel da. 63 anos, trabalhadora rural aposentada residente na comunidade de Queimadas, nos recebeu em sua casa, onde concedeu essa entrevista em 15 de dezembro de 2010, duração 45 minutos.

**11-SANTANA**, José Souza de. 60 anos, engenheiro agrônomo, foi prefeito de Governador Mangabeira por dois mandatos, 1982 a 1988 e 1993 a 1997, nos recebeu em sua casa localizada à rua .... onde concedeu essa entrevista em 28 de dezembro de 2009, duração, 75 minutos.

**12-SOUZA**, Adilson Araujo de. 50 anos, foi tesoureiro da festa por duas vezes, micro empresário na cidade de Salvador onde reside, nos concedeu essa entrevista na Igreja dos Santos Reis em 05 de janeiro de 2010, duração 18 minutos.

**13-ADORNO**, Ermínia Leite. 87 anos (in memoriam) trabalhadora rural aposentada, residia em Aldeia, nos recebeu em sua casa onde concedeu essa entrevista em 04 de fevereiro de 2003, duração, 40 minutos.

**14-SANTANA**, José Conceição. 66 anos, (in memoriam) Pedreiro e músico que tocou varias vezes na festa dos Santos Reis, residia na comunidade de Queimadas, nos recebeu em sua casa onde concedeu essa entrevista em 08 de setembro de 2006, duração, 85 minutos

## REFERÊNCIA

ABREU, Martha. O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. Cultura popular um conceito e várias histórias. In: SOIHET, Rachel. (org.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. A Invenção do Nordeste e Outras Artes. FJN. Massangana. São Paulo. Cortez 1999.

\_\_\_\_\_. Fronteiras, Dourados, Ms, v. 10, n. 17, janeiro/junho. 2008.

AMADO, Janaína Ainda História e região: Reconhecendo e construindo espaços. In: Silva, Marco A. (Org.) República em Migalhas- História Regional e Local. Anpuh/Marco Zero. São Paulo 1990.

ANDRADE, Mário de. Danças dramáticas do Brasil. Livraria Martins Editora. São Paulo. V. I.

ANDRADE, Fabiane da Silva. Abra alas, minha gente! Festa, cultura e religiosidade popular no Terno de Reis Humildes em Alegria – 1966 a 1993. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós- graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional. Santo Antonio de Jesus, 2009.

BARICKMAN, B. J. Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. Editora da Universidade de Brasília. São Paulo Hucitec, 1993.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política (Obras Escolhidas). V. 1. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORBA, Silza fraga Costa. Industrialização e Exportação de Fumos da Bahia de 1870 a 1930. (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – UFBA) Salvador (BA): 1975, vol. 2.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. Apologia da História, ou, O ofício do historiador. Tradução, André Telles. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2001.

\_\_\_\_\_. Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo, 1993.

BOSI, Ecléa. O tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social. 2ª Ed. São Paulo: ateliê Editorial, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro: Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

\_\_\_\_\_. A cultura na rua. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1989.

BRITO, Gilmário Moreira. Pau de colher na letra e na voz. São Paulo: Educ, 1999.

\_\_\_\_\_. Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade. São Paulo: Annablume, 2009.

BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. Hibridismo cultural. São Leopoldo – RS: Unisinos, 2003.

BALANDIER, Georges. O Poder em Cena. Brasília: UNB, 1997.

BURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.

CARVALHO, Ailton Ribeiro de Carvalho. Tradição e Memória dos Ternos de Reis na Cidade de Jequié. In: AGUIAR, Edinalva Padre (org.) Recortes de Memória, cultura, Tradição e Mito em Vitória da Conquista e Região. Museu regional de Vitória da Conquista. Ilhéus: UESB, 2002.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. Pescadores da modernagem -cultura, trabalho e memória em Tairú, BA (1960-1990). Ed. Annablume. São Paulo; 2007.

CASTRO, Zaide Maciel de & COUTO, Aracy do Prado. Folias de Reis. Secretaria do Estado da Educação e Cultura. Minas Gerais, 1996.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil. 6 ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CASCUDO, L. da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Brasília: INL, 1979.

\_\_\_\_\_. Folclore no Brasil. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

CERQUEIRA, Daniele Neris de Souza. Celebrar a Fé: festa de São Gonçalo na "Cidade Jardim" São Gonçalo dos Campos (1987-1999). Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História. UEFS, Feira de Santana, 2010.

CERTEAU, Michel de A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COUTO, Edilece Souza. A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus –BA). Editora da Universidade Livro do Mar e da Mata, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). Carnaval e outras F(r)estas: ensaios de história social da cultura. Editora da Unicamp, CECULT, São Paulo: 2002.

FIGUEREDO, Alan José e AMARAL, Idalina Guedes. Ternos e Reisados em Macaúbas. Macaúbas – BA.fundação Cultural Profº Mota. 1996.

GALLIAN, Dante Marcello C. A Memória do Exílio: Reflexões sobre Interpretação de Documentos Orais. (Re)introduzindo a história oral no Brasil. (Org.):MEIHHY, José Carlos Sebe Bom. São Paulo. Xamã, 1996.

GAY, Peter. O Estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt; tradução Denise Bottmann.-São Paulo; Companhias das Letras, 1990.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e Memória do Passado. Projeto História, n. 17. Novembro 1998.

GARCIA Jr. Afrânio Raul. Terra de trabalho. Trabalho familiar de pequenos produtores. Paz e Terra, 1983. (coleção estudos sobre o nordeste; v.8)

GARCIA CANCLINI, Néstor. As Culturas Populares no Capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. GARCIA CANCLINI, Néstor. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade; tradução Heloisa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa; tradução da Introdução Gênese Andrade.- 4ª Ed. 4ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 (Ensaio Latino-Americanos, 1)

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhias das Letras, 1987.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In. JANCSÓN; KANTOR. Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa. SP: HUCITEC, 2001. v. 2.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; tradução La Guardia Resende...[et AL]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade/ tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10º ed. Rio de Janeiro:DP&, 2005.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. (Org.) A Invenção das Tradições. Paz e Terra; 2ª edição; São Paulo; 1997. Tradução de Celina Cardim Cavalcante.

JANCSON, Istvan & KANTOR, Iris. (orgs.). Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa. 2v. SP: Hucitec, 2001. v. I.

JANOTTI, Maria de Lourdes Manoco. O Coronelismo: uma Política de Compromisso. 8º ed. Brasiliense, 8ª ed. São Paulo, 1992.

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques. História Nova. Martins Fontes. Tradução, Eduardo Brandão. 2ª Ed. São Paulo, 1993.

LUCENA, Célia Toledo. Memórias de Famílias Migrantes: Imagens do Lugar de Origem. In. Projeto História, São Paulo, n. 17. Novembro de 1998.

MARCON, Telmo. Memória, história e cultura. Chapecó: Argos, 2003.

MATOS, Ilmar R. O Tempo de Saquarema: a formação do estado imperial. 2ª Ed. São Paulo Hucitec, 1990.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Folia de Reis: Liturgia do povo recriando o mistério da vida. In PATROTA, Rosangela (org.) Histórias e Historiografia: perspectiva contemporânea de investigação. Universidade de Uberlândia, programa de pós-graduação em história. EDUF 2003.

MIRCEA, Eliade. 1997- 1986. O sagrado e o profano: Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MEIRELLES, Willian Reis. História das Imagens: uma abordagem, múltiplas facetas. Pós História. Assis – São Paulo, 1995.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. Vestígios Recuperados- Experiência da comunidade negra rural de Tijuçu-BA. Editora Annablume; São Paulo; 2009.

MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: Algumas Reflexões. In. História do tempo Presente/ Gilson Porto Jr. (org.). Bauru, São Paulo, 2007.

NEVES, Erivaldo Fagundes. História Regional e Local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Salvador Arcádia, 2002.

NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo. 10 de dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Selma Felipe de. A Construção da Tradição. Cultura volume 4 nº 01, junho de 1996. Projeto Historia; São Paulo; nº 17; novembro de 1998.

OLIVEIRA, Pedro Antonio Ribeiro de. Religião e Dominação de Classe. Gênese, Estrutura e Função do Catolicismo Romanizado no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Selma Felipe de. A Construção da Tradição. Nº 01, junho de 1996. Projeto História, São Paulo, n. 17. Novembro de 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Reconcavo Sul: Terra, Homem, Economia e poder no século XIX. Dissertação apresentada ao Mestrado da Faculdade de Filosofia Ciências Humanas da UFBA.

OLIVA JUNIOR, Edgard Mesquita. Persistência e Sobrevivência dos Presépios e Reisados: a estética da cultura popular nas sociedades da Chapada Diamantina. UFBA. Potenciais da Imagem –Especialização Lato Sensu. 2002.

PESSOA, Jadir de M. Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCH/Kelps, 2005.

PRIORE, Mary Del. Festas e Utopias no Brasil Colonial. São Paulo: brasiliense, 2000.

LAGROU, Pieter. Sobre a Atualidade da História do Tempo Presente. In. História do tempo Presente/ Gilson Porto Jr. (org.). Bauru, São Paulo, 2007.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas Reflexões sobre a Ética na História Oral. In. Projeto História n. 15 Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, 1997.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 2001.

PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In: BRANDÃO, Maria (org.) Recôncavo da Bahia – Sociedade em Transição. Salvador, UFBA, 1997.

PROST, Atoine. VINCENT, Gerard. Da primeira Guerra a nossos Dias. São Paulo. Companhia das Letras. 1987.

QUIRINO, Manoel. A Bahia de Outrora. Coleção de Estudos Brasileiros; série 1ª autores nacionais. Vol. 3. Salvador: Progresso, 1946.

REIS, João José. A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX. São Paulo Companhia das Letras, 1991.

RESENDAHL, Zeny. Espaço e Religião: uma abordagem geográfica. 2ª Ed. Rio de Janeiro; UERJ – Nepec, 1996.

SAMPAIO, Moisés de Oliveira. O Coronel Negro: coronelismo e poder no Norte da Chapada Diamantina. (1864-1919), Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da UNEB, Campus V. 2009.

SANTANA, Charles d`Almeida. Fartura e Ventura Camponesa: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980. São Paulo Annablume, 1998.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, fevereiro de 1990.

SANTOS, Joilza Farias. Religiosidade, Festa e Memória. (Bahia-1960-2000) Programa de Pós Graduação em Historia Regional, UNEB Campus V, Santo Antonio de Jesus, 2004.

SCHWARTZ, Stuart B. Segredos Internos. Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial. 1530-1835. São Paulo. Companhia das Letras. 1988.

SERRA, Ordep. Rumores de Festa: O Sagrado e o Profano na Bahia. EDUFBA, 1999.

SILVA, Elizabete Rodrigues. Ser Charuteira: Uma Atividade Feminina. Dissertação de Mestrado, Salvador, UFBA, 2001.

SILVA, Marco A (Org.) Republica em Migalhas- História Regional e Local. Anpuh/Marco Zero. São Paulo 1990.

SILVA, Luis Carlos Borges da. A Vila e o Coronel – Poder local na vila de Cabeças. (1930-1962). Monografia de Especialização. UNEB, 2004.

SILVA, Cândido da Costa e. Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982.

SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. Memórias e tradições: Viveres de trabalhadores rurais do município de Dom Macedo Costa. Bahia, 1930-1960. Programa de Mestrado Interinstitucional em História Oral. PUC/SP, 1999.

SONTAG, Susan. Ensaio sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

THETHÊ, Josiane Andrade. O Tabuleiro das Vendas: Cotidiano de um Povoado Marcado pelas Lojas das Roças. Dissertação de Mestrado- Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, 2010.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória; Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In. Projeto História n. 15 Ética e História Oral. São Paulo; EDUC. 1997.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, E, P. Costumes em comum. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VITORINO, Fernanda Manuela de Oliveira. O Samba do Bagaço de Riachão do Jacuípe (1982 – 2006). Trabalho de conclusão do curso em Licenciatura em História, UEFS, 2010.

VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo, Brasiliense, 1987.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.